

## 4.

**O Cântico das Criaturas: da origem à sua originalidade****Considerações iniciais**

Depois do percurso de análise dos momentos da vida mística de Francisco, passaremos à compreensão dos últimos anos da sua vida quanto à gestação histórica, literária, a hermenêutica bíblica, o contexto do nascimento do Cântico. Em nenhum gesto ou palavra o homem de Deus Francisco, no seu processo contínuo de conversão ao Criador e às criaturas, por amor ao Criador, se descuidou ou esteve desatento ao amor criativo e fraterno, nesta perspectiva, a retórica de Francisco se torna lírica para cantar a bondade criadora do Altíssimo (cf. 1Cor 1-13). O nascimento do Cântico, no momento mais maduro de uma existência toda inteira mística, reproduz no seu espírito, no seu corpo a intimidade com o Senhor, o Cântico representa o ápice de uma opção radical do seguimento de Jesus, numa linguagem própria do Cântico, o louvor, “louvado sejas” ao “Altíssimo, onipotente, bom Senhor” (Cnt 1,1).

Nesse capítulo a pesquisa se orienta em evidenciar a importância do canto, a sua vivência litúrgica e cotidiana na vida de Francisco. Também apresentaremos a partir das Fontes Franciscanas a origem, as circunstâncias deste nascimento, o gênero literário, a autenticidade do Cântico, o último louvor ao Criador, composto por Francisco<sup>475</sup>.

Francisco ama a poesia e a música, testemunha o primeiro biógrafo Tomás de Celano, quando ressalta o tempo precedente à conversão do santo, diz-nos que este, à noite, juntamente com os seus companheiros, perturba o sono dos habitantes de Assis “com cantigas de ébrios pelas praças da cidade” (2Cel 7,7); e na Legenda dos Três Companheiros (LTC) lemos que ele se abandona apaixonadamente aos “divertimentos e aos cânticos, percorrendo a

---

<sup>475</sup> As Fontes Franciscanas e Clarianas (FFC), edição brasileira, fornecem uma relação de 29 ‘Escritos de São Francisco’, considerados autênticos, passados sob várias edições críticas. Os Escritos de Francisco constituem a principal fonte franciscana. É o próprio Francisco que se nos apresenta pessoalmente, sem intermediários e sem filtro ótico, de maneira unitária, com suas palavras, idéias, propósitos, sentimentos, vontades, exortações, religiosidade, orações, ideais e desejos. Estes Escritos, considerados Fontes, conferem valor e unidade aos diversos enfoques diversificados e fragmentados transmitidos pelas biografias e corrigem as possíveis distorções. Se quisermos encontrar Francisco de Assis de maneira não fragmentária, devemos procurá-lo nos seus escritos. Cf. Introdução às FFC, p. 16.

cidade de Assis de dia e de noite em companhia dos que eram iguais a ele” (LTC 2)<sup>476</sup>.

A paixão de Francisco pelo canto permanece nele por toda a vida, mesmo depois da sua conversão, por toda a vida. Após renunciar à herança paterna, lá se vai ele pelos bosques “cantando os louvores ao Senhor, o Criador” (1Cel 16); quando nas praças de Assis, pede pedras de esmola aos seus compatriotas para restaurar a igreja de São Damião, invoca a caridade pública cantando ( cf. 2Cel 13); cantando parte, com frei Egidio, para a sua primeira missão<sup>477</sup>. Depois pede ao canto consolo nas suas frequentes e longas doenças, e até mesmo a morte ele a acolhe cantando, *mortem cantando suscepit*, escreve Tomás de Celano (cf. 1Cel 217).

As experiências religiosas, que envolvem o espírito de Francisco, amiúde se manifesta exteriormente. Em muitas passagens dos seus Escritos nós verificamos que, não de improviso, um entusiasmo poético apodera-se dele, e assim temos a surpresa de encontrar, no meio de um capítulo da Regra Não Bulada (RNB 23), um canto de louvor ao Onipotente, uma *Laude*, seu Cântico de louvor, loa, hino<sup>478</sup>. Francisco no início capítulo 21, da mesma Regra, fala de uma das suas *laudes* que os frades deverão cantar onde e quando quiserem:

Todos os meus irmãos, quando lhes aprouver, podem com a bênção de Deus anunciar entre quaisquer homens esta exortação e lauda: temei e honrai, louvai e bendizeis, rendei graças (1Ts 5,18) e adorai o Senhor Deus Onipotente na Trindade e na Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas( RNB 21,1-2).

Nesta *lauda* Francisco introduz, num texto legislativo, uma oração de louvor ao Deus trinitário. Os irmãos devem fazer do canto de louvor evangelização, anúncio da alegria, como intimidade que adora o Senhor Criador de todas as coisas<sup>479</sup>.

<sup>476</sup> Cf. JOERGENSEN, J. *São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1957, p. 18.

<sup>477</sup> “Francisco e frei Egidio, caminhando para a região das Marcas exultavam profundamente no Senhor (cf. Fl 4,10), mas o santo homem, cantando em Francês em voz alta e sonora os louvores do Senhor, bendizia e glorificava a bondade do Altíssimo”. Descreve também o Anônimo Perusino (AP 15): “Enquanto caminhavam, exultavam não pouco no Senhor. Francisco, o homem de Deus, no entanto, exultou com voz muito sonora, cantando em Francês, louvando e bendizendo (cf. Lc 24,53) ao Senhor. De fato, neles a alegria era grande e em profusão, como se eles tivessem adquirido o maior tesouro” (LTC 33).

<sup>478</sup> Cf. JOERGENSEN, J. *Op. Cit.*, p. 19

<sup>479</sup> O Cântico de Francisco se insere entre as comunicações espontâneas de um indivíduo com Deus, expresso em termos pessoais de louvor poético, na linha da oração-expressão privi-

É preciso destacar a originalidade de Francisco, o homem profundamente alegre que manifesta sua relação com Deus, o bom e eterno Criador, através da manifestação espontânea do canto, um canto novo, polifônico e com harmonia com todas as criaturas para agradecer, em louvor místico, a sua própria e original vida como um canto ao Criador.

#### 4.1.

#### **A originalidade de Francisco de Assis: a vida como canto ao Criador**

A reflexão sobre o canto<sup>480</sup>, como forma de oração de louvor, própria da manifestação do entusiasmo, manifestação do místico sentimento fraterno de Francisco, desde o primeiro momento do itinerário empreendido, o coração jubiloso, a alegria inunda a vida de Francisco: “Uma indizível alegria e máxima suavidade pouco a pouco começaram a inundar o íntimo do seu coração” (1Cel 26,4)<sup>481</sup>.

O carisma de Francisco desperta para uma experiência mística descoberta no encontro com os pobres de Assis, a quem dedicará o Evangelho da pobreza, outros e outras também o fizeram na sua época, mas como já afirmamos Francisco é fascinado por uma redescoberta bíblico-evangélica ao que associa

---

legiada do seu sentimento religioso, o pulsar mais íntimo do seu ser: “Do ponto de vista fenomenológico, o ato de rezar adquire uma excepcional importância, porque constitui o momento de expressão do sentimento religioso: é a atualização da experiência religiosa, é a sua concretização aqui e agora em uma ação, em um gesto, em uma palavra que coloca a pessoa diretamente em contato com o divino. Desse ponto de vista, a oração é a verdadeira religião e é, ao mesmo tempo, quase o respiro e o pulso de qualquer experiência religiosa autêntica”. PÁDUA, L.P. *O Humano e o Fenômeno Religioso*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2010, p. 97.

<sup>480</sup> Cantus (século XIII): canto (cantum, de canere ‘cantar’) Som musical emitido pela voz humana; Melodia ou conjunto de melodias cantadas. Termo genérico que designa as atividades ligadas à música para coro, conjunto de sons de cantores. Usamos o termo, na vida de Francisco, como ato ou efeito de cantar, cantoria. Enquanto utilizamos o termo Cântico (canticum: século XIII) como melodia (canção), ode, elegia ou poema lírico de caráter religioso, um canto específico, geralmente em louvor à divindade, como cântico devocional, cântico recitativo. É qualquer e todo hino ou poema em louvor a alguém ou algo. O cântico está intimamente associado à composição poética de versos curtos e dividida em estrofes, própria para ser cantada pelos trovadores. Assim compreendemos a vida de Francisco como um canto de louvor a Deus e máxima expressão da sua personalidade em gáudio e alegria. O Cântico é a síntese poética, como hino de louvor ao Criador em confraternização com todas as criaturas. Cf. DH; VLI. Os verbetes correspondentes.

<sup>481</sup> O mesmo Celano, um pouco mais adiante nos recorda, quando os frades forem pelo mundo (cf. LM 3,7; LTC 33; AP 15; Fior 13), manifestem e respondam em toda e qualquer situação com alegria: “E eles, com júbilo e grande alegria (cf. 1Mc 5,54), recebendo o mandato da santa obediência, prostravam-se suplicante por terra diante de São Francisco” 1Cel 29, 5-6. Nes-

o cântico da vida, à vida e ao louvor. Expressa com emoção poética o estudioso do Cântico, Eloi Leclerc: “Em Francisco o Evangelho da pobreza é idêntico ao Evangelho do Cântico. Ele é o pobre que canta”<sup>482</sup>.

Antes mesmo da sua conversão<sup>483</sup>, Francisco já manifesta predileção pelo canto. Tomas de Celano, enumera as diversas atividades que caracterizam o jovem Francisco durante sua juventude, chama atenção para as canções<sup>484</sup>: “Causava admiração a todos e esforçava-se por ultrapassar os outros no fausto da vanglória, nos jogos, nas extravagâncias nas palavras jocosas e frívolas, nas canções, nas vestes macias e amplas” ( 1Cel 2,3).<sup>485</sup>

A conversão de Francisco, sua experiência mística ao Cristo e sua exigência de radical pobreza evangélica, não faz emudecer seu canto, mas lhe da nova inspiração. Imediatamente após o rompimento com o pai, diante do tribunal do bispo de Assis (cf. 1Cel 15; 2Cel 12; LM 2,4; LTC 19; AP 8), afirma Tomás de Celano:

Francisco, vestido agora com andrajos aquele que outrora usava escarlate, ao caminhar por um bosque e cantar louvores ao Senhor em língua francesa... alegrando-se com grande júbilo, começou a cantar em alta voz pelos bosques louvores ao Criador de todas as coisas (1Cel 16).

Francisco, desde a juventude recorre à língua materna nos momentos de alegria. Só nos últimos anos canta em latim, como a liturgia da Igreja, e

---

ta perspectiva poder-se-ia citar Is 35, 10: “Voltarão a Sião com cânticos; à frente, alegria perpétua”.

<sup>482</sup> LECLERC, E., Canto. In.: *DF*, p. 72.

<sup>483</sup> O santo relembra no seu Testamento (1226) este acontecimento radical na sua vida: “Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência: como eu estivesse em pecados, parecia-me sobremaneira amargo ver leprosos. E o próprio Senhor me conduziu entre eles, e fiz misericórdia com eles. E afastando-me deles, aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo; e, depois, demorei só um pouco e saí do mundo” (Test. 1-3). Para o significado da sua conversão: BOUGEROL, Jacques-Guy, Conversão. In *DF*, p.101-105.

<sup>484</sup> “Francisco – conforme o seu primeiro biógrafo - possuía voz vibrante e doce, clara e sonora” (1 Cel 83). Em determinadas noites, o jovem de Assis e seus amigos “mancham com canções de ébrios as praças da cidade” (2 Cel 7).

<sup>485</sup> Lemos ainda na Legenda dos Três Companheiros: “Francisco, oriundo da cidade de Assis, que está situada nas extremidades do Vale de Espoleto, foi primeiramente chamado de João por sua mãe, mas depois foi cognominado de Francisco pelo pai – em cuja ausência nascera -, no momento em que este voltou da França. Depois que se tornou adulto e perspicaz de inteligência, exerceu o ofício do pai, isto é o comércio, mas de maneira muito diferente, pois era mais alegre e liberal do que ele, aficionado aos divertimentos e aos cânticos, percorrendo a cidade de Assis de dia e de noite em companhia dos que eram iguais a ele...” LTC 2; cf. LM 1,1; AP 3.

conservará o Umbro, como um homem do seu povo<sup>486</sup>, voltaremos ao tema quando considerarmos a língua original do Cântico quando como um canto de louvor na língua dos trovadores<sup>487</sup>, Francisco começa sua nova vida de convertido e o canto não cessará de acompanhá-lo por toda vida. Será uma das características de seu caminho rumo a Deus. Descreve o biógrafo Tomás de Celano:

E por vezes fazia coisas como estas. Quando fervia dentro dele a mais suave melodia do espírito, ele a expressava exteriormente em língua francesa<sup>488</sup>, e a veia do divino sussurro, que seu ouvido captava furtivamente, prorrompia em júbilo (cantando em) francês. De vez em quando como vi com os (meus próprios) olhos, ele colhia do chão um pedaço de pau e, colocando-o sobre o braço esquerdo, mantinha um pequeno arco curvado por um fio na mão direita, puxando-o sobre o pedaço de pau como sobre um violino e, apresentando para isto movimentos próprios cantava em francês (cânticos) sobre o Senhor (2Cel 127)<sup>489</sup>.

<sup>486</sup> Cf. BARGELLINI, P. *São Francisco de Assis*. Brasília: ed. Universidade de Brasília, 1980, p. 139.

<sup>487</sup> As fontes históricas de sua vida mostram Francisco como um jovem poético, apaixonado e ambicioso. Ao que parece, era um líder por natureza, dom esse que explorava ao máximo, por ocasião das festas e noitadas que frequentemente celebrava com um grupo de jovens assisienses. Costumava conduzir seus amigos e companheiros pelas ruas de Assis, cantando canções de amor e recitando poemas de trovadores. Cf. DOYLE, E. *Francisco de Assis e o cântico da fraternidade universal*. São Paulo: Paulinas, 1985, p.18. O melhor estudo, surgido nos últimos tempos sobre os traços do perfil psicológico da personalidade de Francisco, em todas as etapas da sua vida, é: ZAVALLONI, R. *A personalidade de Francisco de Assis – Estudo psicológico*. Petrópolis: Cefepal, 1993, com apurada e vastíssima bibliografia.

<sup>488</sup> É importante recordar que a mãe de Francisco se chamasse Pícar, que fosse na, verdade francesa ou de sangue nobre, pode ter certamente significado muito nos primeiros anos de Francisco e na sua formação de menino. Cf. CARDINI, F. *São Francisco de Assis*. Lisboa: editorial presença, 1989, p. 40-41; “No século XII, o filho do sexo masculino, bem nascido, fica até os sete anos com as mulheres, prisioneiro de uma “língua materna” circunscrita a um mundo estreito. Quando ele entra no mundo dos homens, hesita entre o amplo uso da língua materna, a dos cavaleiros, e um uso escolar da ‘língua’ verdadeira e completa, a do pai, que os filhos não sabem falar com desembaraço” BATANY, Jean. Escrito/oral. In. LE GOFF, J., – SCHMITT, J-C. In: *DTOM*. Bauru: EDUSC, 2002, p. 386.

<sup>489</sup> Quanto ao uso da língua francesa, todos os autores franciscanos são concordes, Francisco fez uso desta língua materna, nos momentos de alegria e contentamento espiritual muito cedo na sua vida, como recorda inclusive Santa Clara de Assis ao escrever seu Testamento (1247), quando Francisco estava construindo a igreja de São Damião, em que foi visitado plenamente pela graça divina, e foi impelido a abandonar totalmente o mundo: “Pois, nessa ocasião, subindo ao muro da igreja, ele disse em voz alta e em francês para uns pobres que moravam ali perto...” TestC 10-12. Muito antes Celano recorda este fato em 1Cel 13. Celano escreve, quando Francisco afirma ser o arauto do grande Rei (cf. Sl 47,3; Mt 27,4): “Vestido agora com andrajos aquele que outrora usava escarlate, ao caminhar por um bosque e cantar os louvores ao Senhor em língua francesa...” 1Cel 16, acrescenta São Boaventura: “E caminhando por um bosque, enquanto Francisco, o homem de Deus, cantava em júbilo louvores ao Senhor em língua francesa...” LM 2,5. A mesma alegria pode ser encontrada na Legenda dos Três Companheiros, quando o homem de Deus transbordava de salutar regozijo, no fervor do espírito em língua francesa. Cf. LTC 23. Confirma os textos anteriores o Espelho da Per-

Francisco convida todos os homens e mulheres a cantar: a começar pelos seus irmãos, os confrades, seguidos de todo o povo de Deus. O mais belo convite ao canto foi por ocasião da celebração no Natal do Senhor no Eremitério de Greccio, em 1223, como nos recorda Celano:

E aproximando-se o dia da alegria, chegou o tempo da exultação. Os irmãos foram chamados de muitos lugares; homens e mulheres daquela terra, com ânimos exultantes... as pessoas chegam ao novo mistério e alegram-se com novas alegrias... os irmãos cantam, rendendo os devidos louvores ao Senhor, e toda a noite dança de júbilo. O santo de Deus veste-se com os ornamentos de levita<sup>490</sup>, porque era levita, e com voz sonora canta o Evangelho. E a voz dele, de fato, era uma voz forte, voz doce, voz clara e voz sonora, a convidar todos aos mais altos prêmios<sup>491</sup>.

A vida de Francisco, seu amor radical em todas as circunstâncias à todas as criaturas, não pode ser imaginada como sendo somente de um canto entusiástico. Houve também dias sombrios nesta existência, em que, tocado por toda sorte de sofrimentos físicos e morais, é presa fácil da tristeza, do abandono, da angústia. Em tais situações de desalento, recorre ao canto para afugentar de seu espírito, afirma que o remédio mais seguro contra as mil insídias e astúcias do inimigo é a alegria espiritual que se exprime através do canto, é para ele, uma arma contra a tentação da tristeza e da amargura. Com alma aberta, com alegria espiritual de quem tudo confia no autor da sua alegria imensa:

---

feição: “Inebriado de amor e compaixão por Cristo, às vezes São Francisco fazia coisas assim: a dulcíssima melodia do espírito que fervia dentro dele, com frequência, jorrava exteriormente em francês; e a veia do murmúrio divino, que apenas o seu ouvido captava (cf. Jó 4,12), irrompia em júbilo francês” 2EP 93, 1-2. A LTC afirma que Francisco: “Postando-se nos degraus da igreja de São Pedro com os outros pobres, pedia esmola em francês, porque de bom grado falava a língua francesa, embora não a soubesse falar corretamente” LTC 10.<sup>490</sup> O texto original latino diz: “Induitur sanctus Dei leviticis ornamentis, quia levita erat”. Com o termo “levita” se entende tanto o sacerdote como o diácono e se entende todos os que pertencem à tribo sacerdotal de Levi (Gn 49,5; Dt 27,12; 1Cr 231,6; Mal 2,4). Se trata, portanto de um termo polivalente e não se pode admitir absolutamente que o termo “levita” e o termo “diácono” sejam sinônimos, como muitas vezes se confundiu nas traduções. Nossa questão não é tanto se Francisco era ou não diácono, mas sim queremos afirmar que ele cantou o Evangelho. Para a questão do diaconato de Francisco e o canto do Evangelho é muito precisa e bem fundamentada a pesquisa publicada pela Collectio Assisiensis: BONI, A. *La questione del potere nell'ordine dei frati minori*. Assis: Porziuncola, 2003, especificamente, p. 44-51.

<sup>491</sup> 1 Cel 85-86. São Boaventura acrescenta à narrativa mais alegria e entusiasmo a Francisco, pela importância da celebração da encarnação do menino Deus naquela noite venerável e esplendente, “Com louvores sonoros e harmoniosos. O homem de Deus estava de pé diante do presépio, repleto de piedade, banhado de lágrimas e transbordante de alegria. A solenidade da missa é celebrada sobre o presépio, cantando o Evangelho Francisco, o levita de Cristo” LM 10,7.

O demônio então exulta acima de tudo, quando pode surrupiar ao servo de Deus a alegria de espírito. Mas quando a alegria espiritual enche os corações, em vão a serpente derrama o veneno letal. Os demônios não podem ofender o servo de Cristo, quando o virem repleto de santa alegria (2 Cel 125)<sup>492</sup>.

O canto, para Francisco, não é somente um instrumento intuitivo e próprio da sua personalidade, usado muitas vezes contra os momentos de preocupação e tristeza, mas também poderosa forma de irradiação e evangelização da bondade de Deus. Por isso, depois de ter composto o Cântico, os compiladores afirmam:

Seu espírito estava em tão grande doçura e consolação que queria mandar procurar Frei Pacífico<sup>493</sup> – que no mundo se chamava rei dos versos e foi mestre muito cortês de cantos – e dar-lhe alguns irmãos bons e espirituais para que fossem pelo mundo, pregando e louvando a Deus... Terminados os Louvores, queria que o pregador dissesse ao povo: “Nós somos os jograis do Senhor e nisto queremos ser remunerados por vós, a saber, que estejais em verdadeira penitência<sup>494</sup>. E dizia: “O que, pois, são os servos de Deus, a não ser de alguma forma os seus jograis, que devem mover os corações dos homens e alçá-los à alegria espiritual?” (CA 83,24-25).

Emerge deste texto o grande desafio, viver na penitência, pregar a penitência, salta aos olhos um paradoxo grandioso, próprio do chamado ao seguimento de Jesus Cristo: a alegria do louvor. A alegria da festa da vida como ação de graças por força da ação do Espírito do Senhor<sup>495</sup>. É nesta perspectiva que a vida de Francisco é um convite à oração de agradecimento ao

<sup>492</sup> E ainda lemos: “Nos dias em que estava em Rieti para o tratamento dos olhos, chamou um dos companheiros que no mundo fora citarista, dizendo: “Irmãos, os filhos deste mundo não entendem os segredos divinos. Eu gostaria, portanto, irmão, que trouxesses em segredo uma cítara de empréstimo, com a qual, fazendo um canto honesto, desses algum alívio ao irmão corpo cheio de dores” 2 Cel 126.

<sup>493</sup> “E, quando ele acabou de compor o canto, o seu coração ficou repleto de consolação e de alegria. E ele quis logo que frei Pacífico e outros frades se pusessem em giro pelo mundo; e que onde quer que chegassem, parassem e cantassem o novo cântico, e depois, como verdadeiros jograis de Deus, pedissem uma recompensa: que os ouvintes se convertessem e se tornassem bons cristãos”. JOERGENSEN, J. *Op. Cit.* p. 337.

<sup>494</sup> No universo franciscano, bem como na história de sua espiritualidade, a palavra penitência guarda, além das mortificações, o tema da pregação franciscana, o chamado à conversão. A partir da fraseologia empregada por Francisco nas primeiras linhas de seu Testamento é evidente que para ele, penitência significa uma inversão de valores que a pessoa humana de uma vida instintiva centrada no próprio ‘eu’ a uma vida inteiramente entregue e sujeita à vontade ao senhorio de Deus. É viver sob a inspiração do Espírito Santo que interpela à uma vida nova. Na concepção de Francisco, penitência é metanóia em sentido bíblico (cf. Mc 1,15). Cf. ESSER, K. *Origens e Espírito Primitivo da Ordem Franciscana*. Petrópolis: Vozes, 1972, p. 220-225; Este mesmo estudioso considera a penitência a característica fundamental da vida Franciscana: Id.; GRAU, E. *Risposta all'Amore*. Milão: EBF, 1978, p. 9-23; PAZZELLI, R. Penitência In: *DF*, p. 551-554.

<sup>495</sup> Cf. SOBRINO, J. *O princípio misericórdia*. Descer da cruz os povos crucificados. Petrópolis: Vozes, 1994, p.16-28.

Altíssimo por sua bondade, sua misericórdia (cf. Lc 15, 1-32), na raiz dos seus ensinamentos, como rezamos no Prefácio da Oração Eucarística VI-D:

Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação, dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Pai misericordioso e Deus fiel. Vós nos destes vosso Filho Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor. Ele sempre se mostrou cheio de misericórdia pelos pequenos e pobres, pelos doentes e pecadores, colocando-se o lado dos perseguidos e marginalizados.

Os herdeiros da mística de Francisco vivem a alegria evangélica e com a vida de penitência e a palavra, anunciam um Deus amoroso que cuida de todos como filhos e filhas muito amados, o que recorda a possibilidade de aprendermos a ver a Deus desde o mundo das vítimas e aprendermos a ver este mundo de vítimas a partir de Deus. Verdade que não pode ser esquecida: que o Evangelho, *eu-aggelion*, não é só verdade que precisa ser afirmada diante de tantos questionamentos, mas é antes de tudo boa-nova que produz ação de graças no empenho misericordioso que envolve os pequenos e pobres, doentes e pecadores, perseguidos e marginalizados, a mística do Reino inaugurado por Jesus<sup>496</sup>. Aprendermos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria, ação de graças como verdadeira celebração do sentido da vida.

#### 4.1.1.

#### **Francisco de Assis: guardião-cantor do louvor às criaturas**

Por detrás do modo de Francisco cantar está como pano de fundo o tema básico do louvor. Esse louvor brota do maravilhamento diante da obra de Deus. Temos uma compreensão do canto na vida de Francisco, apresentada por ele mesmo na RNB, capítulo XXIII, retomamos aqui final no texto, quando ele deixa que sua alma se expanda livremente, experimentando-se numa imensa oração de Ação de Graças. Nada pode falar tanto a respeito da dimensão interior de Francisco quanto esta fonte borbulhante de louvor. Nesta oração estão presentes todas as suas preocupações pessoais. Sua visão se dilata atingindo as dimensões do mundo e do desígnio de Deus. Por sua amplitude e inspiração esta oração de louvor é dos mais belos textos de Francisco. A prece

<sup>496</sup> Sempre de novo é oportuno lembrar as importantes reflexões apontadas nesta perspectiva por GALLARDO, C.B. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 84-87.

revela um Francisco completamente orientado na direção de Deus. Seu canto é dirigido ao Pai por meio do Filho no Espírito Santo envolvendo nele o destino do mundo<sup>497</sup>.

O Convite da ação de graças, até mesmo em seus termos linguísticos, se identifica com o Louvor de Jesus. Francisco escreve, abrindo o capítulo: “Onipotente, Santíssimo, Altíssimo e Sumo Bem, Pai santo e justo, Senhor Rei do céu e da terra, nós vos rendemos graças por causa de vós mesmo” (cf. Mt 11,25; Lc 10,21; Jo 17,11). O louvor de Francisco fica acentuado que é pela inspiração divina, por causa de Deus mesmo, o Deus Criador, por sua santa vontade criadora e “com vosso único Filho com o Espírito Santo criastes todos os seres... e a nós, feitos à vossa imagem e semelhança” (RNB 23,1). Deus é louvado por si mesmo, por sua missão criadora<sup>498</sup>, e Francisco destaca a criação como fruto da Trindade<sup>499</sup>.

Depois desta invocação introdutória, a Ação de Graças se desenvolve evocando os três grandes momentos do desígnio de Deus, em três grandes teofanias<sup>500</sup>. É sobretudo a criação do universo e particularmente das criaturas que constitui o objeto do encantamento e do louvor de Francisco: “Porque pela vossa santa vontade e pelo vosso único Filho com o Espírito Santo criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós, feitos à vossa imagem e semelhança, nos colocastes no paraíso. E nós caímos por culpa nossa”(RNB 23,2). Imediatamente descreve a narrativa de Francisco a redenção, a salvação

<sup>497</sup> Cf. LECLERC, E., Canto . In: *DF*, p. 73.

<sup>498</sup> O início absoluto, saído das mãos de Deus Criador, como compreende a teologia: “Deus tem um único desígnio criador e salvador, mas que em sua complexidade pode ser distinguido. No início de tudo, está a livre vontade e o projeto da Trindade. O Pai, em seu infinito amor, cria todas as coisas e pessoas em, por e para Jesus Cristo (cf. Cl 1,16). Esse ato criativo, esta primeira palavra – protologia – termina na plenitude da vida do cosmos e da humanidade em comunhão com a própria Trindade, a última palavra de Deus – escatologia. Deus Pai cria e chama todo o criado a participar de sua vida pelas duas mãos do Verbo e do Espírito”. LIBÂNIO, J. B., *Eu Creio. Nós Cremos. Tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 228.

<sup>499</sup> Esta compreensão revela a intimidade de Francisco de Assis com a tradição bíblica. O Deus da Bíblia é continuamente celebrado como o Deus Criador. Deus toma cuidado do mundo, obra das suas mãos (Sl 104). Esta noção bíblica de criação não é mera questão teórica, mas uma questão de existência. Ao repisar tantas vezes a atividade do Criador, os escritores sagrados querem sublinhar seu poder e, corolário natural deste, a pequenez e dependência humana diante de Deus (Sl 33,8; 103,14; Jó 10,9. 33,6) Para falar da atividade criadora de Deus a Bíblia emprega o indicativo presente, dando a esta obra caráter permanente: Is 44,24: “Sou eu, o Senhor, que faço tudo: eu estendi os céus, eu sozinho, fiz a superfície da terra, quem me assistia?”. A criação e a redenção são atos permanentes de Deus. O ensino do AT, referente à criação, é prodigiosamente rico. Embora baseado em pressupostos hoje ultrapassados, declara, isto é o que importa, que o mundo existe exclusivamente por Deus, que sem ele não haveria vida alguma. Cf. PIDOUX, G. *Criação*. In: *VB*, p. 77-78.

<sup>500</sup> Cf. In: *DET*, p. 446.

da humanidade graças à encarnação do Filho de Deus, que veio habitar em nosso meio, e a morte de cruz:

E rendemos-vos graças, porque, como por vosso Filho nos criastes, do mesmo modo, pelo santo amor com que nos amastes, o fizestes nascer como verdadeiro Deus e verdadeiro homem da gloriosa sempre Virgem, a beatíssima Santa Maria, e quisestes que nós, cativos, fôssemos remidos por sua cruz, sangue e morte (RNB 23,3,).

Francisco segue rendendo graças pela volta do Filho, com a qual se abrirá o tempo da Glória e da comunhão de todos os filhos e filhas de Deus no Reino do Pai:

E rendemos-vos graças, porque o mesmo Filho vosso há de vir na glória de sua majestade para lançar ao fogo eterno os malditos, que não fizeram penitência e que não te reconheceram, e para dizer a todos os que te reconheceram, adoraram e serviram em penitência: Vinde, benditos de meu Pai, recebei o Reino que foi preparado para vós desde a origem do mundo (RNB 23,4).

Entusiasmado, e de forma inusitada, diante de tão maravilhoso desígnio, Francisco, consciente de sua indignidade, na perspectiva da teologia trinitária, suplica a Cristo, o Filho amado, que renda graças, ele próprio, ao Pai no Espírito Santo:

E porque nós todos, miseráveis e pecadores, não somos dignos de proferir vosso nome, suplicantemente vos pedimos que Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso dileto Filho, em quem tendes toda complacência, juntamente com o Espírito Santo Paráclito, por tudo vos renda graças como agrada a vós e a ele, que em tudo sempre vos satisfaz, e por meio de quem nos fizestes tão grandes coisas (RNB 23,5).

Francisco convoca todos os frades à prática da alegria da Ação de Graças, como iniciativa divina, para ele a Ação de Graças do dom de Deus, a medida do amor de Deus por nós. Descobrimos, assim, o manancial do canto de Francisco: admiração profunda e sempre nova diante do Amor que é revelado no Filho, um Amor totalmente gratuito, que norteia toda a vida espiritual de Francisco, ao qual tudo devemos e ao qual seguimos com amor radical empenhando todo o sentido da nossa vida<sup>501</sup>:

<sup>501</sup> Cf. LECLERC, É. Canto. In.: *DF*, p. 75.

Amemos todos, de todo o coração, com toda a alma, com todo o pensamento, com todo o vigor e fortaleza com todo o entendimento, com todas as forças, com todo o empenho, com todo o afeto, com todas as entranhas, com todos os desejos e vontades ao Senhor Deus; a ele que nos deu e nos dá a todos nós todo o corpo, toda a alma e toda a vida; a ele que nos criou, nos remiu e somente por sua misericórdia nos salvará; a ele que a nós, miseráveis e míseros, pútridos e fétidos, ingratos e maus, fez e faz todos os bens (RNB 23,8).

Francisco entende que o amor de Deus, da protologia<sup>502</sup> à soteriologia<sup>503</sup>, Criador<sup>504</sup>- Redentor-Salvador<sup>505</sup> por nós pecadores, seguidores do Filho Jesus Cristo, convoca à conversão, adesão radical, em profunda alegria de ser discípulo (a) e viver na sua presença em contínuo louvor e Ação de Graças:

Portanto, nada mais desejamos, nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser o nosso Criador<sup>506</sup>, Redentor<sup>507</sup> e Salvador<sup>508</sup>, único Deus verdadeiro, que é o bem pleno, todo o bem, o bem total, verdadeiro e sumo bem, o unicamente bom, piedoso, manso, suave e doce, o unicamente santo, justo, verdadeiro, santo e reto, o unicamente benigno, inocente, puro, de quem, por quem e em quem está todo o perdão, toda a graça, toda a glória de todos os penitentes e justos, de todos os bem-aventurados que se alegram juntamente com ele nos céus ( RNB 23,9).

<sup>502</sup> A protologia é a doutrina que compreende o princípio, a origem do mundo. Cf. In: *DET*, verbete correspondente, p. 380.

<sup>503</sup> A soteriologia é a doutrina da salvação realizada em Jesus Cristo. Cf. In: *DET*, verbete correspondente, p. 434.

<sup>504</sup> Sobre o tema da criação, como o primeiro motivo da ação de graças; A criação não é um ato finito e isolado; a atenção contínua de Deus Criador à sua criação; o Deus Criador na história e a função mediadora e exemplar de Cristo, muitíssimo importante o estudo: Cf. NGUYEN-VAN-KHANH, N. *Gesù Cristo nel pensiero di San Francesco secondo i suoi scritti*. Milão: Edizioni Biblioteca Franciscana Provinciale, 1984, p. 91-110.

<sup>505</sup> Na RNB Deus Trindade é visto como Criador e o Filho como Redentor e Salvador ( RNB 16, 9). Já na introdução ao comentário que Francisco faz ao Pai Nosso invoca o Pai celeste como “Criador, Redentor, Consolador e Salvador nosso” (PN 1). Ao terminar os Louvores a Deus Altíssimo lemos: “Vós sois nossa vida eterna: grande e admirável Senhor, Deus onipotente, misericordioso Salvador” (LD 6). Sobre o significado destes dois títulos, Redentor e Salvador, nos Escritos de Francisco a melhor obra é a supracitada do frade vietnamita Norberto NGUYEN-VAN-KHANH, p.114-128. O santo não tem preocupações teológicas sistemáticas, segue a linguagem bíblica e teológica, que atribui a Redenção e a salvação ora ao Pai, ora a Deus, ora ao Filho. Para Francisco a iniciativa redentora e salvífica é assumida pelo Pai e ou Deus e o Filho é o executor da iniciativa paterna/divina por meio da obra santificadora do Espírito Santo: cf. Giovanni IAMMARRONE. *Gesù Cristo nella spiritualità di San Francesco d'Assisi*. Roma: MF, 1991, 29-30

<sup>506</sup> Com o Cântico das Criaturas que, todo inteiro, é um hino a Deus Criador, Francisco recorda em pelo menos quinze vezes nos seus textos, o Deus Criador, “o Rei do céu e da terra”. Os textos se encontram no contexto de uma ação de graças ou de exortação ao agradecimento: RNB 10, 3;16,7; 21,2; 23, 1.2.3.8.9.11.;LD 1-2; Ad 5;1-3; Fi 11-13. Cf. NGUYEN-VAN-KHANH, N. *Op. Cit.*, p. 91-95.

<sup>507</sup> A expressão Redentor se encontra três vezes nos Escritos de Francisco: uma vez se refere ao Deus Único e Verdadeiro (RNB 23,9); uma vez ao Pai (PN 1) e uma vez somente a Cristo (RNB 16,9).

<sup>508</sup> A expressão Salvador, se encontra cinco vezes nos Escritos de Francisco: uma vez se referindo ao Pai, no início da Paráfrase ao Pai-Nosso; três vezes a Deus em geral ou o Deus Trino (RNB 23,9 e 11 e LD 13); e uma vez somente a Cristo (RNB 23, 9).

Francisco termina o texto da oração de Ação de Graças com a certeza de que por Graça de Deus e empenho cotidiano da vida penitente na presença deste Maravilhoso, nada poderá separar o fiel daquele Altíssimo, a quem ele não cansa de louvar e bendizer com toda sua criatividade e adoração, e é isto que ele deseja ardentemente para si e todos os seus seguidores.

O capítulo 23 da RNB, é o canto do Amor que tudo cria, tudo redime e tudo salva. O canto da alegria da Ação de Graças ao qual Francisco, humildemente e todo inteiro entregue ao seguimento de Jesus Cristo, convida todas as criaturas a cantar, a proclamar a salvação realizada por Deus na pessoa de Jesus Cristo<sup>509</sup>.

Destacamos o jubiloso hino de Ação de Graças que conclui a RNB, afinal, esse hino, colocado no final de uma Regra de vida que visa traçar normas para um estilo próprio de viver, muito pouco tem a ver com a jurisprudência, mas tem tudo a ver com a mística. Com efeito, com esse hino terminam as advertências e as admoestações aos frades, pois a partir de agora abre-se a possibilidade de não apenas deparar-se com o mistério divino, mas surge a oportunidade de nele penetrar e envolver-se numa imensa e grandiosa expressão de louvor ao Deus Criador que é o bem pleno, todo o bem, todo bondoso, verdadeiro e sumo bem<sup>510</sup>.

Exclama a alegria franciscana, em louvor e admiração pelo Criador: “Como é glorioso, santo e sublime ter nos céus um Pai!” (2Fi 54). Francisco reconhece-se a si mesmo como dom de Deus e reconhece também que cada criatura é também generoso dom dele e, como homem cortês, não se apropria da criatura, mas entoa-lhe o canto novo da fidelidade na grande festa do Reino<sup>511</sup>.

No louvor Com as criaturas toda a criação atinge sua máxima realização e ganha sua mais perfeita expressão, porque o louvor está inserido na bênção de Deus<sup>512</sup>, que dá a existência a tudo e que se completa somente quando este dom é acolhido por um coração cheio de amor e restituído ao Altíssimo doador,

<sup>509</sup> Cf. LECLERC, É., Canto. In: *DF*, p. 76.

<sup>510</sup> Cf. BERNARDI, O. *O encanto da vida*. Elementos de espiritualidade franciscana. Bragança Paulista: EDUSF, 2005, p. 32.

<sup>511</sup> Cf. BLASUCCI, A. *Ritorno di San Francesco*. Roma: Centro Studi, 1982, p. 12-18

<sup>512</sup> Francisco assume e compreende a bênção, a frei Leão (BnL 1-3); a frei Bernardo (BnB 1-5); A frei Elias (1Cel 108,3-7); bênção do Testamento (Test 40-41); aos que guardam os Escritos (1Ct 9; Ord 49; 1Cl 15; 2Fi 88; Mn 9; 2Fr 29). Cf. GERARDI, R., Bênção. In: *DTE*, p. 78.

“na santa caridade que é Deus” (RNB 22,26; Cf. 1Jo 4,16). A perfeição do louvor de Francisco encontra-se nos Louvores ao Deus Altíssimo (LD 1), onde Deus é louvado por si mesmo: “Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas (cf, Sl 76,15)...”, também a RNB 23,1: “Nós vos rendemos graças por causa de vós mesmos”, aquele que abençoa frei Leão e abençoa toda criatura (cf. Le 3). Portanto, acrescenta, com propriedade Del Zotto:

Todas as criaturas, não mais escravas do poder ou vítimas do prazer, mas reconhecidas em sua soberana dignidade de “criaturas de Deus”, se transformam em notas vibrantes que possibilitam a composição do Cântico de Francisco. Elas escutam reverentes seu convite “para render louvor, glória, honra e bênção” (cf. Ap 5,13)<sup>513</sup>.

A experiência de encontro reflexivo, meditativo com o Cântico composto por Francisco, proporciona a compreensão mística de uma linguagem que se expressa afetiva, assim o compreendemos, na perspectiva do franciscano estudioso do franciscanismo acima citado, encontrar e acolher todos os seres, a fim de colocá-los em harmonia através da mais bela atitude de louvor que é reconhecimento verdadeiro e comunhão profunda com a criação e com o Altíssimo Deus.

Francisco inaugura uma relação íntima com todas as criaturas e expressa sua pertença familiar com todo o criado como guardião de todos os bens na natureza: “Pai santo... criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós, feitos à vossa imagem e semelhança, nos colocastes no paraíso (cf. Gn 1,27; 2,14)” (RNB 23,1)<sup>514</sup>.

Augusto Drago, afirma que Francisco já se sente no Reino de Deus e em sua plenitude, como se já tivesse atingido a plenitude e a pureza originárias da criatura humana e de todas as coisas criadas antes que fossem contaminadas pela presença do pecado<sup>515</sup>.

<sup>513</sup> DEL ZOTTO, C. B., Criado. In: *DF*, p. 125.

<sup>514</sup> A Aliança Sagrada (AS 8,1), considerada do ponto de vista literário uma das mais belas páginas da literatura franciscana. O autor expressa toda a beleza do natural relacionamento original entre todos os seres, utilizando a metáfora para criticar o uso das coisas, pelos frades, após a morte de Francisco, convocando o leitor a uma ‘saudade do paraíso’ vivida por Francisco e proposta à sua fraternidade. Cf.: Introdução FFC, p. 66-67.

<sup>515</sup> Cf. DRAGO, A., Palavra de Deus. In: *DF*, p. 531.

Francisco, cantor da criação e guardião das criaturas, antecipa, com profético hino de louvor<sup>516</sup>, a criação salva e redimida, recomposta em harmonia do louvor do amor (cf. Is 11,6-9; 60, 18-22; Ap 21,23; 25-5)<sup>517</sup>. Com sua voz interna, voz da criação convocada para cantar a beleza e para revelar o semblante de Deus Criador é retomada a entoada em seu Cântico de louvor. Louva a Deus ‘por’ suas criaturas, isto é, por causa de suas criaturas e ‘mediante’ as criaturas. Ambos os sentidos podem ser justificados e exprimem a plenitude de sentimento que inebria Francisco na visão de amor que lhe permite encontrar e compreender todo ser, não somente em sua dignidade de criatura de Deus, mas também em sua transparência ao divino, de modo que o irmão Sol<sup>518</sup>, por exemplo, o mais belo de todos os seres criados, “de Ti Altíssimo traz o significado” (Cnt 4).

#### 4.1.2.

#### **A Criação: o primeiro canto de louvor da fraternidade mística**

Passaremos a considerar a criação<sup>519</sup> como o primeiro motivo de louvor, como Francisco faz a experiência de respeito e cuidado fraterno, se fazendo irmão deste grande cântico de louvor saído das mãos do Criador. Na Regra Não Bulada de 1221, no Capítulo 21, encontra-se um modelo exemplar de exortação que Francisco propõe aos seus frades à intimidade e ao louvor pela obra da criação. A primeira frase desta exortação apresenta um explícito convite que se faz exigência de louvar, obedecer e agradecer primeiro ao Criador, pois toda a criação saiu das suas mãos<sup>520</sup>: “Temei e honrai, louvai e

<sup>516</sup> À primeira vista os textos poéticos de Francisco recordam e causam a impressão de pertencer ao gênero dos hinos bíblicos de louvor, como veremos no Cântico esta inspiração, nos quais se louva a Deus por causa de suas criaturas. Examinando-se mais atentamente, vê-se que aqui o caráter pessoal do poeta se manifesta de modo bem mais acentuado que nos hinos bíblicos. Cf. DOORNIK, N.G. V. *Francisco de Assis, profeta de nosso tempo*. Petrópolis: Vozes, 1976, p.150.

<sup>517</sup> Cf. Rm 8,22.

<sup>518</sup> Cf. DEL ZOTTO, C. B. Criado .In: *DF*, p. 125.

<sup>519</sup> “O termo criação remete à experiência do dom e da gratuidade divinas. Dizer criação pressupõe a consciência da relação primordial entre Criador e criatura. Neste sentido, criação difere substancialmente de termos como, por exemplo, natureza ou cosmos” TAVARES, S.S. Trindade e Criação. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 197.

<sup>520</sup> O ensinamento da Igreja pontifica esta verdade: “No princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn 1,1). Com essas solenes palavras inicia a Sagrada Escritura. O Símbolo da fé retoma estas palavras confessando Deus Pai todo-poderoso como “o Criador do céu e da terra”, “de todas as coisas visíveis e invisíveis”. A Criação é o fundamento de “todos os desígnios salvíficos de

bendizei, rendei graças (1Ts 5,18) e adorai o Senhor Onipotente na Trindade e na Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas”(RNB 21,2).

Na mesma Regra o ‘legislador’, Francisco recorda aos frades que vão aos Sarracenos<sup>521</sup>, quando receberem o dom da palavra e quando virem que agradam a Deus, anunciem a Palavra de Deus, “para que creiam em Deus Onipotente, Pai, Filho e Espírito Santo (cf. Mt 28,19), Criador de todas as coisas, no Filho Redentor e Salvador”(RNB 16,7)<sup>522</sup>.

Na grande oração de agradecimento que conclui a RNB 23, Francisco menciona cinco vezes a ação criadora de Deus<sup>523</sup>, o que torna evidente que a criação é o primeiro motivo de agradecimento na oração de Francisco, seja fazendo referência ao conteúdo da fé, seja à mensagem do livro do Gênesis, Francisco elabora um agradecimento ao Pai por ter criado o ser humano para que este fosse feliz no paraíso (cf. RNB 23,1-2)<sup>524</sup>.

O ensinamento do IV Concílio do Latrão (1215) é extremamente claro: um só Deus Onipotente criou o mundo espiritual e o mundo corporal, o mundo invisível e o mundo visível<sup>525</sup>. Tudo quanto Deus fez é bom. Se o ser humano é mau é porque pecou por iniciativa própria cedendo à sugestão do mal. Como

---

Deus”, “O começo da história da salvação” que culmina em Cristo. Eis uma verdade fundamental que a Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: “O mundo foi criado para a glória de Deus”. Deus criou todas as coisas, explica o franciscano São Boaventura, “não para aumentar a sua glória, mas para manifestar a glória e para comunicar a sua glória”. Pois Deus não tem outra razão para criar a não ser o seu amor e a sua bondade. “Aberta a mão pela chave do amor, as criaturas surgiram”. CIC, n. 279.280.293.

<sup>521</sup> Já no tempo de São Jerônimo a palavra sarracenos designava os árabes que habitavam o deserto. Na Idade Média cristã sarracenos era o nome pelo qual se designavam os árabes nômades e depois, particularmente, os muçulmanos árabes como na época de Francisco. Sobre os sarracenos e a Igreja do século III: cf. SANI, G. B. Sarracenos, In.: *DF*, p. 691-699, com extensa bibliografia. Um estudo primoroso para compreender o relacionamento entre Francisco e sua Ordem com o mundo e a cultura muçulmana: JEUSSET, J.G. *Dio é Cortesia*. Francesco d’Assisi il suo Ordine e l’Islam. Pádua: Messaggero, 1988.

<sup>522</sup> Francisco exalta o alcance salvífico do evento histórico e transcendente realizado na pessoa do Filho, como ‘redenção e salvação’, missão eterna de participação desde a criação do mundo.

<sup>523</sup> RNB 23,1: “Criastes todos os seres espirituais e corporais e a nós, feitos à vossa imagem e semelhança...”; 5: “Por tudo vos renda graças como agrada a vós que em tudo sempre vos satisfaz, e por meio de quem nos fizestes tão grandes coisas”; 8: “Ele que nos deu e nos dá a todos nós todo o corpo, toda a alma e toda a vida”; 9: “Nada mais queiramos, nada mais nos agrade ou deleite a não ser o nosso Criador...” 10: “Rendamos graças ao Altíssimo e sumo Deus eterno, Trindade e Unidade, Pai e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas...”

<sup>524</sup> Do livro do Gênesis, Francisco compreendeu três ideias importantes aos seus olhos: Deus criou o ser humano à sua imagem e o colocou no paraíso terrestre, mas o ser humano pecou (Gn 2, 16-17).

<sup>525</sup> Cf. DH, Definição contra os Albigenses e Cátaros., n. 800-801.

uma antítese que exprime um obstáculo colocado pela criatura humana dentro do plano maravilhoso de Deus Criador<sup>526</sup>.

Deus é o Pai de todas as criaturas. O mais original em Francisco é que esta afirmação não tem nada de teórico, mas tem raízes profundas na sua convicção e se exprime espontaneamente no seu comportamento. Para Francisco Deus uno e trino é causa e origem de toda a criação. A criação como obra conjunta da Trindade. O Pai cria tudo por meio do Filho com o Espírito Santo. Deus é Criador, mas é Criador de todas as coisas. Há uma especificação explícita que indica uma consciente oposição de Francisco à doutrina dos cátaros<sup>527</sup>.

Frei Celso M. Teixeira considera ainda que no contexto histórico em que as doutrinas dos cátaros são propagadas, “Francisco se sente no dever de apresentar aos seus a verdadeira doutrina da Igreja. Deus é o criador universal. Nada, de tudo quanto existe, escapa à ação criadora de Deus”<sup>528</sup>.

Este autor ainda convoca-nos a fazer uma leitura atenta do Cântico para se descobrir uma visão positiva da criação<sup>529</sup>. Ao invés do desprezo por tudo quanto é matéria somos convidados à confraternização, se descobre a fraternidade do ser humano com todas as criaturas. E porque todas as criaturas provêm das mãos do mesmo e único Criador<sup>530</sup> e Pai, Francisco as chama de irmãos e irmãs<sup>531</sup>. O santo compreende que elas tem com ele um único princípio: o Pai. Deus Criador e antes de tudo Pai. E Deus Pai é antes de tudo Criador, no seu amoroso abraço materno à todos os filhos e filhas, amparando-

<sup>526</sup> Cf. NGUYEN-VAN-KHANH, N. *Op. Cit.* p. 93-94.

<sup>527</sup> Cf. TEIXEIRA, C.M. *Op. Cit.*, p.211-212.

<sup>528</sup> *Ibid.* p. 212.

<sup>529</sup> “A mística franciscana tem uma visão positiva do mundo, do homem, da criação toda. A exemplo de Francisco que, ao compor o Cântico do Irmão Sol, queria enviar frades pelo mundo para cantar os louvores de Deus, o frade menor está convidado a colocar em prática e proclamar a todo o mundo as relações de qualidade que Francisco nos oferece” Id. *Visão Franciscana das Criaturas. Op. Cit.* p. 279.

<sup>530</sup> Francisco, como o salmista da criação: “Exulta em todas as obras das mãos do Senhor (cf. Sl 91, 5; 8,7) e intui, através dos espetáculos do encantamento, a razão e causa que tudo vivica” 1Cel 165.

<sup>531</sup> Francisco “com sinceríssima pureza, admoestava ao amor divino e exortava a generoso louvor os trigais e vinhas, pedras e bosques e todas as coisas belas dos campos, as nascentes das fontes e todo o verde dos jardins, a terra e o fogo, o ar e o vento. Enfim, chamava todas as criaturas com o nome de irmãos” 1Cel 81.

os da criação à salvação a que estão destinados a um único futuro (cf. LM 8,6)<sup>532</sup>.

As criaturas falam de Deus a Francisco. Ele vê em cada pequeno ser criado um reflexo transbordante da misericórdia criativa do Criador. Como atesta Celano, Francisco contempla nas criaturas a sabedoria, o poder e a bondade fontal do Criador<sup>533</sup>:

Quem seria capaz de narrar a doçura que fruía ao contemplar nas criaturas a sabedoria, o poder e a bondade do Criador? Na verdade, Francisco, a partir desta consideração, enchia-se muitas vezes de admirável e inefável alegria, quando olhava o sol, quando via a lua, quando contemplava as estrelas e o firmamento (1Cel 80)<sup>534</sup>.

A matéria da criação não escandaliza Francisco, pelo contrário, ele tem, conseqüentemente um relacionamento e uma compreensão correta, uma tranquila aceitação dos bens da criação, o santo parte de uma correta visão de Deus Criador para chegar à sua mais profunda e positiva visão do mundo, uma ótica amorosa e respeitável que poderíamos caracterizar como uma visão sacramental<sup>535</sup>. Quanto a experiência doutrinal de Francisco, o frei Celso M.Teixeira é categórico:

Não há lugar para o dualismo cáтары. Ao contrário, todas as criaturas são convidadas a participar da sinfonia de louvor ao Criador: *Laudate et benedicete mi ignore, et reingratiate et serviateli cun grande humilitate* (Louvai e bendizeis

<sup>532</sup> “São Francisco levou a palavra evangélica, praticamente e não apenas em teoria, às últimas conseqüências. Para ele, nós, os humanos, não somente somos todos filhos do mesmo Pai, mas partilhamos igualmente essa fraternidade divina com todas as criaturas de Deus, viventes ou não, e com o nosso próprio corpo, como elemento da natureza. As expressões irmão e irmã, na boca do pobre de Assis, não são apenas figuras de retórica, mas expressões autênticas de um fortíssimo sentimento de fraternidade universal” COMPARATO, F.K. *Ética: direito, moral e religião no mundo moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 135; Cf. SILVA, M. F. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 48.

<sup>533</sup> Cf. TEIXEIRA, C.M. Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 212.

<sup>534</sup> No segundo livro Celano escreve: “Francisco usava o mundo como campo de batalha contra os príncipes das trevas, mas também o usava, com relação a Deus, como espelho limpidíssimo de sua bondade. Em qualquer obra de arte ele exalta o Artífice e atribui ao Criador tudo o que descobre nas coisas criadas”. 2Cel 165.

<sup>535</sup> Francisco é contemporâneo de muitos movimentos heréticos que insistiam em considerar as criaturas como hostis ao ser humano e viam nelas contínuo perigo para a salvação da pessoa humana. O santo de Assis teve o mérito de reverter esta concepção. Ele não priva a criação de seu amor, mas liberta o seu coração da paixão do egoísmo mediante a pobreza voluntária não querendo “ter nada de próprio no céu” (RB 6,7; RNB 7,14; AP 29; Abs 1). Francisco não se relaciona com a criatura como objeto de prazer ou de poder, mas admira-a como obra saída das mãos de Deus e liberta-a do gemido de sua prisão (cf. Rm 8,22-23). Este conhecimento da criação como revelação de Deus, na pura ação de graças, Francisco considera “conhecimento especial da mais alta sabedoria” (Adm 5,6). Cf. DEL ZOTTO, C.B., Criado. In: *DF*, p. 121

ao meu Senhor (cf. Dn 3,85), rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade)<sup>536</sup>.

Já no texto da Admoestação 5, Francisco depois de afirmar a grandeza em que Deus colocou o ser humano, porque o criou e o formou à imagem do seu dileto Filho segundo o corpo e à sua semelhança segundo o espírito (cf. Gn 1,26), faz notar que o dever de louvar o Criador é dever de todas as criaturas e que estas, conforme a sua natureza, o compreende melhor que o ser humano: “E todas as criaturas que há sob o céu, à sua maneira, servem e reconhecem e obedecem ao seu Criador melhor do que tu” (Ad 5). A criação aparece, portanto como vimos, à compreensão vivencial de Francisco como uma maravilha de Deus Criador e ação da sua infinita misericórdia e atuante bondade para o bem do ser humano<sup>537</sup>. Francisco o confirma a frei Leão, ao celebrar a criação e o seu Criador, num ‘magnificat’, na perspectiva franciscana: “Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas (Sl 76,15)” (LD 1).

A criação é a revelação primeira do Deus Criador. Veremos como foi compreendida e vivida esta revelação na mística experiência de Deus no pobre de Assis.

#### 4.1.3.

#### **A Criação como revelação do Deus Criador**

Francisco contempla e considera em toda a criação e nas coisas belas o Belíssimo e, através dos vestígios impressos nas coisas, segue o Amado, fazendo de tudo para si uma escada pela qual possa subir para apoderar-se daquele que é totalmente desejável (cf. Ct 5,16; Gn 28,2) (cf. LM 9,1; EP 113). Através da designação ‘criaturas’, fazendo da sua vida uma fraternidade, do seu olhar mais íntimo se torna irmão de tudo que é criado pela ação amorosa do

<sup>536</sup> TEIXEIRA, C.M. *Op. Cit.*, p. 213.

<sup>537</sup> Eis uma verdade fundamental que a Escritura e a Tradição não cessam de ensinar e de celebrar: “Deus criou todas as coisas, explica São Boaventura, “non propter gloriam augendam, sed propter gloriam manifestandam et propter gloriam suam comunicandam – não para aumentar a sua glória, mas para manifestar a glória e para comunicar a sua glória”. Pois Deus não tem outra razão para criar a não ser o seu amor e a sua bondade. Aberta a mão pela chave do amor, as criaturas surgiram” CIC 293.

Senhor Deus, Francisco pode aproximar-se também ele amorosamente de cada ser criado e encontrar o seu Criador.

A criação aparece aos olhos de Francisco como uma imensa sinfonia de amor, como espetáculo eloquente e admirável que revela Jesus Cristo, o irmão “primogênito de muitas Criaturas”. A natureza amada e admirada por Francisco traz nítidos traços da sabedoria criadora e torna-se itinerário de ascensão a Deus, acorde admirável no coração do ser humano novo, dom do céu ao mundo, para transformar toda a criação num hino de amor para o louvor de seu Criador<sup>538</sup>.

Francisco instaura uma relação nova com a criação. Não quer possuí-la ou domina-la, mas chama-a pelo nome, convidando-a a render louvores a Deus, que a revestiu de beleza e de bondade, corroborando estas reflexões citamos o que escreve o autor do Espelho da Perfeição:

Nós que vivemos com ele vimos que ele tanto se alegrava interior e exteriormente com quase todas as criaturas que, tocando-as ou vendo-as, parecia que seu espírito não estava na terra, mas no céu. E, por causa das muitas consolações que recebeu e recebia das criaturas, pouco antes de sua morte, compôs e fez alguns Louvores do Senhor por suas criaturas, para estimular ao louvor de Deus os corações dos ouvintes e para que o próprio Deus fosse louvado pelos homens nas suas criaturas ( EP 118; cf. 1Cel 80).

Nesta citação percebemos o quanto Francisco põe-se livremente a serviço das criaturas por amor do Senhor que as criou e nelas se revela (cf. SV 14-18). Na RNB o santo escreve: “Sejam sujeitos a toda criatura humana por amor de Deus” (16,7). Francisco não somente compreende as criaturas como irmãs, mas trata-as “como seres dotados de razão” (1Cel 81; EP 115), dirigindo-lhes a palavra, exprime tão belamente sua grandiosa beleza e dignidade, interpretar sua mensagem e elevá-las até à perfeição do louvor divino. Portanto, o Cântico é louvor que se faz mediante a natureza e juntamente com ela<sup>539</sup>.

Na perspectiva mística de Francisco, portanto uma perspectiva religiosa, as criaturas são ‘sinal’, ‘imagem’, ‘presença’, ‘revelação’ do Altíssimo, que criando-as na sua gratuidade a serviço do ser humano, ordenou-as de tal forma

<sup>538</sup> Escreve Paulo aos Efésios, citado por Francisco “Precisais ser renovados pela transformação espiritual de vossa inteligência e revestir o homem novo criado segundo Deus na justiça e na santidade que vêm da verdade (Ef 4, 24). Cf. 1Cel 82; 3Cel 1; 2; LM 5,10;11,6;12.

<sup>539</sup> Cf. DEL ZOTTO, C. B., Criado. In: *DF*, p. 120. Na mesma página o autor do verbete afirma: “A natureza se torna transparente ao divino, permitindo que o homem reconciliado atinja, desta maneira, a visão do Senhor.

que atingissem sua plenitude naquele que de Deus é “Imagem e semelhança” (Gn 1,26), sendo assim seres criados em Cristo, que é a “imagem do Deus invisível, primogênito de toda criatura, pois tudo foi por ele criado, no céu e na terra”(Cl 1,15-16). Francisco no corpo da Admoestação 5 exalta o Criador, e convoca todas as criaturas à obediência Àquele que tudo cria e forma (Cf. Adm 5, 1-8).

Francisco resgata o traço, sob sua espontaneidade, do itinerário da redenção da criatura, ele parte da descoberta de traços divinos que a mesma criatura possui como selo de seu Criador, chega até o acolhimento cuidadoso e fraterno no seu coração, de sorte que tudo ressoa como exultante louvor do Criador. Celano registra a intuição de Francisco sob a iniciativa da força amorosa do Senhor: “a força do amor o tornara irmão das outras criaturas, não se deve admirar se a caridade de Cristo (cf. 2Cor 5,14) o tornava mais irmão dos que estão marcados com a imagem do Criador”(2Cel 172; Cf. LM 9,4).

O santo de Assis contempla o Criador como “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, em cada uma das criaturas e só a ele dirige o seu canto, reconhecendo que os bens são dele e a Ele pertencem não só na sua origem, mas também em sua presença criatural e realização final, que é ser também ele “nova criatura”, chamada a povoar o “novo céu e a nova terra” (Is 65,17; 1Cor 15,45-49; Ap 21,1). É por isso que Francisco exorta que se restitua a Deus todo o bem, para que esse bem seja imagem do Senhor, mediante a solene liturgia cósmica do reconhecimento, que se transforma em itinerário franciscano do seguimento de Jesus, na perspectiva da criação, como se constata no ensinamento aos irmãos:

Restituamos todos os bens ao Senhor Deus Altíssimo e Sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo Altíssimo e Sumo, Único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos; e ele receba todas as honras e reverências, todos os louvores e bênçãos, todas as graças e glória (Ap 5,12), ele, de quem é todo o bem, o único que é bom (cf. Lc 18,19) (RNB 17,17-18; cf. 23,31-34; 2Fi 9,61-62; LH 10; Cnt 14; OP 1Comp; Slb7).

Francisco descobre, reconhece e faz experiência de louvor ao Criador nas criaturas, ultrapassa esta experiência indo mais além da sua percepção humana, se torna capaz de louvar o Criador, contempla à luz reveladora de sua presença. Como uma parábola o universo, em sua multiforme variedade e beleza nas

criaturas. Expondo sua concepção, Francisco chama primeiramente a atenção para a finalidade da criação: auto comunicação amorosa do próprio Deus. As criaturas, como uma pintura revela<sup>540</sup> claramente a arte sapientíssima de quem por amor o criou<sup>541</sup>, conformando-o aos traços característicos de seu filho Jesus Cristo<sup>542</sup> (cf. Cl 1,15s; 1Cor 8,6), no qual quer “reunir o universo inteiro sob um só chefe, Cristo, o que está nos céus e o que está sobre a terra” (Ef 1,10). Para o Santo de Assis as criaturas, a criação inteira na sua inocência original e eterna, refletem de Cristo a luz e revelam sua presença<sup>543</sup>.

Pom analogia<sup>544</sup> e imagem belíssima de conotação bíblica, o estudioso já citado aqui, Cornelio Del Zotto, continua sua bela narrativa confirmando a imagem de Deus que está impressa como um selo de luz em todas as coisas criadas, com admirável variedade de expressão e com sábia delicadeza de perfeição. Francisco vê na gratuidade do existencial a condição necessária para se manter a sobrenaturalidade da graça de Deus.

Francisco vive a experiência da gratuidade do Altíssimo, utiliza a metáfora dos esposais, tema a ser refletido no último capítulo, da relação afetiva mais íntima para compreender sua relação com toda a criação que sai das mãos do Criador pela visão da criatura como “anel da esposa”<sup>545</sup>, oferecido

<sup>540</sup> “A natureza é belíssima pintura que revela um Pintor divino. Estúpido e ignorante quem adora suas cores em vez de entender quanto é superior o seu Autor” LIBÂNIO, J.B. *Eu creio*. Nós cremos. São Paulo: Loyola, 2000, p. 132.

<sup>541</sup> O segredo que atravessa criação divina se encontra no mistério do seu amor”. TODISCO, O. *Giovanni Duns Scoto*. Filosofo della libertà. Pádua: Messaggero, 1996, p.57; Para uma leitura do texto do Doutor Sutil (1265-1308), a boa tradução de Raimundo Vier: João Duns Escoto. Pode-se provar a existência de Deus? (Ordinatio livro I, distinção 2, parte 1, questões 1-2 e 3). Petrópolis: Vozes, 1972; Sobre o vínculo livre e amoroso de Deus com as criaturas, enquanto estas oferecem uma autêntica chave de inteligibilidade, de compreensão e de interpretação: MERINO, J.A. *Storia della Filosofia francescana*. Milão: EBF, 1993, p. 254-259.

<sup>542</sup> Roberto Zavalloni, na sua obra sobre a teologia de Duns Scoto, contribui: “A influência de Cristo domina não somente a história humana, mas penetra, rege e explica o ser e o nascimento de todas as coisas, unidos numa única comunhão de caridade, que daí de Deus a todas as criaturas e das criaturas retorna a Deus, sempre e somente através de Cristo”. ZAVALLONI, R. *Giovanni Duns Scoto. Maestro di vita e pensiero*. S. Maria degli Angeli: Porziuncola, 1993, 107-108.

<sup>543</sup> Cf. DEL ZOTTO, C. B. Criado. In: *DF*, p. 120-121. Pontifica o Catecismo da Igreja Católica (CIC 286): “Com efeito, a existência de Deus Criador pode ser conhecida com certeza através das suas obras, graças à luz da razão humana, ainda que este conhecimento seja muitas vezes obscurecido e desfigurado pelo erro. É por isso que a fé vem confirmar e iluminar a razão na compreensão correta desta verdade (Hb 11,3).

<sup>544</sup> “A analogia entra na teologia judaica e depois na cristã por Sb 13,5: “Pois a grandeza e a beleza das Criaturas conduzem por analogia a contemplar o seu Criador”. A analogia permite ter um conhecimento de Deus Criador a partir de sua criação. Cf. BOULNOIS, O. Analogia, In. *DCT*, p. 120.

<sup>545</sup> Cf. LURKER, M., Anel. In: *DFSB*, p. 7-8.

por Deus ao homem, a fim de que o conserve por seu amor em sua memória, revela com muita propriedade a alma e a perspectiva de Francisco, que se identifica com uma “mulher pobrezinha”, que mora num deserto e que ama o “grande Rei” do céu, gerando muitos filhos seus, que, “por refletirem em seus semblantes o semblante do Rei”, foram acolhidos por este em sua corte, “como filhos e herdeiros”. Uma atmosfera de alegria, de festa caracteriza a visão de Francisco e todas as criaturas emergem exultantes em sua perfeita alegria. Celano termina a narrativa confirmando esta felicidade franciscana: “O santo alegra-se e regozija-se por causa da parábola”<sup>546</sup>. A criação aparece verdadeiramente nova em sua esplêndida dignidade de ‘imagem’ de Deus<sup>547</sup>.

Afirma, Francisco o lugar e sinal de expressão da glória de Deus, representada na múltipla variedade de cores e luzes das criaturas e do belíssimo semblante de Cristo, venerado na imagem simbólica do crucifixo da capela de São Damião<sup>548</sup>. Com Francisco há uma extrema caridade e estreita predileção por aquelas criaturas que trazem com maior evidência a imagem impressa de Cristo, como descreve o biógrafo:

Francisco transbordava em espírito de caridade, tendo entranhas de compaixão não só para com os homens que sofriam necessidade, mas também para com os animais privados de fala e de razão... Amava com especial afeição e mais pronto afeto os cordeirinhos, pelo fato que a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo nas Sagradas Escrituras é frequentemente comparada e mais convenientemente adaptada ao cordeiro (1Cel 77; cf. LM 3,8).

Ressaltam em Francisco características de misericórdia: o espírito de caridade, as entranhas de compaixão, amor com especial atenção, pronto afeto, que marcam a personalidade fraterna, em profunda solidariedade com todos os seres, especialmente os que vivem alguma forma de sofrimento.

<sup>546</sup> Imagens retiradas da parábola apresentada por Francisco, quando este se apresentou com seus primeiros companheiros ao Papa Inocêncio III (1198-1216), 2Cel 16; LTC 50: diz expressamente que houve um verdadeiro matrimônio “O Rei casou-se feliz com ela e gerou dela filhos belíssimos”. O amor de Deus pela sua criatura é tão grande a ponto de tomá-la por esposa pelo seu Filho Único; AP 35 diz que é o Rei que consola sua esposa; Clarenó 5 especifica que foi o Rei que “os reconheceu como seus filhos”.

<sup>547</sup> Cf. DEL ZOTTO, C. B., Criado. In: *DF* p. 121.

<sup>548</sup> Para a luz que dimana do rosto de Jesus glorificado, no crucifixo da igreja de São Damião, hoje na igreja de Santa Clara, contemplado por Francisco, neste rosto de Jesus é-nos permitido contemplar a presença de Deus Pai e do Espírito Santo. A comunidade trinitária pousou na luz que o submerge por completo. Aqui radica o mistério do seu rosto: a sua beleza sem par, a sua paz profunda, a sua ternura infinita. Para estudo aprofundado desta obra iconográfica: MOLINA, F.C. *O Cristo de São Damião*. Braga: Editorial Franciscana, 2007; PICARD, M. *L'Icona del Cristo di San Damiano*. Assis: Casa Editrice Francescana, 1989; SURIAN, C. *Contemplando o Crucifixo de São Damião*. Aparecida: Editora Santuário, 1997.

a.

### A presença envolvente de um Deus Criador

Partimos da seguinte consideração: em ambos os lados, o aspecto maravilhoso das criaturas como também o inóspeto, contituem o que denominamos uma mediação de Deus. A experiência do cosmos é ao mesmo tempo, intuitivamente, experiência religiosa de admiração ou temor de Deus. Não como resultado de reflexão ou de raciocínio, para Francisco. O mundo mesmo, a vida dependente da natureza são vividos espontaneamente como criação de Deus e *sacramento* da sua presença, como manifestação de sua aliança e da dependência do ser humano em relação a ele<sup>549</sup>.

Na relação com o mundo e suas criaturas, Francisco em sua própria vida cotidiana, tem lúcida experiência, quanto à fé num Deus Criador e Providência de nossa vida. Não é a imagem de um Deus Criador como ‘causa primeira’ e universal, fabricante e animador do mundo como obra terminada e invariável; não a imagem de uma Providência ‘provedora e condutora’ universal, que tudo dispõe no mundo, outorga, ou tira, manejando diretamente os elementos cósmicos e a vida dos seres humanos<sup>550</sup>.

Com a mística de Francisco não podemos entender sua experiência de Deus como o grande relojoeiro do mundo, que no princípio construiu sua máquina e a deixou andar pelos séculos com sua lógica exata e inexorável. Já não podemos, tampouco, nos relacionar com Deus em nossa vida como se Ele fosse a alma reitora do mundo, como o condutor sentado ao volante do cosmos, responsável direto pelos processos e fenômenos do mundo e de cada acidente de nossa vida; como se fosse ele o único que realmente cria e maneja os fios, e todo o resto – inclusive – não fosse senão ‘objeto’, instrumento de seus planos<sup>551</sup>.

O conceito de criação é a representação da soberania absoluta de Deus inteiramente bom, soberania que nos põe e mantém na existência através de sua palavra de verdade e de graça através de seu espírito doador de vida e dom.

<sup>549</sup> Cf. Puebla 308.

<sup>550</sup> Cf. ARMELLADA, B. Antropologia teológica. Criação, pecado, graça, escatologia. In: MERINO, J.A.; FRESNEDA, F.M. Manual de Teologia Franciscana. *Op. Cit.*, p. 369-371.

<sup>551</sup> Cf. MUÑOZ, R. *O Deus dos cristãos*. Série II. O Deus que liberta seu povo. Petrópolis: Vozes, 1989, p.76-79; Para os relatos bíblicos da criação, *Ibid.*, p. 82-86.

Neste sentido exato nos definimos como criaturas e sustentamos que ser criaturas diz o que de mais profundo há em nós, o que propriamente somos: não um apelativo genérico porque é o resultado do chamado de Deus que nos chama pelo nome (cf. Mc 3,13-19), sob a presença envolvente do Deus Criador.

**b.**

### **Correções sobre o Deus da Criação**

Para superar qualquer dificuldade de crise de experiência de Deus em relação ao mundo natural, cremos ser importante destacar, para continuar compreendendo a perspectiva de Francisco, as seguintes correções, para o tema que estamos tratando.

O cosmos não ‘brotou’ necessariamente de Deus através de uma lei interna da vida divina como fosse ‘o grande corpo’ de Deus que tivesse crescido. Deus não é o princípio ou alma imanente de um mundo necessário, sua racionalidade intrínseca (panteísmo); ou a grande força vital que o anima, cuja energia devemos captar para nosso benefício (religiões naturalistas). Tampouco que o mundo e a matéria correspondem a um princípio do mal, essencialmente oposto a Deus e corruptor do espírito (dualismo)<sup>552</sup>.

Deus cria, com a liberdade soberana de sua palavra e por amor, um mundo diferente de si mesmo e essencialmente bom. A matéria e o mundo não podem ser vistos como demoníacos, porque procedem do amor criador de Deus que os sustenta em sua existência. Tampouco podem ser vistos como divinos porque procedem de Deus Criador por livre decisão sua; porque Deus mesmo os faz existir diante de si, como ‘criaturas’ distintas com sua estrutura e dinamismo próprios. Deus não é natural, como princípio interno ou alma do mundo; e as criaturas não são divinas, como emanção natural de Deus. Deus é Deus e não admite mistura nem comparação com o mundo. O mundo é o mundo e o próprio Deus quer que ele seja o mundo<sup>553</sup>.

<sup>552</sup> Cf. TRIGO, P. *Criação e história*. Série III. A libertação na história. Petrópolis: Vozes, 1988, p.85-108. Específico sobre o mal na criação: 125-160.

<sup>553</sup> Cf. LAUWERS, M., Deus. In; *DCT*, p. 548-549; ARMENDÁRIZ, L.M., Criação. In. *DTDC*, p.197-202; MUÑOZ, R., O Deus dos cristãos. *Op. Cit.*, p. 86; DE LA PEÑA, J. L. R. *Teologia da criação*. São Paulo: Loyola, 1989, p.99-132.

Toda a criação pode ser reconhecida como obra de Deus e indício seu, como testemunho da grandeza do Deus da criação, como lugar onde pode acontecer o encontro com seu mistério, mas jamais como morada particular de Deus e muito menos como imagem do seu ser, sim os *vestígios* do Criador<sup>554</sup>:

As criaturas, escreve Francisco Catão, existem a partir de um ato divino, espiritual, portanto inteligente e livre, pessoal, que dá origem não apenas ao que elas são em sua essência – todas elas vestígios ou até mesmo imagem de Deus<sup>555</sup>.

Neste contexto, faz sentido falar da antiga doutrina teológica dos vestígios de Deus. Quem compreende a natureza como criação de Deus, não vê nela apenas as ‘obras’ de Deus, mas também os ‘rastros/vestígios de Deus’, os códigos e sinais ocultos da sua presença. Em todas as criaturas encontramos as iniciais de Deus, e todos os seres criados são cartas de amor que Deus endereça a nós. As criaturas não são a revelação de Deus. Elas também não são a imagem de Deus<sup>556</sup>. Mas por tudo ela mostra os ‘rastros/vestígios de Deus’, na medida em que podemos reconhecer nela um reflexo da beleza de Deus. A doutrina dos vestígios de Deus deve ser ampliada em todos os sentidos. Pelo fato de Deus se revelar como Deus trino de forma trinitária é que nos vestígios de Deus nas criaturas se tratam de vestígios trinitários; pelo fato de Deus se manifestar como o Deus que promete o reino de glória vindouro é que nos vestígios de Deus na natureza se trata de vestígios do seu Reino e sua bondade. São os indícios do Espírito criador, o qual prepara o Reino de glória vindouro. É por isso que poderemos interpretar o mundo das criaturas como indício do Deus trino e como promessa real do Reino vindouro<sup>557</sup>.

Francisco nos indica que só podemos ter ideia de Deus de forma mediata ou indireta, através da imagem e a partir da experiência humano no mundo, e ele compreende que as imagens e experiências mais adequadas para evocar o Deus Vivo não são as do mundo natural, mas as da própria realidade humana,

<sup>554</sup>“No entanto, entre o ser e o nada não cabe mais do que um termo médio: a imagem do ser. O reflexo do ser, seu vestígio ou sua pegada. Pegadas ou vestígios, quando a representação é distante, embora um pouco mais distinta, procedente de uma causa divina”. MUÑIZ, V. Teologia natural. In; MERINO, J.A.; FRESNEDA, F.M., *Manual de filosofia franciscana*. Petrópolis: Vozes/FFB, 2006, p. 162-163; sobre os vestígios do Criador em sua obra: TRIGO, P. Criação e história. *Op. Cit.* p. 120-124.

<sup>555</sup> Cf. CATÃO, F., Espiritualidade cristã. *Op. Cit.* p. 18.

<sup>556</sup> Para esta questão, síntese do pensamento do papa João Paulo II, e dos teólogos Leonardo Boff e Jurgen Moltmann, quanto às teologias ecológicas, Cf. EUVÉ, F. *Ciência, fé, sabedoria*. É preciso falar de convergência? São Paulo: Loyola, 2009, 78-89.

<sup>557</sup> Cf. MOLTSMANN, J., Deus na criação. *Op. Cit.*, p. 103.

peçoal e comunitária, e esta ‘imagem e semelhança’ de Deus nos é apresentada definitivamente no homem Jesus Cristo (cf. Jo 14,8-11; Cl 1,15-20; 1Cor 15,49).

#### 4.1.4.

#### **Francisco de Assis e o canto místico ao Criador *com* as criaturas**

Para apreciar como as criaturas são contempladas na obra-prima do Cântico, que nasce do coração de Francisco, é necessário compreender bem que relações o *poverello* de Assis tem com todas as criaturas. Nada seria mais falso do que encarar o Santo como um panteísta<sup>558</sup>. O amor de Francisco por todas as coisas parece a alguns como uma espécie de panteísmo cristão. Sem razão, porque no Cântico, Deus não faz parte da natureza de maneira nenhuma. O Senhor do Cântico e das Criaturas é o Criador, o Onipotente, o Deus de Abraão<sup>559</sup>. Na célebre biografia escrita por Johannes Joergensen, publicada pela primeira vez em 1909, citada anteriormente, lemos que jamais Francisco,

Confundi Deus ou a si mesmo com a natureza<sup>560</sup>; e foi-lhe sempre estranha a alternativa, própria do sentimento panteísta, de ebríez desenfreada e de desespero pessimista. Ele nunca desejou, como mais tarde desejou Chelley, ser uma coisa só com a natureza; e muito menos, como o Werther de Goethe, ou como Tourguénef, teve a impressão de estar entregue à cega fatalidade das coisas, de ser vítima do ‘monstro ruminante’ que é a natureza<sup>561</sup>.

A atitude de Francisco a respeito das criaturas é, pura e simplesmente, a do primeiro artigo do Credo da Igreja: crer naquele Pai que é, ao mesmo tempo, o Criador<sup>562</sup>: “Todas as criaturas receberam dele todo o seu ser e o seu ter, só ele é o seu próprio ser, e é por si mesmo tudo o que é”<sup>563</sup>.

<sup>558</sup> É através da figura de Spinoza que o panteísmo penetra na modernidade filosófica e se expande até os grandes sistemas idealistas do século XIX. Como produto e resultado da modernidade não apenas filosófica, o panteísmo racionalista parece radicalmente superado no pós-moderno, do qual, todavia não parecem de todo ausentes formas religiosas de panteísmo, sobretudo de origem oriental e de tipo esotérico, a cujo fascínio parece particularmente atento o homem contemporâneo, relutante para com uma concepção da transcendência como pura separação e distância de Deus e do mundo e da história”. CIOLA, N. Panteísmo. In: *DTE*, p.564-565.

<sup>559</sup> Cf. CARDINI, F. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 184.

<sup>560</sup> Cf. COMPAGNONI, F. Natureza. In: *DTE*, p. 522.

<sup>561</sup> JOERGENSEN, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 381.

<sup>562</sup> Símbolo dos Apóstolos (“O mais antigo catecismo romano”): “Creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra”. Símbolo niceno-constantinopolitano (anos 325 e 381):

É a co-existência totalmente desigual do Criador e da criatura, uma co-existência na mais estrita supremacia e subordinação, mas ainda uma co-existência, e, por conseguinte, uma existência de Deus, não apenas nEle mesmo, mas também com o mundo e dentro do mundo, porque este é, e tanto o mais é, criatura dEle<sup>564</sup>.

Deus nunca e em lugar algum se torna mundo. O mundo nunca e em lugar algum se torna Deus. Deus e o mundo permanecem defronte um ao outro. Defronte do mundo que Ele fez, Deus está presente a ele não somente de longe, mas também de perto, não somente livre em relação a ele, mas junto a ele, não somente transcendente, mas também imanente. E em Cristo o Criador se tornou Ele mesmo criatura; a criatura foi assumida em unidade com o Criador como os primeiros frutos de uma nova criação. E em verdade é apenas na compreensão de Jesus Cristo que nós nos mantemos intimamente na Fonte da criação, em coexistência de filhos e filhas, irmãos e irmãs. Correspondendo através da adesão do seguimento radical ao Filho, louvamos Aquele que coexiste conosco<sup>565</sup>.

A atitude de Francisco a respeito da natureza sempre foi, pura e simplesmente, a do primeiro artigo do Credo da Igreja: crer naquele Pai que é, ao mesmo tempo, o Criador. Ele encara todas as criaturas como tendo uma relação comum para com o mesmo Pai, e por isto reconhece verdadeiros irmãos e irmãs em todos os seres vivos, antes, em todas as coisas criadas<sup>566</sup>.

Desta forma Francisco compreende as criaturas como tendo uma relação comum para com o mesmo Pai, e por isto reconhece verdadeiros irmãos e verdadeiras irmãs em todos os seres vivos, antes, em todas as coisas criadas. Quando as forças pareciam esvair e já seu corpo não mais sob seu controle, recordamos aquele que sempre amara as criaturas de Deus. Sempre as sentira amigas e próximas, numa harmonia que, para além da humanidade, envolve todas as coisas criadas<sup>567</sup>.

---

“Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis”. Cf. CIC, p.55, e n. 195-196.

<sup>563</sup> *Ibid.*, 213.

<sup>564</sup> BARTH, K., *Credo*. Comentários ao Credo Apostólico. São Paulo: Novo Século, 2003, p.49.

<sup>565</sup> Cf. *Ibid.*, p. 51-53.

<sup>566</sup> JOERGENSEN, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 333.

<sup>567</sup> Entendemos que o termo ‘coisas criadas’ possui uma extensão maior que ‘natureza’. Francisco possui uma relação de afeto muito mais extensa com todas as coisas, onde inclui também a natureza, seja a natureza do ser humano, seja a natureza dos animais, das plantas, da terra, etc. Cf. BARGELLINI, P., São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p.133-134.

Afirmamos ‘coisas criadas’, mais que ‘natureza’, compreendemos que todas as coisas criadas conservam em sua identidade a marca do Criador. E Francisco ama as coisas criadas não por si mesmas, mas por quem as fizera e afeiçoa às criaturas todas, faz delas imagens representativas de amor em honra do seu Criador. Toda criatura torna um símbolo, portanto, para Francisco, as figuras mais verdadeiras são as mais alegóricas, isto é, mais definidas intelectualmente e exaltadas na sua universalidade<sup>568</sup>.

“O nome leão” – dizia, por exemplo, Hugo de São Vítor (1096-1141)<sup>569</sup> – “designa literalmente um animal, mas alegoricamente designa Cristo”. Tratava-se de uma construção alegórica feita sobre um substrato lógico. Se Hugo de São Vítor<sup>570</sup> tivesse, um dia, encontrado um leão, é provável que o substrato lógico cedesse lugar ao terror causado, não pela alegoria, mas pelo animal feroz<sup>571</sup>.

Se os biógrafos de Francisco não relatam nenhum encontro com leões, em possíveis metáforas, com frequência, foram muitos os cordeiros nas suas viagens, no seu cotidiano, via no cordeiro o sofrimento pela paixão de Cristo que lhe extravasava dos olhos e das palavras, por inteiro. Transborda de caridade, tendo entranhas de compaixão não só para com as pessoas que sofriam, mas também para com os animais, répteis, pássaros e demais criaturas sensíveis e insensíveis. Para ilustrar o seguimento de Francisco da vida pobre e humilde do Senhor Jesus e o seu amor radical pela paixão do Cordeiro, relembra o biógrafo Celano:

Entre todas as espécies de animais, Francisco amava com especial afeição e mais pronto afeto os cordeirinhos, pelo fato que a humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo nas Sagradas Escrituras é frequentemente comparada e mais

<sup>568</sup> Nada era para Francisco descrito, mas tudo dramatizado alegoricamente. A alegoria assentase sobre dois planos distintos: um físico, outro intelectual. O simbólico parte do visual para o interpretativo. Francisco unia de tal modo a emoção religiosa e a fantasia poética a ponto de aproximar os dois planos, num terreno de pura ternura e humanidade. Cf. *Ibid.*, p. 135.

<sup>569</sup> Cf. LOYN, H.R. In: *DIM*, p. 195.

<sup>570</sup> Com Hugo de São Vitor a vida mística encontro eco. Deram aos seus estudos um lugar importante à psicologia, desenvolveu em seus escritos uma teoria da contemplação, fundamentada sobre a ideia do nascimento de Deus na alma humana por meio da graça batismal. O amor, em lugar de constituir uma fatalidade, se fundamenta na vontade e na liberdade, atributos que atestam a dignidade real da alma. Aqui se funde a mística com a teologia. Pela contemplação, a alma poderá aceder á vida íntima das pessoas divinas e fundar-se em Deus numa *excessus mentis* que é mais uma iluminação das faculdades humanas que êxtases propriamente dito. Cf. HERRERO, J. S., *Historia de la Iglesia. II. Edad Media. Op. Cit.* p. 342.

<sup>571</sup> Cf. PRADO, A., *Oráculos de maio*. Rio de Janeiro: Siciliano, 1999, p. 139.

convenientemente adaptada ao cordeiro. Assim também, abraçava mais carinhosamente e via mais prazerosamente todos aqueles animais nos quais principalmente pudesse ser encontrada alguma semelhança alegórica com o Filho de Deus. Numa ocasião... encontrou nos campos um pastor que apascentava um rebanho de cabras e bodes. E entre a grande quantidade de cabras havia uma ovelhinha, andando humildemente e pastando tranquila. Quando o bem-aventurado Francisco o viu, parou e, tocado interiormente por uma dor do coração (cf. Gn 6,6), gemendo mais alto, disse ao irmão que o acompanhava: “Por acaso não vês esta ovelha que anda tão mansa entre estas cabras e bodes? Assim, te digo que Nosso Senhor Jesus Cristo andava manso e humilde (cf. Mt 11,29) entre os fariseus e príncipes dos sacerdotes (1Cel 77).

Mais ainda, posteriormente, São Boaventura afirma categoricamente a piedade copiosa de Francisco, ao descrever o mesmo episódio. Ensina que o pobre de Assis abraça toda criatura entranhada e suavemente mais ainda aquela que apresenta símbolos da Escritura, acrescenta, com delicada devoção à pessoa de Francisco e aguda precisão teológica, a analogia do cordeiro e Jesus, escreve o São Boaventura: “Francisco resgatou com frequência os cordeiros que eram conduzidos à morte, lembrando-se daquele Cordeiro mansíssimo que quis ser levado à morte (cf. Is 53,7) para remir os pecadores” (LM 8,6).

A fraternidade mística com as criaturas encontra sua máxima expressão no autêntico Cântico, Fonte primária do louvor de Francisco, expressão singular de um momento de vida particular, síntese da sua relação fraterna com o cósmos, como testemunha seus biógrafos. Parece-nos importante fazer uma breve averiguação destas questões, o que vai possibilitar mais facilmente o aprofundamento do conteúdo do Cântico.

#### 4.2.

#### **A autenticidade do Cântico das Criaturas**

O Cântico é sem dúvida, o mais divulgado dos escritos do santo e, por isso mesmo, o mais estudado, porém nem sempre na perspectiva em que foi concebido e certamente não em conjunto e em relação com suas outras laudas de louvor<sup>572</sup>. Veremos as questões relativas ao título do Cântico, que reporta à sua originalidade e autenticidade, confirmadas na história da literatura italiana.

---

<sup>572</sup> Cf. BERNARDI, O. O encanto da vida. *Op. Cit.* p. 51. De modo praticamente idêntico e antecedendo ao Cântico das Criaturas, a Exortação ao Louvor de Deus é um testemunho da liturgia cósmica à qual Francisco convida o universo em geral e a todas as criaturas em particular: “Temei ao Senhor e prestai-lhe honra (Ap 14,7). Digno é o Senhor de receber o louvor e a honra (cf. Ap 4,11). Todos vós, que temeis o Senhor, louvai-o (cf. Sl 21,24)... Céu e

Pertence hoje à antologia mundial da beleza contemplativa da natureza das criaturas o Cântico composto por Francisco. A proximidade da morte lapida ainda mais o cristal maravilhoso do coração místico do santo<sup>573</sup>.

O Cântico é muito bem fundamentado nas Fontes Franciscanas antigas, as Legendas medievais com seus biógrafos franciscanos narram com detalhes de informação a ‘gêneses’ deste Hino, seu conteúdo, seu uso litúrgico e papel evangelizador, como veremos ainda neste capítulo.

#### 4.2.1.

#### Questões relativas ao título Cântico das Criaturas

Os estudos críticos das Fontes Franciscanas conservam o título Cântico. A edição mais recente em língua italiana dos Escritos de Francisco (FF) intitula o texto como “Cantico delle Creature” e ainda conclui: “A Lauda mais famosa de Francisco é, todavia o “Cantico delle creature”(FF p. 85 e 178). A tradução brasileira dos Escritos de Francisco conserva o título “Cântico do Irmão Sol ou Louvores das Criaturas” (FFC p. 104). Em nota das Fontes Franciscanas, lemos: “Quase moribundo, compôs São Francisco o Cântico das Criaturas. Até o fim da vida queria ver o mundo inteiro num estado de exaltação e louvor a Deus” (EeB nota 10, p. 70).

A Segunda Legenda escrita por Tomás de Celano testemunha já em 1246-7, enquanto o autor residia no Convento junto ao sepulcro de Francisco, em Assis, de onde observamos a compreensão do título: “Então, Francisco, compôs os Louvores das Criaturas e exortou-as a de algum modo louvarem o Criador” (2Cel 213). Há uma nota correspondente a este texto, na versão italiana das Fontes, Fonti Francescane (FF) que traduz esta escolha: “É o conhecidíssimo ‘Cântico das Criaturas’ dito também de ‘Irmão Sol’ (tradução nossa) (n. 242, p. 723)<sup>574</sup>.

---

terra, louvai o Senhor (cf. Dn 3,78). Rios todos, louvai o Senhor (cf. Dn 3,82)... Tudo o que respira louve o Senhor (Sl 150,6). Louvai o Senhor porque ele é bom (Sl 146,1)... Criaturas todas, bendizei o Senhor (cf. Sl 102,22)” (ExL 1-3.5-6.9-11).

<sup>573</sup> Cf. LIBÂNIO, J.B. Eu creio. Nós cremos. Tratado de fé. *Op. Cit.* p. 134-135.

<sup>574</sup> Para a questão e a história dos vários títulos transmitidos ao longo da história do Cântico: cf. BRANCA, V. *Il Cantico di Frate Sole*. Studio delle Fonti e testo critico. Florença: Leo S. Olschki, 1950 -reedição de 1994 -, p. 4. Esta obra é fundamental, referência para a exegese do Cântico, estudo linguístico, semântico, hermenêutico, obra de referência, possivelmente o mais

O texto da Compilação de Assis<sup>575</sup> descreve, ao seu modo, confirmando Francisco como autor, afirma ser o texto um louvor ao Senhor, o Altíssimo Deus, intitulado como Cântico do Irmão Sol: “Os Louvores do Senhor que ele (Francisco) compôs – a saber, Altíssimo, onipotente, bom Senhor – pôs o nome de Cântico do Irmão Sol, que é mais belo do que todas as outras criaturas e que mais pode assemelhar-se a Deus” (CA 83,20).

O Compilador do Espelho da Perfeição<sup>576</sup> apresenta a questão do título da seguinte forma: “Depois que São Francisco compôs os referidos Louvores das Criaturas, que chamou de Cântico do Irmão Sol...” (2EP 101).

Mesmo supondo as afirmações das três Fontes citadas, os estudiosos do franciscanismo, buscam superar a questão, que poderia reduzir o título dos Louvores do Senhor, os Louvores das Criaturas (*Lauda de suis creaturis*), no título de Cântico do Irmão Sol, mas considerando um título mais abrangente, uma vez que são várias as criaturas citadas no poema. Raoul Manselli no seu estudo, já citado, ensina que: “Numa consonância perfeita entre palavras escritas e ação vivida, corresponde o “Cântico do Irmão Sol”, conhecido também, *talvez até mais*, (grifo nosso) com o título de “Cântico das Criaturas”<sup>577</sup>.

Na sua monumental obra crítica dos Escritos de Francisco, Kajetan Esser prefere usar o título “Cântico do Irmão Sol”, com base na precedência do Irmão Sol, no início da primeira estrofe de louvor com todas as criaturas, era tradição dos poetas usarem como título da obra literária o tema do primeiro verso<sup>578</sup>.

---

completo estudo crítico do Cântico. A reedição de 1994 atualiza toda a bibliografia entre 1950-1992. cf. PAOLAZZI, C. *Lettura degli Scritti di Francesco d’Assisi*. *Op. Cit.* p. 414.

<sup>575</sup> Esta Fonte Franciscana, Legenda chamada Compilação de Assis encontra-se no Códice 1046 da Biblioteca de Perúgia. Originalmente, até o ano de 1381, conforme inventário desse ano, o manuscrito pertencia à Biblioteca do Sacro Convento de Assis. cf. Introdução das FFC, p. 43

<sup>576</sup> Esta obra, desde o seu aparecimento, sempre esteve no centro da “questão franciscana”. Em torno dela, criou-se uma das mais duras polêmicas no campo dos estudos de franciscanismo, polêmica em que estiveram envolvidos os mais importantes críticos da época. O *Speculum Perfectionis* teve ampla difusão a partir da primeira metade do século XIV, pois muitos manuscritos o transmitem. O mais antigo provem de Ognissanti (Florença, de meados do século XIV), no qual o *Speculum* traz a data de 11 de maio de 1318. cf. Introdução FFC, p. 47.

<sup>577</sup> MANSELLI, R., *São Francisco de Assis*. *Op. Cit.* p. 288. Sobre a precedência e difusão das “*Laudes creaturarum*” afirma Edoardo Fumagalli: “O eco familiar e caro do Cântico das Criaturas, ou do irmão Sol indica a popularidade destas palavras de São Francisco que sempre estiveram vastamente, pelo menos na Itália, desde cedo conhecidas por todos”. FUMAGALLI, E. *San Francesco il Cantico, il Pater noster*. Milão: Jaca Book, 2002, p. 9.

<sup>578</sup> Cf. ESSER, K. *Gli Scritti di San Francesco d’Assisi*. *Op. Cit.* p. 150-151.

O título *Cântico das Criaturas* se trata de um título lógico, compreensível e totalizante, pois abarca e expressa todo o seu conteúdo. Compreensível que o estudioso do *Cântico*, Eloi Leclerc<sup>579</sup>, tenha mantido em seu maravilhoso e profundo estudo o nome de “*Cântico das Criaturas*”<sup>580</sup>. Este autor, no corpo do livro dedicado ao estudo ricamente aprofundado do *Cântico de Francisco*, utiliza ora o título “*Cântico do Sol*”, para expressar a importância da primeira imagem apresentada no louvor às criaturas, o “*Senhor Irmão Sol*”<sup>581</sup> ora, sob o título “*Cântico das Criaturas*”. O *Irmão Sol* está em primeiro lugar, mas todo o *Cântico* é colocado sob o seu signo<sup>582</sup>.

A pertinente pesquisa sobre o *Cântico do franciscano Vincenzo Cherubino Bigi* recebeu o título “*O Cântico das Criaturas de Francisco de Assis*”, confirma já na introdução: “Assim, com espantosa simplicidade, brota do coração de Francisco aquele famosíssimo *Cântico*, uma das primeiras expressões poéticas da nascente língua italiana”<sup>583</sup>, em toda a obra de análise do texto, utiliza o mesmo título, devido à abrangência da temática destacada com relevância do pensamento por Francisco, no conteúdo das *Laudas*.

Em recente estudo, frei Orlando Bernardi, analisa o texto do *Cântico*, no contexto da mística de Francisco, e afirma, sem se dedicar a explicar, quanto ao uso do título: “*O Cântico do Irmão Sol*, como o chamou Francisco, ou o “*Cântico das Criaturas*”, como ficou mais conhecido, é, sem dúvida, o mais divulgado dos escritos do santo”<sup>584</sup>.

<sup>579</sup> “O livro de Eloi Leclerc, às vezes demasiado metafísico, é uma excelente prova de que o *Cântico das Criaturas* arrasta inevitavelmente à poesia e à mística” MARÍA, F. *El cántico de las criaturas*. Murcia: EE, 2002, p.21.

<sup>580</sup> Cf. SOLSONA, J. Presentación del “*Cantico del Hermano Sol*”. In.: *SF*, 13-14 (1976), vol V, Fasc. I-II, p. 16.

<sup>581</sup> Já na introdução lemos: “O que pretendemos neste ensaio não é outra coisa senão fazer uma nova leitura do *Cântico do Sol* de Francisco de Assis”. LECLERC, E. *O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união*. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 7.

<sup>582</sup> Cf. LECLERC, E. *Op. Cit.*, p. 65. Ainda afirma o autor: “Não se deve perder de vista este aspecto realista do *Cântico das Criaturas*”, ou “As imagens das coisas que o *Cântico das Criaturas* nos apresenta são justamente a expressão dessa experiência maravilhosa e sagrada do mundo”. p. 25; 33. Já no prefácio e no texto de outra obra Leclerc faz uso dos dois títulos: “Um dia, em Montreal, discorria eu sobre o *Cântico do Irmão Sol*... passaríamos, porém, ao lado dos abismos desta experiência se esquecêssemos que o *Cântico das Criaturas* é primeiramente um grande ímpeto de louvor ao Altíssimo...” LECLERC, E. *O Cântico das Fontes. O universo fraterno de Francisco de Assis. Op. Cit.*, p. 7-9.

<sup>583</sup> BIGI, V. C. *Il Cantico delle Creature di Francesco d'Assisi*. Assis: Porziuncola, 2002, p. 7.

<sup>584</sup> BERNARDI, O. *Op. Cit.* p. 51

Francisco se faz cantor das criaturas, inspirado pelo *Sol da justiça* (cf. Mt 3,20)<sup>585</sup>, que é o próprio Deus, e isto antecede o nascimento do Cântico, portanto é importante reconhecer que Francisco foi amigo das sombras como foi amigo da luz. Mas teve que lutar contra as suas sombras que poderiam obscurecer sua alma radiante de luz como homem do Evangelho (cf. Mt 5,14). Se seu Cântico tem o esplendor da manhã, é precisamente porque ele surge no fim da noite. Se ele é o canto de todas as criaturas, é porque também foi o canto da maior solidão. E se é o canto de todos os humanos, é porque é mais forte que todos os silêncios e que todas as violências: é o canto de todos os perdões. Das profundezas de seu sofrimento o segredo de sua paz, sua vida dedicada às criaturas todas. E é neste contexto, ao qual votaremos neste estudo, que nasce o seu Cântico à vida<sup>586</sup>.

#### 4.2.2.

#### O Código ou Manuscrito 338 do Sacro Convento de Assis

Desde muito cedo, houve, por parte dos primeiros frades, grande interesse em recolher tudo aquilo que Francisco escreveu, ditou ou mandou escrever. Dentre as centenas de manuscritos examinados por Kajetan Esser<sup>587</sup> para a mais recente edição crítica dos Escritos de Francisco, vários provêm do século XIII, sendo o mais antigo manuscrito o Código 338 da Biblioteca Comunal da cidade de Assis, situado na metade do século. A crítica histórica o situa por volta de 1250<sup>588</sup>: “A seção do Código 338 da Biblioteca Comunal de Assis (toda ela ff. 12r-43v), atualmente conservado na Biblioteca do Sacro Convento de Assis, junto com muitos outros textos originais de Francisco de Assis”<sup>589</sup>.

<sup>585</sup> Escreve Manfred Lurker: “Os cristãos primitivos oravam voltados para o nascimento do sol, e até os tempos modernos as igrejas eram construídas voltadas para o oriente. Segundo Hilário de Poitiers, o Logos é como o sol; os seus raios estão sempre prontos a iluminar sempre que se abrem as janelas da alma humana. A festa, que celebrava a comemoração do nascimento de Cristo a seis de janeiro, foi transferida pelos meados do século IV para 25 de dezembro, para assim desalojar a festa cultural celebrada neste dia ao Sol invictus, na época o deus do Império Romano”. Sol, In: *DFSB*, p. 230

<sup>586</sup> Cf. LECLERC, E. *O sol nasce em Assis*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 40.

<sup>587</sup> Cf. ESSER, K. *Op. Cit.* p. 150-156.

<sup>588</sup> Cf. SOLSONA, J. Presentación del “Cântico del Hermano Sol”. *Op. Cit.* p.15.

<sup>589</sup> PAOLAZZI, C. *Studi su gli “Scritti” di frate Francesco*. Roma: Editiones Collegii S. Bonaventure ad Claras Aquas, 2006, p. 25.

A facilidade de se fazer uma coletânea do gênero já naquele tempo deve-se ao fato de o próprio Francisco ter incentivado os destinatários de seus escritos a fazerem cópias, a guardá-los na memória e a colocá-los em prática. Assim, grande é o número dos manuscritos que trazem coletâneas, umas mais, outras menos completas, dos escritos do santo. A primeira tentativa de recolher uma única coleção todos os escritos de Francisco coube ao franciscano irlandês Lucas Wadding que, em 1623, a publicou sob o título de *Opuscula*. Esta edição saiu toda em língua latina. O editor traduzira para o latim até os escritos em língua italiana, como o Cântico das Criaturas<sup>590</sup>.

O texto que fundamenta o nosso estudo é extraído deste famoso Código 338, onde muitas outras obras escritas por Francisco estão catalogadas, consideradas autênticas pelos críticos estudiosos da literatura medieval. A respeito do Código e o Cântico, Ezio Franceschini, ao estudar a literatura legada por Francisco, compilada ali, escreve: “autentíssimo; e ainda mais, está entre os mais importantes escritos de Francisco. Que se conserva, em mais antigo e autêntico, patrimônio da literatura italiana deixada pelo filho mais nobre de Assis”<sup>591</sup>.

Este Código, portanto, proveniente do Sacro Convento de Assis, se encontra entre os *Opuscula* de Francisco sob os números 33b-34<sup>a</sup>, neste Manuscrito se encontra integralmente o texto do Cântico. Segundo as afirmações mais seguras da crítica interna o Cântico<sup>592</sup> faz parte da seção dos manuscritos contendo os Escritos mais antigos de Francisco<sup>593</sup>. Os manuscritos devolvidos a sua sede originária, o arquivo do Sacro Convento de Assis, por causa da supressão napoleônica, foram transferidos e incorporados à Biblioteca Municipal de Assis. Entre a primeira e a segunda linha do manuscrito, há um espaço para as notas musicais. Infelizmente, elas não foram transmitidas nem nesse nem em outros manuscritos, e por isso a melodia original continua

<sup>590</sup> Cf. Introdução às FFC, p. 14-15.

<sup>591</sup> FRANCESCHINI, E. Nel segno di Francesco. *Op. Cit.* p. 134.

<sup>592</sup> Tendo a compreensão do título abrangente, “Cântico das Criaturas”, o objeto do nosso estudo, evitamos a abreviação (Cnt), utilizamos o substantivo “Cântico” no corpo da tese para o que significa o título “Cântico das Criaturas” e quando usarmos ‘cântico’ para outra realidade, explicaremos de que cântico se trata.

<sup>593</sup> Cf. BRANCA, V. Il Canticò di Frate Sole. Studio delle fonti e testo critico. *Op. Cit.* p. 6;26.

desconhecida. Mas Trata-se de um tom salmódico, que se repete nos outros versos da composição<sup>594</sup>.

#### 4.2.3.

### O Cântico das Criaturas nas Fontes Hagiográficas

Transcrevemos os textos como se apresentam nas fontes hagiográficas<sup>595</sup>, contidas nas Fontes Franciscanas e que fazem parte da história biográfica do Santo de Assis. Tais textos formam o substrato histórico mais importante conservado que testemunha a autenticidade do Cântico como composto por Francisco. Supomos a “Questão Franciscana”<sup>596</sup> da leitura das fontes, como estudos críticos da autenticidade das biografias. Citamos primeiramente o primeiro biógrafo frei Tomás de Celano (1228), em seguida apresentamos o texto narrado pela Compilação de Assis (1310-1312) e por fim o Espelho da Perfeição (c. 1318).

Passaremos a citar os textos mais significativos das narrativas que abordam a autenticidade deste ‘salmo’ de louvor franciscano.

#### a.

### O Cântico na ‘Primeira Vida’ de Francisco, escrita por Tomás de Celano (1Cel)

O texto do Cântico não é citado em nenhuma das biografias escritas por Tomás de Celano, 1Cel (1228) e vinte anos depois a 2Cel, nem mesmo

<sup>594</sup> Cf. LEHMANN, Leonhard. *Francisco mestre de oração*. Piracicaba: CFE, 1997, p.214.

<sup>595</sup> As fontes hagiográficas são um gênero literário próprio. O termo hagiografia vem do grego, *hágios* que significa santo. Portanto, fontes hagiográficas são fontes escritas para celebrar a santidade. As características desse gênero literário são: em primeiro lugar, a finalidade, que é promover a edificação do leitor e não a apresentação da verdade histórica no sentido moderno do termo; em segundo lugar, a forma, que é a da reiteração dos episódios de santidade, os topoi; a terceira característica é a multiplicação de milagres, porque o verdadeiro protagonista das hagiografias não é o santo, mas Deus, que se revela na história dos homens através daquele santo. Cf. BARTOLI, M. Estado atual da pesquisa sobre as Fontes Franciscanas. In: MOREIRA, A.S., São Francisco e as Fontes Franciscanas. *Op. Cit.* p. 52.

<sup>596</sup> Para a compreensão da “questão franciscana”: MAZZUCO, V., *Introdução à SABATIER, P., Vida de São Francisco de Assis*. Bragança Paulista: IFAN, 2006, p. 15-17; MANSELLI, R., *Nos qui cum eo fuimus*. Contributo alla questione franciscana. Roma: ISC, 1980; COVI, E. e RAURELL, F., (Org). *Metodi di Lettura delle Fonti Francescane*. Roma: Collegio S. Lorenzo da Brindisi, 1988; CAMPAGNOLA, S. da., *L'Angelo del sesto sigillo e L' "Alter Christus"*. *Op. Cit.*, Principalmente p. 49-157.

parcialmente. Celano não julga necessário, provavelmente por ser muito conhecido e cantado por todos. Porém, o cita com o nome genérico de “os Louvores das Criaturas” (2Cel 213). Encontramos uma referência à estrofe da irmã morte (2Cel 217)<sup>597</sup>.

Frei Tomás de Celano, em sua primeira biografia põe, muito significativamente, o Cântico em conexão com o Canto dos três jovens na fornalha (cf. Dn 3,57-90):

Como outrora os três jovens colocados na fornalha de fogo ardente convidavam todos os elementos a louvarem e glorificarem o Criador, não cessava (Francisco) de glorificar, louvar e bendizer (cf. Dn 3,17.51) em todos os elementos e criaturas o Criador e governador de todas as coisas (1 Cel 80, 10).

Transcrevemos da segunda biografia de Francisco escrita por Tomás de Celano esta afirma, ainda que muito reduzidamente e sem aprofundar em detalhes, sobre o nascimento do Cântico. Enquanto jaz “oprimido” numa cabana feita de barro em São Damião, experimenta a ajuda da mão de Deus ouvindo de modo renovado a promessa divina:

Numa noite, ao atormentar-se mais do que de costume por causa dos graves e diversos sofrimentos de suas enfermidades, começou a compadecer-se de si mesmo do íntimo do coração. Mas, para que aquele espírito pronto não concordasse carnalmente com a carne em alguma coisa, ainda que por um momento, rezando a Cristo, ele mantém imóvel o escudo da paciência. Enquanto rezava, assim posto na luta, obteve finalmente do Senhor a promessa da vida eterna com esta comparação: “Se todo o volume da terra e o conjunto do universo fossem ouro incalculavelmente precioso, e se em lugar destes duros sofrimentos que padeces – sendo retirada toda dor – te fosse dado como prêmio um tesouro de tão grande glória, comparado com o qual o predito ouro fosse um nada ou até mesmo nem digno de ser mencionado, por acaso não te alegrarias, suportando de boa vontade o que suportas no momento?” Disse o santo: “É claro que me alegraria, alegrar-me-ia acima da medida”. Disse-lhes o Senhor: “Então exulta, porque tua enfermidade é a garantia de meu reino, e pelo mérito da paciência espera seguro e certo a herança do mesmo reino”. – Mas com quanta exultação julgas que o bem-aventurado homem se alegrou por tão feliz promessa? Não só com quanta paciência, mas também com quanto amor crês que ele abraçou os sofrimentos do corpo? Ele agora o sabe perfeitamente, porque naquele tempo lhe foi impossível dizer. Mas contou umas poucas coisas aos companheiros, como pôde. – Então, compôs os Louvores das Criaturas e exortou-as a de algum modo louvarem o Criador (2Cel 213).

A Segunda Legenda composta por Tomás de Celano se retrai ao narrar as circunstâncias do nascimento do poema, mas ao fazer alusão ao momento que

<sup>597</sup> Cf. SOLSONA, J. Presentación del “Cántico del hermano Sol”. *Op. Cit.* p. 16

antecede a origem do texto confirma a tradição dos sofrimentos vividos durante os tormentos numa noite – supostamente o Convento de São Damião – quando recebe a confirmação do Senhor quanto à vida eterna, a garantia do Reino de Deus, como recompensa pelas enfermidades suportadas com paciência e amor. Ao amanhecer a resposta do santo será a composição do Cântico como um Salmo de Louvor ao Criador.

Passaremos a descrever a narrativa mais longa feita pela Compilação de Assis, o texto é mais tardio, é reconhecida fonte que guarda a tradição oral ou escrita de proveniência dos primeiros companheiros de Francisco.

**b.**

### **O Cântico na Compilação de Assis (CA)**

A CA é formada basicamente de recordações dos primeiros companheiros e discípulos de Francisco. A data da redação è de 1245. Fala extensamente da composição e o significado do texto do Cântico para a mística da fraternidade de Francisco.

Já temos citado em vários momentos esta compilação, passamos a reproduzir na íntegra o texto que compõe o Cântico, mesmo levando em consideração que o autor nos transmite somente o primeiro versículo, a estrofe do perdão (cf. FFC: nn.83-84; EeB:nn. 43-44 e FF: nn. 43-44) e a estrofe da irmã morte (cf. FFC: n 7; EeB: n. 100 e FF: n.100). O autor da Compilação acrescenta detalhes à narrativa da origem do Cântico, ressalta os conflitos interiores causados por sofrimentos físicos e enfermidades que se somam aos problemas surgidos nos últimos anos da fraternidade franciscana, destaca o seu estado de ânimo:

Numa noite, considerando o bem-aventurado Francisco que tinha tantas tribulações, moveu-se de piedade para consigo mesmo e disse dentro de si:” Senhor, vinde em meu auxílio em minhas enfermidades, para que eu as possa tolerar com paciência”... E disse-lhe, o Senhor: “Portanto, irmão, alegra-te e rejubila-te bastante em tuas enfermidades e tribulações, porque doravante deves considerar-te tão seguro como se estivesses em meu reino”... E, levantando-se de manhã, disse aos seus companheiros: “Se o imperador desse um reino inteiro a algum servo seu, acaso não deveria alegrar-se muito? Mas, se lhe desse todo o império acaso não se alegraria muito mais?” E disse-lhes: “Portanto, é necessário que eu agora muito me alegre em minhas enfermidades e tribulações, me conforme no Senhor e sempre dê graças a Deus Pai e a seu Filho único,

Nosso Senhor Jesus Cristo, e ao Espírito Santo por tanta graça e bênção a mim concedida, porque, vivendo eu ainda na carne, ele por sua misericórdia se dignou dar-me a certeza do reino a mim, seu pequeno e indigno servo. Por isso, para nossa consolação e para a edificação do próximo, quero compor novo Louvor do Senhor (*lauda del Signore*) pelas suas criaturas (*de suis creaturis*) de que nos servimos a cada dia, sem as quais não podemos viver e nas quais o gênero humano muito ofende o Criador; e a cada dia somos ingratos a tanta graça, porque por elas não louvamos como deveríamos o nosso Criador e doador de todos os bens”.

E, sentando-se, começou a meditar e depois a dizer: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor”. E compôs um canto sobre estas palavras e ensinou seus companheiros a cantá-lo. Pois então seu espírito estava em grande doçura e consolação que queria mandar procurar Frei Pacífico – que no mundo se chamava rei dos versos e foi mestre muito cortês de cantos – e dar-lhe alguns irmãos bons e espirituais para que fossem pelo mundo, pregando e louvando a Deus.

Pois queria e dizia que primeiro algum deles, que soubesse pregar, pregasse ao povo, e depois da pregação cantassem os Louvores, queria que o pregador dissesse ao povo: “Nós somos os jograis do Senhor e nisto queremos ser remunerados por vós, a saber, que estejais em verdadeira penitência.

Os Louvores do Senhor que ele compôs – a saber, Altíssimo, onipotente, bom Senhor – pôs o nome de Cântico do Irmão Sol, que é mais belo do que todas as outras criaturas e que mais pode assemelhar-se a Deus.

Por isso, dizia: “De manhã, quando o sol nasce, todo homem deveria louvar a Deus que o criou, porque por ele os olhos são iluminado de dia; ao entardecer, quando começa a noite, todo homem deveria louvar a Deus por outra criatura, o irmão fogo, porque por ele nossos olhos são iluminados de noite”. E disse: “Todos nós somos como que cegos, e o Senhor por estas duas criaturas ilumina nossos olhos; por isso, devemos louvar sempre de modo especial o glorioso Criador por estas e outras criaturas suas que usamos a cada dia”. Quando era atormentado pela enfermidade ele próprio começava a dizer os Louvores do Senhor e depois mandava seus companheiros cantarem para que, na consideração do Louvor do Senhor, pudesse esquecer a dor e a acerbidade das dores e das enfermidades. E assim fez até ao dia de sua morte” (n. 83).

Esta compilação narra a situação em São Damião de um modo ainda mais difuso e particularizado. Como no texto de Celano, a Compilação também expressa a compaixão que Francisco tem por si mesmo, estado de ânimo que o levou a invocar a ajuda do Senhor. A misericórdia de Deus se lhe revelou novamente, prometendo um precioso tesouro.

Após o santo compreender que era eminente a proximidade da irmã morte, com o espírito confortado, interior e exteriormente alegre no Senhor (cf. Fl 4,4):

O bem-aventurado Francisco, embora estivesse muito atormentado pelas enfermidades, louvou o Senhor com grande fervor de espírito e com grande alegria de alma e de corpo e disse-lhe: “Portanto, se devo morrer em breve, chamai-me frei Ângelo e frei Leão para que cantem para mim algo da irmã morte”.

Estes irmãos foram à presença dele e, com muitas lágrimas cantaram o Cântico do Irmão Sol e das outras criaturas do Senhor, o qual o próprio santo compôs em sua enfermidade para o louvor do Senhor e para consolação de sua alma e dos outros; neste canto, antes do último verso, colocou um verso sobre a irmã morte, a saber: “Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal. Felizes aqueles que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal”(n.7).

Portanto, a Compilação de Assis narra, em momentos distintos o nascimento da composição do texto do Cântico, constituindo uma fonte documental importante da autenticidade do Cântico de Francisco. Passaremos a apresentar a narrativa apresentada pelos hagiógrafos compiladores da fonte franciscana o Espelho da Perfeição.

**c.**

### **O Cântico no Espelho da Perfeição (maior) (EP)**

Este documento se situa criticamente nos primeiros anos do século XIV, em 1318 com muita probabilidade. Após o Capítulo Geral de 1276, realizado em Pádua, que decretou novas e apuradas investigações e depuração crítica sobre a vida de Francisco, anulando portanto as sanções estabelecidas no Capítulo Geral de 1266, em Paris, contra toda biografia que não fosse a *Legenda de frei Boaventura*<sup>598</sup>.

Transcrevemos a estada de Francisco no Convento de São Damião, quando dois anos antes de sua morte compôs o Cântico:

Quando estava em São Damião numa pequena cela feita de esteiras e era muitíssimo atormentado pela doença dos olhos, a ponto de não poder ver a luz do dia nem a do fogo por mais de cinquenta dias, aconteceu que, por divina permissão e para aumentar seu sofrimento e seu mérito, naquela cela entraram

<sup>598</sup> Nas Constituições do Capítulo de Narbonne (1260), São Boaventura já decretara: “Para estar bem seguro de não transmitir aos que nos seguirão senão a verdade autêntica e limpa sobre sua vida, dirigi-me aos locais onde o santo nasceu, viveu e morreu; recolhi, cuidadosamente, as lembranças de seus companheiros ainda vivos, daqueles, sobretudo, que melhor penetraram e imitaram sua santidade, e nos quais se pode depositar toda confiança, pois reconhecemos a verdade de seus ditos e de sua virtude”, Apud. DESBONNETS, T., *Da Intuição à Instituição. Op. Cit.*, p. 140. A ação de Boaventura desenvolve-se no Capítulo de Paris, em 1266. É sob seu impulso, evidentemente, que o Capítulo promulgou o inacreditável decreto, cujo texto é o seguinte: “Do mesmo modo, o Capítulo geral ordena, em nome da obediência, que se destruam todas as legendas do bem-aventurado Francisco, elaboradas anteriormente”. *Ibid.*, p. 141. Desbonnets ainda afirma que não se poderia melhor mostrar que se estava empregando o poder para decretar aquilo que era verdadeiro e também aquilo que não o era. Cf. *Idem*.

tantos ratos que, correndo dia e noite sobre ele e em volta dele, não o deixavam rezar nem descansar. Além disso, quando comia, subiam sobre sua mesa e o atormentavam muito; tanto que ele e seus companheiros compreenderam claramente que se tratava de uma tentação diabólica.

Vendo-se mortificado por tantas provações, uma noite, movido de compaixão por si mesmo, São Francisco disse para si: “Senhor, vinde em meu auxílio em minhas enfermidades, para que eu consiga suporta-las com paciência”.

E logo lhe foi dito em espírito: “Dize-me, irmão: se, por estas tuas enfermidades e tribulações, alguém te desse um tesouro tão grande e precioso que, se toda a terra fosse puro ouro, todas as pedras fossem pedras preciosas e toda a água fosse bálsamo, tu as considerarias um nada em comparação com tão grande tesouro, não te alegrarias muito?” São Francisco respondeu: “Tal tesouro, Senhor, seria grande e muito precioso, muito agradável e desejável”. E novamente ouviu que lhe dizia: “Pois então, irmão, alegra-te e rejubila-te em tuas enfermidades e tribulações e, quanto ao mais, vive tão tranquilo como se já estivesses no meu reino”.

Levantando-se de manhã, disse a seus companheiros: “Se o imperador desse um reino inteiro a um de seus servos, não deveria o servo alegrar-se muito? Se, porém, lhe desse todo o império, não deveria alegrar-se muito mais?” E acrescentou: “Portanto, devo realmente alegrar-me muito nas enfermidades e tribulações, ser confortado no Senhor e sempre dar graças a Deus Pai, a seu único Filho, o Senhor Jesus Cristo, e ao Espírito Santo pela grande graça que me foi concedida pelo Senhor, pois se dignou assegurar seu reino a mim, seu indigno servo, vivendo ainda na carne. Por isso, para seu louvor, para nossa consolação e para a edificação do próximo, quero compor um novo *Louvor das Criaturas do Senhor*, das quais nos servimos diariamente, sem as quais não podemos viver e nas quais o gênero humano ofende muito o Criador. E constantemente somos ingratos por tantas graças e benefícios, não louvando o Senhor, criador e doador de todos os bens, como deveríamos”. E, sentando-se, começou a meditar por algum tempo.

Depois disse: “Altíssimo, onipotente e bom Senhor” etc. e fez um canto sobre isso e o ensinou a seus companheiros para que o recitassem e cantassem. Pois seu espírito sentia, então, tanta consolação e doçura que quis chamar Frei Pacífico, que no mundo era chamado rei dos versos e foi um mestre de canto muito cortês; e queria dar-lhe alguns frades bons e espirituais, para que fossem com ele pelo mundo a pregar e a cantar os Louvores do Senhor. Dizia que sua vontade era que aquele que dentre eles melhor soubesse pregar, primeiro pregasse ao povo e, depois da pregação, todos cantassem juntos os Louvores do Senhor, como jograis do Senhor.

Terminados os Louvores, queria que o pregador dissesse ao povo: “Nós somos jograis do Senhor e, por isso, a recompensa que queremos receber de vós é que permaneçais na verdadeira penitência. E acrescentou: “Com efeito, o que são os servos de Deus, senão seus jograis, que devem erguer os corações dos homens e movê-los à alegria espiritual?”.

E continua ainda o mesmo compilador, no número seguinte, para descrever o nascimento da estrofe sobre o perdão e a paz.

Depois que São Francisco compôs os referidos louvores das criaturas, que chamou de Cântico do Irmão Sol, aconteceu que surgiu uma grande discórdia entre o Bispo e o podestà da cidade de Assis; de tal modo que o bispo excomungou o podestà, e o podestà mandou proclamar que ninguém devia vender ou comprar algo do Bispo ou fazer com ele qualquer contrato.

Encontrando-se doente e ouvindo isso, São Francisco foi tomado de compaixão por eles, sobretudo porque ninguém tomava a iniciativa de restabelecer a paz. Disse a seus companheiros: “É uma grande vergonha para nós, servos de Deus, que o Bispo e o podestà se odeiem mutuamente dessa forma e que ninguém se ponha a restabelecer a paz entre eles!” E assim, acrescentou imediatamente um verso aos mencionados louvores para aquela circunstância, e disse: Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e sofrem enfermidades e tribulações! Felizes aqueles que perseveraram na paz porque por ti, Altíssimo, serão coroados.

Depois chamou um de seus companheiros e disse-lhe: “Vai ao podestà e, de minha parte, dize-lhe que venha ao bispado com os notáveis da cidade e outros que possa trazer consigo”.

Quando aquele frade partiu, disse a outros dois de seus companheiros: “Ide e, diante do Bispo, do podestà e dos demais que estão com eles, cantai o Cântico do Irmão Sol. Confio no Senhor que imediatamente ele tornará humildes os corações deles e os fará voltar ao antigo amor e amizade”.

Quando todos se reuniram na praça do claustro do bispado, levantaram-se aqueles dois frades e um deles disse: “Durante sua doença, São Francisco compôs os louvores ao Senhor por suas criaturas para a glória do mesmo Senhor e edificação do próximo”. E assim, começaram a recitá-los e a cantá-los.

O podestà logo se levantou e, de braços e mãos juntas, escutou atentamente com a maior devoção e até com muitas lágrimas, como se fosse o Evangelho do Senhor. Com efeito, tinha grande fé e devoção por São Francisco.

Terminados os louvores do Senhor, o podestà disse na presença de todos: “Em verdade vos digo que não só perdoaria ao senhor Bispo, que quero e devo ter por meu senhor, mas até quem matasse meu irmão ou meu filho”. E, dizendo isso, lançou-se aos pés (cf. Mt 15,30) do Bispo e disse-lhe: “Eis que, por amor de nosso Senhor Jesus Cristo e de seu servo São Francisco, estou pronto a dar-vos satisfação em tudo o que vos agradar”. O Bispo, porém, amparando-o com as mãos, levantou-se e lhe disse: “Por meu encargo, eu deveria ser humilde. Mas, já que por natureza sou inclinado à ira, é necessário que me perdoes”. E assim, com muita benignidade e afeição se abraçaram e se beijaram mutuamente.

Os frades ficaram maravilhados e alegres, vendo que se tinha cumprido à letra o que São Francisco predissera sobre a reconciliação deles. Todos os outros que estavam presentes consideraram aquilo um grandíssimo milagre, atribuindo totalmente aos méritos de São Francisco o fato de o Senhor os visitar tão rapidamente e que, após tanta discórdia e escândalo, voltaram a tamanha concórdia, sem guardarem a lembrança de alguma palavra.

Nós, porém, que vivemos com (cf. 2Pd 1,18) São Francisco, damos testemunho (cf. Jo 21,24) que, quando ele dizia que algo é assim ou assim será, sempre se cumpria à risca. Nós vimos tais e tão numerosos fatos que seria longo descrevê-los e narra-los (EP 100-101).

O Espelho da Perfeição guarda com delicada precisão a narrativa do Cântico. Mais adiante da mesma compilação no capítulo 119 o texto recorda a precedência do Irmão Sol, a mais bela de todas as criaturas, dentro dos louvores do Senhor, por razão de assemelhar-se a Deus, o Senhor, que é chamado na Escritura de *Sol da Justiça* (cf. Ml 3,20), que Francisco tinha composto quando o Senhor lhe garantiu a posse de seu Reino.

O EP recorda ainda que o santo exigia que seus companheiros cantassem, para que, ele esquecesse a dureza de seus sofrimentos e enfermidades. O EP guarda o texto do Cântico, na íntegra no capítulo 120, que é reproduzido na introdução do nosso trabalho. Nos capítulos seguintes, do número 121 ao 123 lemos a descrição da composição no Convento de São Damiano, as enfermidades e sofrimentos, ao Convento da Porciúncula, quando acrescenta (ditando) a última estrofe:

Então, ainda que estivesse mais prostrado pelas doenças do que habitualmente, por essas palavras São Francisco pareceu ser penetrado de uma nova alegria da mente, sabendo que a irmã morte se aproximava dele, e com grande fervor de espírito louvou o Senhor, dizendo: “Portanto, se apraz a meu Senhor que eu deva morrer logo, chama-se frei Ângelo e frei Leão para que me cantem a irmã morte”.

Assim que os dois frades chegaram à sua presença, cheios de tristeza e de dor, com muitas lágrimas cantaram o Cântico do Irmão Sol e das outras criaturas do Senhor, que o próprio santo compusera. E então, antes do último verso do mesmo Cântico, acrescentou alguns versos sobre a irmã morte, dizendo:

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal da qual nenhum homem vivente pode escapar. Ai daqueles que morrem em pecado mortal. Bem-aventurados aqueles que se encontram na tua santíssima vontade, porque a morte segunda (cf. Ap 2,11; 20,6) não lhes fará mal (EP 123).

Percebemos que quanto mais as Fontes vão se distanciando do acontecimento, mais informações vão sendo acrescentadas pelos compiladores, com isso se criava mais interesse pela vida do santo, quanto mais a narrativa dos fatos da sua vida eram transmitidos para enfatizar sua virtuosidade.

Os Compiladores narraram com detalhes importantes o contexto do nascimento do Cântico, os últimos dois anos da vida do santo na sua cidade Assis, foram atribulados pela doença, mas o santo vivencia o mandato evangélico até o momento da morte, seu compromisso com os irmãos e irmãs, seu compromisso com a alegria, seu compromisso com a paz e por fim com a irmã morte, obediente ao chamado do Senhor.

### 4.3.

#### O Gênero literário da composição do Cântico das Criaturas

Francisco compõe livremente o seu poema, com versos livres ou prosa assonante<sup>599</sup>, com treze-quatorze estrofes e 33 versos<sup>600</sup>. O Cântico, inspirado nas Sagradas Escrituras, escrito em dialeto umbro compõe-se de uma prosa fortemente assonântica, rítmica, inteiramente impregnado de correspondências íntimas, místicas, nasceu de um fundo de cultura inconsciente no santo, portanto, inspirado pelos acordes internos ao seu sentimento poético, em derramamento místico do misterioso, tradução da sedução do sagrado e deslumbramento alegre diante do Criador<sup>601</sup>.

Esta composição é um texto excepcional, Francisco diante do magno Mistério ao qual apenas se aproxima, adota uma postura de humildade e senso de limite. Suas reflexões pretendem mais ‘dizer’, indicar ou evocar, do que ‘falar’ ou discorrer intelectualmente. O santo compreende que no campo da reflexão teológica as conceituações científicas mostram sua radical insuficiência. A poesia parece ser a linguagem que melhor se adapta ao mistério pela força evocativa que apresenta. Com seu potencial sugestivo e intuitivo faz ‘vislumbrar’ a realidade divina com a qual entra em comunhão. Na linguagem poética a analogia ocupa lugar de destaque. De um lado diz algo verdadeiro sobre Deus, de outro, o diz conscientemente incompleto e imperfeito. Oferece um caminho de encontro à verdade, não de sua posse<sup>602</sup>.

Se a linguagem simbólica fala à inteligência, pretende sobretudo ‘aquecer o coração’; levar à conversão e à ação, sob a luz da fé e o imperativo do

<sup>599</sup> Cf. Assonância: Semelhança ou igualdade de sons em palavras próximas. Na prosa ou na poesia, repetição ritmada da mesma vogal acentuada para obter certos efeitos de estilo. In.: *DH*, p. 324.

<sup>600</sup> “No Cântico das Criaturas, Francisco estrutura a sua celebração em 33 versos que, naquele tempo, significavam a plenitude da idade de Cristo”. PEDROSO, J.C.C. Maria Franciscana. *Nossa Senhora na experiência de S. Francisco e S. Clara de Assis*. Piracicaba: CFE, 2003, p.14.

<sup>601</sup> Cf. SOUZA, V.K.B. Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. *Op. Cit.*, p. 402. Ainda acrescenta: “Dentre as categorias retóricas da época, isto é, a poesia métrica (só possível na poesia latina) e a poesia mesclada à prosa, S. Francisco escolhe a prosa rítmica em forma hinológica, de tipo ambrosiano, que se conota não pela rima, mas pelo isossilabismo de versos prevominantemente breves” p. 402.

<sup>602</sup> Cf. BARGELLINI, P. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 136-137. Neste contexto de extrema liberdade diante da vida e seus acontecimentos, enquanto compõe seu Cântico como quem compõe o cântico da vida, o autor citado afirma: “Francisco não escrevia poesia, mas vivi-a nas suas imagens mais ousadas para o seu tempo”, p. 137. CAMPAGNOLA, S. Introdução às Fonti Francescane. *Op. Cit.* p. 85.

amor<sup>603</sup>. Procura estabelecer um diálogo vital entre Deus e o teólogo, representante e porta-voz de sua comunidade de fé<sup>604</sup>. Nesse sentido Francisco se apresenta com sua linguagem teológica entusiasmada, poética, extasiado diante do Altíssimo e sua bondade, criatura transparente entre todas as criaturas<sup>605</sup>.

A máxima expressão espontânea do louvor de Francisco, da sua alegria e, portanto instrumento contra a tristeza, meio eficaz de evangelização, o cântico foi, companheiro do seu itinerário para a sua páscoa, de seu caminhar rumo ao Pai. Iniciado e desenvolvido no canto, o caminho evangélico da conversão de Francisco haveria de completar-se no canto:

Passou assim, em louvor, os poucos dias que lhe restavam até a morte, convidando seus irmãos mui diletos a louvarem consigo o Cristo. E ele, como pôde, prorrompeu neste salmo: Com minha voz bradei ao Senhor, com minha voz supliquei ao Senhor (cf. Sl 141,2-8), etc. Convidava também todas as criaturas ao louvor de Deus (2Cel 217).

O Cântico, obra mais célebre de Francisco, é o louvor do ser humano salvo e reconciliado com todas as coisas, com todas as criaturas. Celso M. Teixeira afirma:

São Francisco de Assis foi um poeta, compondo o Cântico, primeiro poema mencionado na história da literatura italiana. E foi também um aficionado da música, tornando-se esta a linguagem predileta para expressar seu mais entusiasmado sentimento religioso, como se pode deduzir do depoimento de testemunhas que conviveram com ele<sup>606</sup>.

Acontece ao místico Francisco a confluência do poeta e músico, como já desde a juventude, marcado pelo lúdico, pela alegria de viver. A questão é que

<sup>603</sup> No Evangelho de Lucas (especificamente Lc 8,21), o vínculo familiar é usado como símbolo para expressar o mistério da nova família que Jesus está fundando. Portanto, toda a comunidade cristã é convocada a se compreender como materna e fraterna.

<sup>604</sup> Cf. MATOS, H.C.J., *Estudar Teologia. Iniciação ao Método*. *Op. Cit.* p. 38-39.

<sup>605</sup> No relevante artigo *Homo Artisticus* o professor de física teórica Marcelo Gleiser afirma: “Desde cedo, ficou claro aos nossos antepassados que a natureza tinha seus próprios ritmos, alguns regulares e outros irregulares. A linguagem nasceu tanto para facilitar a sobrevivência dos grupos quanto para imitar os sons ouvidos pelo mundo, de cachoeiras e trovões aos pássaros e os temidos tigres. Se a natureza cantava, os homens queriam cantar também. O impulso criativo parece ser tão antigo quanto a nossa espécie. Do pouco que conhecemos a respeito dos nossos ancestrais, identificamos neles bastante do que somos hoje. A diferença é que eles viviam em comunhão com o mundo e não em guerra com ele”. GLEISER, M. *Homo Artisticus*. São Paulo: Jornal Folha de São Paulo. Caderno Mais’ 23.08.2009, p. 3.

<sup>606</sup> TEIXEIRA, C.M., São Francisco e a música. In: *GS* 62(2008), p. 644.

matizado pela graça, Francisco é um poeta a serviço da sua íntima relação com Deus, o que ficará claro à análise dos seus Escritos poéticos<sup>607</sup>.

É relevante aprofundar a questão da língua original do texto e a realidade do contexto desta origem dos lábios de Francisco para o canto dos frades e iluminação em louvor ao Deus Altíssimo, pelos filhos e filhas da mística de todos os tempos. Verificando a estrutura poética e a reconstrução crítica do texto; a sua precisa interpretação, filológica e espiritual, em relação sobretudo aos valores da teológicos, percebe-se imediatamente as suas fontes ou ao menos a sua inspiração literária, sua estrutura interna é teológico-bíblica<sup>608</sup>. Alfonso Pompei, no seu estudo crítico literário dos Escritos de Francisco, confirma: “As raízes bíblicas são fortemente presentes no Cântico, o mais famoso escrito de Francisco, suma expressão da alma e da espiritualidade do *Poverello* e manifesta toda a lírica da sua alegria de viver”<sup>609</sup>. O Cântico é celebrado como “o mais belo texto de poesia religiosa depois do Evangelho”<sup>610</sup>, como a gema mais preciosa, autêntica e genuína da nascente literatura italiana, como a expressão mais completa e lírica da alma e da mística de Francisco, o Cântico é sem dúvida, ao mesmo tempo sublime oração e altíssima lírica.

O Cântico não representa somente uma expressão de vida poética, a percepção imediata de cores, formas, movimentos, sons, que Francisco degustava com sensibilidade delicada, com fantasia pronta e com espírito livre daqueles momentos de ascese espiritual que haviam marcado e caracterizado profundamente a mística monástica-medieval. É este hino de louvor a admiração da beleza sensível, exaltada e amada por certas características físicas que elevam às maiores alegrias os sentidos: o belo e radiante do sol, a claridade, preciosidade e beleza da lua e das estrelas, a preciosidade e castidade da água, o fogo é belo e jucundo e robusto e forte, as flores e as ervas

<sup>607</sup> Além do Cântico das Criaturas, Louvores a Deus Altíssimo, Exortação ao Louvor de Deus, Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria, Saudação às Virtudes, para citar alguns, onde a forma poética é explícita.

<sup>608</sup> Francisco utiliza, mesmo que seja inconsciente, uma variedade de lembranças bíblicas que retomaremos ainda neste capítulo, tais como: Dn 3,52-88; Sl 148 e 135,19.

<sup>609</sup> Cf. POMPEI, A. *Francesco d'Assisi*. Intenzionalità teológico-pastorale delle Fonti Francescane. Roma: MF, 1994, p. 44.

<sup>610</sup> RENAN, E. Saint François d'Assise, In: *Nouvelles études religieuses*, Paris, 1884, p. 331, *Apud.*, CAMPAGNOLA, S. Introdução às Fonti Francescane. *Op. Cit.* p. 86.

coloridas; sem por isso sentir a necessidade de colocar esta beleza sensível num grau mais inferior que aquela espiritual<sup>611</sup>.

A redação do mais antigo manuscrito com o Cântico coincide com o período florescente da poesia láudica, que, para a Úmbria, coloca-se por volta de 1260. Como o Cântico nasceu antes dessa data, concluímos que Francisco não só coloca-se no começo da poesia láudica italiana como a influenciou fortemente com sua composição. Além disso, o fato de pertencer ao gênero das “*laudas*”<sup>612</sup> é confirmado pelo título da tradução latina: “*Laudes creaturarum*”, ou, segundo uma outra fonte, “*Laudes Domni dei suis creaturis*”. Também a repetição por oito vezes de “Louvado sejais” nas estrofes centrais confirma o caráter de lauda. Mesmo na estrofe inicial e na final temos respectivamente “*laude*” e “*laudate*”<sup>613</sup>. Por isso, o motivo dominante do Cântico é o louvor de Deus para agradecer-lhe por suas criaturas<sup>614</sup>.

Mas foi a laude ou canto de louvor, acima de todos os gêneros narrativos ou poéticos, que incentivou radicalmente a incidência franciscana. Desde a sua origem como se pode identificar nesse Cântico escrito pelo santo, que como vimos nada tinha da *idiotia* e do *illiteratus*, elogiados por ele e que constituíam, na verdade, somente a simplicidade e a humildade do espírito e da mente<sup>615</sup>.

No que diz respeito à forma literária, o Cântico, mesmo ecoando textos latinos sacros, possui uma sintaxe e uma construção claramente vulgares, desprovida de complexidade literária, para facilitar a assimilação melódica<sup>616</sup>.

<sup>611</sup> Cf. *Ibid.* p. 87-88.

<sup>612</sup> Se pode afirmar que este gênero de oração, louvor, constitui a atitude típica da vida mística de Francisco, entre os doze textos que os Escritos (Fontes Franciscanas) recolhem sob o título Louvor e oração, cinco são tipicamente laudativos. Pelo conteúdo destes textos nos permite concluir e individuar nos louvores e na ação de graças a forma típica da sua vida de oração, neste contexto está o Cântico. VAIANI, C., *La via di Francesco*. Milão: EBF, 2005, p. 75-76.

<sup>613</sup> O conjunto sincrónico de elementos com estrutura rítmica poética em laudes, para ser cantadas, sempre re-ligadas sequencialmente desde o primeiro verso, a moldura do Altíssimo ao último passo (verso), de um conjunto que se liga ao primeiro imediatamente pelo ‘louvado-louvor’ das criaturas. Esse conjunto sincronizados e sequenciais podem ser considerados uma única peça, construída em três etapas distintas da única experiência mística, o que transcende a compreensão imediata, escapa ao dado empírico da razão. Francisco situa-se no horizonte da percepção entra-sensorial, mesmo que a forma de sua captação (sol, lua, fogo, água, terra, perdão, paz, morte...) tenha o sentido de ser materializada, concreta e verificável. Cf. MAZZAROLO, I. A visão do trono. Exegese e hermenêutica de Ap. 4. In: *AR* 32 (2009), p. 222-223.

<sup>614</sup> Cf. LEHMANN, L. Himno a la creación de Dios. El Cántico del hermano sol. In.: *SF* 71 (1975), p. 182.

<sup>615</sup> SOUZA, V.K.B. Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. *Op. Cit.*, p. 400.

<sup>616</sup> Relativo ou pertencente à plebe, ao vulgo; popular. Cf. Vulgar. In: *DH*, p. 2884. A exemplo das canções de gesta, os poemas épicos medievais, ao combinar a tradição oral local e os temas

Pertence à prosa rimada medieval, isto é, coloca-se entre a lírica rimada clássica e a prosa simples (rima atoante). A quantidade métrica e o ritmo são irregulares. Se prestarmos atenção à conclusão de algumas linhas, descobriremos a presença de rimas, tanto entre uma linha e outra (10-11, 12-13, 20-22. 29-30) como entre linhas distantes (1/8 e 2/9). Além das rimas finais, há também rimas internas (como nas linhas 4,7,8,16,19). E em algumas linhas também há diversas palavras com vogais finais parecidas (na linha 11 todos os adjetivos acabam com a letra “e”)<sup>617</sup>.

Composto em língua vulgar<sup>618</sup>, quase meio século antes do nascimento de Dante Alighieri (1265-1321)<sup>619</sup>, este canto puríssimo e de singular musicalidade, é considerado a mais antiga e mais preciosa pérola da poesia italiana<sup>620</sup>, em detalhes veremos a seguir.

---

convencionais, produzindo uma literatura de complexa vitalidade. Ex. Chanson de Roland. Cf. *DIM*, p. 68-69.

<sup>617</sup> Cf. LEHMANN, L. Francisco mestre de oração. *Op. Cit.*, p. 214.

<sup>618</sup> Intuição genial de Francisco foi utilizar o italiano vulgar para escrever-compor-ditar o seu maravilhoso cântico. Francisco tem presente o povo da sua cidade e aldeias da Itália, à quem o seu cântico estava destinado em primeiro lugar. Cf. SABATELLI, G., Temas y problemas del cântico del Hermano Sol. In: *SF* 5 (1976), p. 34ss; MARÍA, F., El cântico de las criaturas. *Op. Cit.*, p. 15-17.

<sup>619</sup> Um dos maiores poetas da Idade Média. Travou conhecimento com o neoplatonismo de Boécio e a filosofia aristotélica dos escolásticos. Envolveu-se apaixonadamente na política de Florença (Itália), apoiando o partido Guelgo. Foi eleito um dos *priori* (o mais elevado cargo na Comuna) e nesse função visitou a corte papal de Bonifácio VIII. Durante sua ausência, ocorreu um golpe de Estado e Dante foi banido de Florença, sob pena de morte. Seu trabalho literário mais importante foi a Divina Comédia (1308-20). Ela consiste em três seções principais: Inferno, Purgatório e Paraíso. A obra é um quebra-cabeças, combinando uma alegoria que provoca o leitor, com um realismo áspero que envolve personagens florentinas e figuras históricas hoje esquecidas. Esses elementos estão reunidos pela intrincada simetria do poema. É uma narrativa coesa sobre a ascensão da pessoa do lugar das trevas até Deus. Dante atribui a Francisco a conformidade a Cristo, a magnanimidade ou cavalheirismo e nobreza espiritual, a afetividade, a alegria, a sede de martírio, o desejo da pregação popular, a pobreza de Francisco. Cf. Paraíso XI; O poema é citado nas *Fonti Francescane*, p. 1727-1734, com apurado comentário de Carlo Paolazzi. O poeta, na íntegra, com tradução de Cristiano Martins: ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2006, Canto XI, p. 655-659. Para uma compreensão do franciscanismo de Dante Alighieri: VV. AA. *Dante e il francescanesimo*. Lectura Dantis Metelliana. Cava dei Tirreni: Avagliano Editore, 1987; DURANT, W., A História da Civilização IV. *Op. Cit.*, p. 942-964.

<sup>620</sup> “O Cântico do Irmão Sol, escrito em dialeto, é considerado o início da poesia italiana. Além do cântico, a poesia de Francisco revela-se, particularmente, em suas laudas de louvor”. BERNARDI, O., O encanto da vida. *Op. Cit.* 17. “Considerado por autoridades críticas literárias italianas o texto que pode ‘dar digno início à nossa poesia’ (G. Contini)” PAOLAZZI, C., *Lettura degli Scritti di Francesco d’Assisi*. *Op. Cit.* p. 143.

### 4.3.1.

#### A Língua escrita e a língua falada: a língua vulgar

A pregação é desde muito tempo dirigida aos leigos em língua vulgar. Sucede o impacto dos mendicantes e, em particular, de Francisco que surge e transforma uma grande parte da sociedade cristã ocidental nesse século XIII que constata a afirmação das línguas vulgares na literatura. As comunidades leigas de *laudesi* (cantores de *loas*) desenvolvem e popularizam essa forma de poesia cantada. Não houve fanatismo no emprego da língua vulgar como meio de comunicação<sup>621</sup>.

Sob a língua latina chega até nós os Escritos do santo de Assis, com exceção do Cântico<sup>622</sup>. Francisco escolhe para exprimir o próprio ardor religioso não a língua dos eruditos, mas aquela das relações cotidianas, a língua em que ele projeta uma imagem serena e otimista da vida, contrária e oposta à maior parte das concepções medievais, sem a amargura e o temor das terríveis penas infernais: tudo da vida aceito com brandura e amor: o bem e o mal, o belo e o feito, porque tudo é caro ao Senhor; chega a essa serena imagem não por passividade mas por exuberância mística por uma conquista de cada dia, que doma nele o instinto e o transforma. Frei Leão exerceu o serviço de secretário pessoal que acompanhou Francisco, principalmente nos últimos anos da sua vida, e foi quem ouviu de Francisco os textos e os redigiu da forma querida pelo santo<sup>623</sup>.

O estudioso dos Escritos de Francisco, frei Stanislao da Campagnola afirma a que se Francisco falava com seus confrades na língua vulgar, o Úmbro, não é improvável que também diversos dos seus escritos tenham sido ditados nesta mesma língua e assim, provavelmente muitos tiveram uma primeira redação na língua falada, traduzidos para o Latim muito imediatamente, menos o Cântico, traduzido mais tarde, e a Oração diante do

<sup>621</sup> Cf. LE GOFF, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 227-228. Escreve Umberto Eco: “A Idade Média fez em latim os discursos teóricos, filosóficos ou teológicos, e de língua latina é a Idade Média escolástica. Quando se começa a conduzir um discurso teórico em língua vulgar, a despeito das datas, já estamos fora da Idade Média” ECO, U. Arte e Beleza na Estética medieval. *Op. Cit.* p. 12.

<sup>622</sup> Veremos a seguir outros textos ‘menores’ encontrados ao longo da rica e não menos conturbada história da pesquisa das Fontes franciscana. Para estudo sobre o idioma utilizado nos Escritos de Francisco, cf. CAMPAGNOLA, S., Introdução às FF. *Op. Cit.* p. 50-51.

<sup>623</sup> Cf. SOUZA, V.K.B., Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. *Op. Cit.* p. 401.

Crucifixo (OC) (data presumida de 1205/6)<sup>624</sup>, e o texto “Audite Poverelle<sup>625</sup>”(chamado também de “Palavras de Exortação às Clarissas – PE) (1225)<sup>626</sup>. O Cântico, pode-se afirmar com segurança, foi transcrito como saiu da boca de Francisco pelo mesmo frei Leão, e este não viu necessidade de traduzi-lo para o latim. Estes textos chegaram até nós em língua vulgar<sup>627</sup>.

São escritos com delicadeza poética intuitiva, textos na língua falada, o italiano no seu nascimento, toscano-úmbro, extraordinários, belíssimos, interessantíssimos quanto à novidade, não em latim e na forma linguística, a singular poética estruturada na expressão falada do povo, que nascem daquele extraordinário desejo de Francisco de comunicar-se com todos. Não é por acaso que Francisco tenha se tornado o primeiro poeta da literatura italiana, pelo menos enquanto poeta religioso.

Francisco exprime como poeta, com um primeiro esboço de poesia mística italiana, ao dirigir-se à criação e ao Criador. Muitos foram os que trabalharam a linguagem do desejo de expressar criativamente o mundo, as criaturas, ele está entre estes primeiros poetas que revelaram uma clara consciência artística com a qualidade lírica, a elegância inaugural do estilo novo e na língua nova<sup>628</sup>.

É preciso comunicar os louvores do Senhor com todos, pois para muitos, principalmente os pobres, o latim não traduz nenhum significado compreensível; se o francês era a língua da poesia, não era a língua da sua pátria, da sua comunidade, por isso o Cântico redigido em língua afetiva ao

<sup>624</sup> Cf. CAMPAGNOLA, S., Introdução às FF. *Op. Cit.* p. 52.

<sup>625</sup> “Assim, no ano seguinte, enviou a Clara e às ‘damas’ um texto poético em língua vulgar, uma verdadeira canção, isto é, “palavras com melodia”. CARDINI, F., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 181.

<sup>626</sup> “Audite Poverelle”, texto contemporâneo ao Cântico, escrito no mesmo contexto, descoberto mais recentemente, em 1976. Nós o devemos ao franciscano João Bocali. Já se sabia, pela CA 85, que Francisco escrevera umas palavras de consolação para as irmãs do Convento de São Damião, na mesma ocasião em que compôs o Cântico. Sabia-se que se tratava de um Cântico ritmado e com música, e mesmo o seu conteúdo era conhecido. O texto original está no mesmo dialeto anigo do Vale da Úmbria em que foi composto o Cântico das Criaturas (cf. 2Cel 204; LP 45). “Depois que São Francisco compôs os Louvores do Senhor por suas criaturas, escreveu também algumas santas palavras, com melodia, para consolo e edificação das Damas pobres” (EP 90). Cf. PEDROSO, J.C.C., In.: FC, p. 222; para a autenticidade dos Escritos de Francisco à Clara e, portanto o estudo crítico desta exortação: PAOLAZZI, C., Studi su gli “Scritti” di frate Francesco. *Op. Cit.* p. 127-146.

<sup>627</sup> Cf. CAMPAGNOLA, S., Introdução às FF. *Op. Cit.* p. 85: “A ‘Lauda’ mais expressiva de Francisco é todavia o Cântico das Criaturas, composição na língua vulgar umbro”.

<sup>628</sup> Cf. CAMBEIRO, D., A lírica amorosa medieval galega e italiana em leitura comparada. In: VV. AA. *Atas do I Encontro Regional da Abrem – RJ*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora. 2007, p. 125-126.

oração de todas as pessoas da sua realidade, do seu convívio, inclusive aos milhares dos seus seguidores<sup>629</sup>.

Com a segurança irretocável e certeza de grande conhecedor da mística de Francisco, Chesterton, G.K. afirma:

E foi em sua língua natal que ele acabou por alcançar a fama como poeta; na verdade, São Francisco foi um dos primeiros poetas nacionais a usar os dialetos puramente nacionais da Europa. Era, porém, a língua com que todos os seus anseios e ambições de menino haviam se identificado; para ele, essa era a língua própria do romance<sup>630</sup>.

É antes de tudo um escrito na língua<sup>631</sup> falada da sua região, Úmbria, não sendo em latim, trata-se de um fato revolucionário de vários pontos de vista<sup>632</sup>. Rompe, antes de tudo, com a tradição que queria a oração em latim, especialmente na Itália, onde o respeito por esta língua tinha ficado vivo no mundo da cultura e especialmente da Igreja<sup>633</sup>. Ademais, se Francisco, ao dirigir-se aos seus confrades, aos clérigos e até aos fiéis, devia preocupar-se em pensar que eram de várias línguas e, portanto, era necessário reuni-los naquela linguagem que mais fosse acessível a todos, isto é, no latim, agora, no fim da sua vida, quer dirigir-se exatamente aos seus umbros, aos seus italianos, isto é, àqueles e aquelas que o tinham visto nascer, entre os quais vivera e em meio

<sup>629</sup> Cf. BARTOLI, M. Le origini del francescanesimo: Francesco, uomo libero. *Op. Cit.*, p. 22-23.

<sup>630</sup> CHESTERTON, G. K., *São Francisco de Assis e Santo Tomás de Aquino*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003, p. 63.

<sup>631</sup> Francisco, como ser inaugural, com sua vida e sua obra utiliza a língua nova da sua época e sua comunidade epocal, no sentido que hoje nos faz refletir e nos ensina Nélida Pinõn: “A língua é um instrumento da vontade e do acaso. Expressa o mistério do ser, lança-nos ao princípio, acerca-se do júbilo e da melancolia que rondam o corpo, enquanto tangencia o perigo. Essa língua, de caráter sagrado e profano, está ao nosso alcance. Centrada na volúpia da nossa carnalidade, ela dá nome aos destroços e à esperança que nos anima... enquanto a palavra se anuncia, a cumplicidade humana ainda é possível... com frequência busco o sentimento abrasivo da língua que menciona o mundo e cita a minha precariedade”. PIÑON, N. *Aprendiz de Homero*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.203-204

<sup>632</sup> A importância do Cântico consiste no fato que é composto em língua vulgar Úmbria ‘ilustre’, fortemente enobrecido segundo aqueles modelos literários latinos mais caros a Francisco, com detalhes usados por ele ao ditar a maior parte dos seus Escritos que sucessivamente vinham sendo traduzidos para o latim por seus companheiros versados na língua latina. Cf. CACCIAPUOTI, R.L., Un primato contestabile: Il Canticò di S. Francesco e le nuove ipotesi sulle origini della letteratura italiana. In: *Studi e Ricerche Francescane*. XXVIII 1-4 (1999), p. 208; CAMPAGNOLA, S., *Francesco d’Assisi nei suoi scritti e nelle sue biografie dei secoli XIII-XIV*. Assis: Porziuncola, 1981, p. 57.

<sup>633</sup> Nos seus escritos latinos, e exatamente nos mais empenhativos, tinha, Francisco, tido sempre necessidade da colaboração de secretários, seja que lhe revissem a gramática e a sintaxe com uma atenção maior quanto mais alta era a importância alcançada por Francisco, seja que enriquecessem os seus pensamentos com citações bíblicas. Cf. MANSELLI, R., *São Francisco de Assis*. *Op. Cit.* p. 288.

dos quais entre insultos antes e no aplauso crescente depois, tinha vivido a experiência da sua conversão. Continuamos fazendo referência ao texto do historiador e renomado estudioso Raoul Manselli, pois contribui definitivamente nesta avaliação, ao afirmar:

Com o Cântico das Criaturas finalmente Francisco podia falar na própria língua, aquela que tinha aprendido sobre os joelhos e ouvido dos lábios da mãe, aquela com que tinha advertido, admoestado, exortado as multidões, aquela que lhe tinha servido para fazer conhecer, nos dias difíceis do desprezo e do insulto, o seu firme e sólido ideal. Podia falar, então, exatamente como o coração lhe ditava<sup>634</sup>.

Certamente Francisco, na sua realidade cotidiana e na sua pregação, se serviu normalmente desta língua do povo, pelo fato de conhecer melhor sua língua pátria nela melhor se expressava, tendo estudado na sua juventude<sup>635</sup>, também por motivos da pregação junto ao povo, maioria analfabeta<sup>636</sup>: “em vulgar, mas que tudo deixa ver, e que tenha brotado da linguagem dos humildes do seu tempo, na Úmbria, para que todos os compreendessem e o repetissem”<sup>637</sup>.

Francisco quando escrevia, escrevia em latim. Mas, e quando ditava as normas de vida para os seus frades? Quando falava? Quando pregava? A pregação de Francisco – como aquela de Santo Antonio – dedicada às pessoas em grande maioria analfabeta, era evidentemente na língua vulgar; do contrário ninguém teria compreendido sua pregação. O Cântico transcrito por frei Leão, como ele ouviu de Francisco, desta optou por não traduzir e conservar o original, como vinha sendo memorizado e utilizado pelos frades<sup>638</sup>.

É antes de tudo uma redação popular, o Úmbro vulgar e não em latim: trata-se de um fato revolucionário de vários pontos de vista. Francisco rompe,

<sup>634</sup> *Ibid*, p. 289.

<sup>635</sup> O uso da língua vulgar por Francisco deixa claro a idéia de uma experiência religiosa que pretendia terminar com velhas mentalidades medievais e separações sociais e penetrar no coração da sociedade, no íntimo da vida do povo. Se Francisco aderiu à língua vulgar do povo, às lendas cavalerescas populares, ao mundo fábulas da natureza, das coisas, dos animais, foi total, o seu distanciamento dos seus relacionamentos se comparados aos grupos heréticos, isto foi notavelmente percebido. Cf. CAMPAGNOLA, S., Introdução às Fonti Francescane. *Op. Cit.*, p. 54-55.

<sup>636</sup> O uso do vulgar Úmbro e do provençal deveria ser comum na casa de Pedro Bernardone, seu pai. Também levamos em consideração que o renascimento urbano havia tornado ineficaz os meios de comunicação religiosa do clero, enquanto as seitas heréticas, que se estabeleceram vertiginosamente no meio da vida cotidiana, usavam a língua do povo. Cf. *Ibid*. p. 52-53.

<sup>637</sup> SOUZA, V.K.B., Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica. *Op. Cit.* p. 401.

<sup>638</sup> Cf. FRANCESCHINI, E. Nel segno di Francesco. *Op. Cit.* p. 54-55.

com a tradição que exigia as orações em latim, especialmente na Itália, onde o respeito por esta língua tinha ficado vivo no mundo da cultura e especialmente da Igreja. Ademais, se Francisco, ao dirigir-se aos seus frades, aos clérigos e até aos fiéis, devia preocupar-se em pensar que eram de várias línguas e, portanto, era necessário reuni-los naquela linguagem acessível a todos, isto é, no latim, agora, no fim da sua vida, quer dirigir-se exatamente aos seus umbros, aos seus italianos, isto è, aqueles que o viram nascer, aqueles entre os quais vivera e em meio dos quais, entre insultos antes e no aplauso crescente depois, tinha vivido a experiência da sua conversão. Ainda há outra questão a ser observada, “o Cântico foi pensado e ditado por Francisco na língua da sua cultura local para poder ser utilizado dentro de um grande projeto apostólico” (CA83)<sup>639</sup>.

Nos seus escritos latinos, e exatamente nos mais empenhativos, seja que lhe revissem a gramática e a sintaxe com uma atenção tanto maior quanto mais alta era a importância alcançada por Francisco, seja que enriquecem os seus pensamentos com citações bíblicas; com o Cântico finalmente podia falar na própria língua, aquela que tinha aprendido em Assis, em casa, ouvido dos lábios dos pais, aquela com que tinha advertido, admoestado, exortado as multidões, aquela que lhe tinha servido para fazer conhecer, nos dias difíceis do desprezo e do insulto, o seu firme e sólido ideal<sup>640</sup>. Pode falar, então, exatamente como o coração lhe ditava.

#### 4.3.2.

#### **O Cântico das Criaturas: hino de ação de graças, louvor ao Criador**

Não seria possível que Francisco sendo o mais espiritual dos filhos do seu século, não agradecesse a Deus por dons materiais como o sol, as estrelas, o fogo e a água, e este agradecimento é feito com o auxílio da forma literária de hino lírico, à memória dos salmos de agradecimento. O santo compreende

<sup>639</sup> PAOLAZZI, C., Lettura degli “Scitti” di Francesco d’Assisi. *Op. Cit.* p. 159.

<sup>640</sup> Cf. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 288-289.

que Deus é Deus mesmo sem esses seus ministros, as criaturas todas<sup>641</sup>. Ele é adorável porque é, não porque faz. Ele é louvável porque é incriado, não porque tenha criado. A criatura que louvasse a Deus por causa das coisas criadas, não estaria louvando o poder de Deus, mas a sua própria excelência. As criaturas, porém, se voltarão para Deus, espontaneamente, livremente como um dever da alegria da sua própria natureza<sup>642</sup>.

Francisco é invadido, por uma natural satisfação, um natural contentamento que lhe fora constante, uma inocência que o identificava com todas as criaturas, com todo ser saído das mãos do Criador, fruto da vontade amorosa do Altíssimo. O hino da criação deveria atravessar os bosques de São Damião, atravessar os muros do mundo e dirigir-se, pela voz e presença dos seus irmãos e irmãs, a toda humana criatura. Um aspecto que merece destaque é a proximidade entre Francisco e o jogral. Ele se autodenomina jogral de Deus, atitude que abrirá as portas ainda no século XIII para que este tipo de composição seja mais tolerada, configurando aquele que conta as vidas de santos e os feitos heróicos dos príncipes com acompanhamento de instrumentos musicais<sup>643</sup>. Mas Francisco é seus irmãos são jograis de Deus:

Pois queria e dizia que primeiro algum deles, que soubesse pregar, pregasse ao povo, e depois da pregação cantassem os Louvores do Senhor, como jograis do Senhor. Terminados os Louvores, queria que o pregador dissesse ao povo: “Nós somos os jograis do Senhor e nisto queremos ser remunerados por vós, a saber, que estejais em verdadeira penitência (CA 83, 27)<sup>644</sup>”.

<sup>641</sup> Que exerce um ministério. Aqueles que executam os desígnios de outrem. Aqueles que na religião exercem um ministério, um ofício, uma função, como pregar, administrar os sacramentos. Aqui usamos de forma figurada. Cf. Ministro. In: *DH*.

<sup>642</sup> Cf. BARGELLINI, P., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>643</sup> Sobre a história da música medieval, as inovações e beleza da música sacra Liturgia e profana (a música do povo), ver: DURANT, W. Idade da Fé. *Op. Cit.*, p. 800-806.

<sup>644</sup> Coisa que estes fizeram com alegria e que deu a Francisco a ocasião de comparar ainda mais uma vez os franciscanos seus companheiros e seguidores, aos menestres, os jograis de Deus. Cf. HOURDIN, G., Francesco, Chiara e gli Altri. *Op. Cit.* p. 201. Na Idade Média, os jograis eram os artistas, geralmente das classes mais humildes, que ganhavam a vida divertindo o público, nos palácios ou nas praças, com gracejos, sátiras, mágicas, acrobacias, mímicas, etc. Eram também artistas que em grupo, em coro cantavam e recitavam poesias, alternando canto e recitativo, partes individuais e coletivas. A partir do século X, os jograis começaram, juntamente com os menestres, a divulgar a poesia trovadoresca, cantando-a acompanhados de música. Cf. Jogral. In: *DH*. “Nome, jograis, dado aos artistas populares nas comunidades de fala românica da Europa Ocidental, e que depois se ampliou para abranger também homens com um repertório de canções e poemas que andavam de corte em corte ou de cidade em cidade no período central da Idade Média. Estavam especialmente associados à propagação do entretenimento palaciano e ao espírito de cavalaria. Os trovadores, poetas-músicos deixaram uma rica e variada herança literária. Suas canções – algumas das melodias sobreviveram – eram compostas numa variedade de estilos. Os trovadores exerceram uma profunda influência não só na poesia lírica da Europa Ocidental, mas também, de um modo geral, em sua literatura

Francisco e os seus frades são portadores de um hino que revela a beleza das coisas criadas e a Beleza do Criador<sup>645</sup>, voltaremos ao tema no último capítulo desta pesquisa. O ser humano não é mero contemplador da criação, mas adorador do Senhor da vida, aquele que tudo ordena segundo os desígnios de sua providência.

Na compreensão do mundo que transparece no Cântico, a criação recebe de novo a sua dimensão sacramental. O universo inteiro se torna um sacramento, um sinal que esconde e revela ao mesmo tempo um sentido mais profundo, o mistério da presença de Deus. Como observa H. Grossens, “a majestade de Deus se manifesta na criação. Poucos olhos viram isto tão bem como os de Francisco”<sup>646</sup>.

No gênero literário ou estilo do hino franciscano, o Cântico, predomina a proclamação laudatória. Este hino, cântico poético sacro, expressa o louvor à soberania de Deus Altíssimo como Criador, como Senhor da história e de todo ser criado. Por sua própria natureza o Cântico é um hino teocêntrico<sup>647</sup>: o espírito de Francisco se volta para o Altíssimo, para sua bondade, sua grandeza, sua magnificência (cf. Cnt 1-3). O Cântico, no seu epílogo, contém uma motivação, ou aclamação de louvor, encômio, proclamação laudatória, prece, convite ao louvor perene (cf. Cnt 14).

Na forma literária do Cântico predomina a forma lírica, quanto ao estilo próprio das tantas *laudes* compostas por Francisco, cujas fontes são ideias para

---

e, em última análise e, talvez até nas atitudes sociais”. Jograis e Trovadores. In.: *DIM*. “Toda uma classe de menestrelis italianos emergiu para verter as canções francesas em um tosco franco-italiano, permitindo a qualquer um, Francisco inclusive, aprender aquele sem-fim de histórias de heroísmo, sacrifício e amor cortês”. FRANCKE, L. B., Na estrada com São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 23.

<sup>645</sup> Nos Louvores a Deus Altíssimo, o santo se expressa, escrevendo a frei Leão, repetidamente, cantando as maravilhas do Senhor: “Vós sois beleza, vós sois mansidão... Vós sois beleza, vós sois mansidão”. LD 4.5.

<sup>646</sup> GROSSENS, H., De God- en Christusvisie van Sint Franciscus, em *Sint Franciscus 1* (1955) 2-42, p. 31. Apud. TEIXEIRA, C. M.. Deus na experiência pessoal de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 213.

<sup>647</sup> Como um hino teocêntrico o Cântico está inserido na tradição medieval, como sintetiza Francisco José R. Pérez: “A cosmovisão medieval afirmava a consistência de uma ordem universal, estruturada teocentricamente, na qual estava integrado o ser humano juntamente com as outras criaturas. Que existiu, de fato, uma teologia e uma práxis eclesial que sublinhava o valor de per si da criação, o demonstram muitos nomes próprios da patrística e da teologia medieval, místicas como a franciscana e a consideração positiva que teve o trabalho no nonacato ocidental, assumido como colaboração na gstação contínua da criação”. RUIZ PÉREZ, F. J. Criação e ecologia. In: *NDT*, p. 118.

a inteligência, sentimentos para o coração, música para o ouvido e imagens que enchem os olhos mais contemplativos para a mística do encantamento. Francisco compreende que a música, para os olhos e para os ouvidos, é muito próxima da felicidade. Quanto a esta linguagem é de notar-se a ausência de expressões violentas e de referência a situações conflitivas. Isso, nos parece, proposital, pois o objetivo de Francisco é despertar os mais profundos e delicados movimentos da alma de quem comovido canta ou ouve o Cântico.

O Cântico visa abrir o coração para Deus, a fim de que o Espírito possa rezar dentro de nós, elevando-nos à adoração da grandeza e da bondade de Deus, suscitando o desejo de sua presença, o entusiasmo<sup>648</sup> por Ele, e o amor, que recria o ser humano para a conversão às criaturas, para o perdão pacificador e, mais que tudo, o encontro último e feliz com o autor da vida, no trânsito da hora pascal para a vida definitiva<sup>649</sup>. O canto, sinal da beleza, contagia ao Belo, o autor da beleza eterna, Aquele que o santo seguiu e cantou como a beleza, nos louvores a Deus Altíssimo: “Vós sois Beleza... Vós sois Beleza” (LD4-5)<sup>650</sup>.

O tema central do Cântico consiste na ação de graças, louvor ao divino Criador, de conteúdo cósmico. É expresso de forma descritiva ou narrativa poética, como um estribilho: “Louvado sejas, meu Senhor”<sup>651</sup>, na explicitação das qualidades e atributos de Deus e de todas as criaturas citadas no corpo do texto e consiste também no relato das maravilhas que Ele realizou na criação. No processo natural de encantamento e admiração que conduziu sua vida Francisco, compreendeu que é necessário ter coração puro e olhos espirituais

<sup>648</sup> Este estado de exaltação do espírito, de comoção profunda da sensibilidade de Francisco faz-nos reportar às primeiras comunidades de fé que se caracterizaram por terem um estilo carismático originado pelo entusiasmo de seus membros após haverem realizado a experiência do Espírito Santo. Cf. BOFF, Lina. *Op. Cit.*, p. 166.

<sup>649</sup> Cf. STADELMANN, L.I.J. *Os Salmos*. Comentário e oração. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 34-35.

<sup>650</sup> A Idade Média desenvolverá uma infinidade de variações sobre o tema a beleza musical do mundo, Honório de Autun, no *Liber duodecim quaetionum*, dedicará um capítulo para explicar como o cosmo está disposto de modo semelhante a um cítara, na qual os diversos tipos de cordas soam harmoniosamente. Scotus Erígena falará da beleza da criação constituída pelo consonar dos semelhantes e dos dessemelhantes à guisa de harmonia, cujas vozes, escutadas isoladamente, não dizem nada, mas fundidas em um único conento produzem uma doçura natural. Cf. ECO, Umberto. *Arte e Beleza na Estética Medieval*. *Op. Cit.*, p. 71.

<sup>651</sup> São figuras memoráveis, desde os Salmos, esta anáfora, retomada ao início de cada estrofe e a repetição da conjunção et nas enumerações, especialmente na forma de variações, que é a rima retórica. Cf. SOUZA, V.K.B., *Humanismo medieval. A poesia franciscana religiosa e laica*. *Op. Cit.* p. 402.

para poder contemplar a Deus também na sacramentalidade da criação e transformá-la em hino de louvor ao Criador<sup>652</sup>.

Com as *laudes* e as orações escritas por Francisco somos levados para o campo da poesia, uma poesia elevada e animada pelo espírito sempre presente da Escritura e por uma devota atenção aos ritmos litúrgicos. Que Francisco fosse poeta ou tivesse a experiência dos rimadores ou dos jograis é sabido e, neste aspecto, a longa vida de penitência não parece ter comprometido as suas capacidades expressivas. Sob a forma de laudes e sob a forma de oração<sup>653</sup> os seus textos dão-nos uma panorâmica dos conhecimentos métricos, litúrgicos e teológicos de Francisco. Passaremos a analisar o Cântico enquanto a expressão poética por excelência, antes de passar para a reflexão do conteúdo mesmo do texto no capítulo seguinte.

#### 4.3.3.

#### O Cântico das Criaturas: a síntese poética do louvor

O Cântico é a linguagem da poesia com vigor e intensidade, é a revelação da beleza e do sentimento de Francisco<sup>654</sup>. A poesia, no seu sentido absoluto e no conjunto da obra, é maior que cada uma de suas figurações em poemas, suas fragmentadas partes. Essas, no entanto, participam de toda a poesia ao dizê-la sem esgotá-la, por isso a poesia é sempre a expressividade da totalidade do poema, que permanece válida para todos os tempos<sup>655</sup>.

O Cântico de Francisco místico compositor-autor, tocado pelo sagrado, é uma explosão lírica e religiosa, própria de um genial poeta possuído pelo amor e pelo assombro. Canta a partir das entranhas das criaturas, porque místico. Não canta os encantos e a graça das criaturas, descreve, encantado o dom do

<sup>652</sup> Cf. STADELMANN, L.I.J. Os Salmos. *Op. Cit.* p. 35.

<sup>653</sup> Por exemplo: *Laudes*: Cnt; SV; SM; LD; BnL; LH;ExL. As Orações: PN; OP., Cf. CARDINI, F., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 179.

<sup>654</sup> “... este procedimento é a devolução à teologia da dimensão poética da existência humana, visto que o mais profundo só se exprime por analogia, o mistério só se diz em poesia, a gratuidade só se exprime através de símbolos”. GEBARA, I. Apud. BINGEMER, M.C.L. *O segredo feminino do mistério*. Ensaios de teologia na ótica da mulher. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 59.

<sup>655</sup> “Francisco tem uma habilidade de exprimir em palavras, de um modo muito concreto, a sua profundidade de espírito, por isso compõe textos magníficos, plenos de devoção e lirismo, uma verdadeira riqueza de imagens e beleza” MAZZUCO, V. Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 107.

grande amor que elas representam. Não a graça que possuem, não a graça que são, muito mais a graça que representam, do qual são símbolos<sup>656</sup>.

O dizer poeticamente de Francisco é a expressão de sua experiência vivencial tão simples e genuína que encanta e seduz, mas é, ao mesmo tempo, tão completa e global que qualquer formulação, por menor que seja, será sempre manifestação do todo. Dentro do poeta de Assis se esconde um espírito povoado de inúmeras experiências vitais e radicais<sup>657</sup> porque mora ali, também, uma sensibilidade transbordante, que instiga a criar novos símbolos de comunhão. Os poucos escritos de Francisco que possuímos respiram uma grande originalidade e deixam transparecer uma poesia de fina sensibilidade. Desse modo o Cântico deixa entrever a grandeza da experiência e o brilho de sua manifestação para que se perceba que a linha condutora do texto, sua linguagem alinhavada pelos acentos repetitivos, como a um moto-contínuo: “Louvado sejas, meu Senhor”... “pela irmã... pelo irmão”, em toda sua expressão rítmica-poética será a revelação viva e global da mesma experiência fontal<sup>658</sup>.

É para entender melhor as laudas e descobrir a grandeza de um espírito simples, mas profundamente compenetrado da presença de Deus, que ousamos embrenhar-nos na poesia religiosa do santo de Assis. É a sua vivência que sustenta suas laudas de louvor e lhe imprime a força de ser o centro de uma experiência viva e global. Os seus louvores nascem de uma experiência religiosa profunda, cujas raízes se entranham no mais íntimo de sua existência.

A linguagem poética de Francisco se repete toda vez que usa a palavra para comunicar-se com Deus. Citamos o belíssimo texto que transborda a lírica poética do santo, em louvor místico, traduzindo sua intimidade com o Senhor, seu diálogo orante com o Altíssimo:

<sup>656</sup> Cf. MOTTE, I-E., Mundo, vida y muerte en el cántico. In: *SF* 5 (1976), p. 82; MARÍA, F. El cántico de las criaturas. *Op. Cit.*, p. 13;

<sup>657</sup> Se quisermos caracterizar de um modo significativo a poesia mística de Francisco no panorama teológico da teologia da criação, diremos que esta poesia responde a uma poética da radicalidade. É uma poesia radical. Compondo com sua vida radical. Radical é tomar as coisas pela raiz. E a raiz, para ele é o próprio Deus. Como linguagem da consciência real, prática, que existe também para ele como imperativo e necessidade a radicalidade do seu amor às criaturas, devido à radicalidade do amor ao Criador. Cf. GUITTON, G. Descobrir São Francisco. *Op. Cit.* p. 79.

<sup>658</sup> Cf. BERNARDI, O. O encanto da vida. *Op. Cit.* p. 15-16.

Vós sois santo, Senhor Deus único, que fazeis maravilhas (Sl 76,15). Vós sois o forte, vós sois grande (cf. Sl 85,10), vós sois altíssimo, vós sois o rei onipotente, vós, ó Pai santo (Jo 17,11), sois o rei do céu e da terra (cf. Mt 11,25). Vós sois trino e uno, Senhor Deus dos deuses (cf. Sl 135,2), vós sois o bem, todo o bem, o sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro (cf. 1Ts 1,9). Vós sois amor, caridade; vós sois sabedoria, vós sois humildade, vós sois paciência (Sl 70,5), vós sois beleza, vós sois mansidão, vós sois segurança, vós sois quietude, vós sois regozijo, vós sois nossa esperança e alegria, vós sois justiça, vós sois temperança, vós sois protetor (Sl 30,5), vós sois guarda e defensor nosso; vós sois fortaleza (cf. Sl 42,2), vós sois refrigerio. Vós sois nossa esperança., vós sois nossa fé, vós sois nossa caridade, vós sois toda a nossa doçura, vós sois nossa vida eterna: grande e admirável Senhor, Deus onipotente, misericordioso Salvador(LD)<sup>659</sup>.

Depois do Cântico nenhum outro opúsculo de Francisco tem sido objeto de tanta consideração. Francisco recorda a frei Leão seu conhecimento de Deus, revela sua 'ciência' de Deus e o que resulta das ações de Deus e o quanto Deus é maravilhoso e convida o confrade a confiar e a louvar, repetidamente o que é o Senhor é e o que devemos ser. Uma vez que a essência do ser humano para um medieval está em ser *imago Dei*: imagem de Deus. Comovidas diante de tanta proteção divina as criaturas viverão sob suas bênçãos, no regaço da sua misericórdia salvadora<sup>660</sup>.

É no contexto poético das laudas de louvor que somam características comuns não apenas no modo de expressar louvor, mas também na presença das criaturas, sempre chamadas por Francisco a tomar parte do louvor, que nasce o Cântico<sup>661</sup>.

O Cântico é uma inspiração única de Francisco, é a tradução fiel do seu espírito agradecido pelas ações do Criador, na sua forma mais original de louvor. O santo usa a memória bíblica para compor, o que louvava no seu íntimo, com palavras e forma literária que encontra aguda e sincera inspiração no texto de Daniel e nos Salmos. Passaremos à observação destes textos inspiracionais à vida de Francisco, especificamente no Cântico. Verificaremos a hermenêutica bíblica de Francisco, sua memória da Sagrada Escritura presente no texto do Cântico.

<sup>659</sup> Este texto integra o Bilhete a frei Leão (Contém também a Bênção a frei Leão): segunda metade de setembro de 1224. Este documento, também do próprio punho de Francisco, guarda-se como preciosa relíquia no Sacro Convento de Assis.

<sup>660</sup> Cf. ESSER, K. Gli Scritti di San Francesco d'Assisi. *Op. cit.* p. 162-176.

<sup>661</sup> Cf. BERNARDI, O. O encanto da vida. *Op. Cit.* p. 29.

#### 4.4.

### A hermenêutica bíblica de Francisco de Assis no Cântico das Criaturas

O século XIII foi o grande século bíblico da Idade Média. Fato possível certamente pela intuição dos grandes mestres, mas sobretudo por um movimento, que hoje chamaríamos de base, que já se manifestara desde o final do século precedente. O estudo bíblico deixa os estreitos limites dos ambientes monásticos, transforma-se em verdadeira escola e disciplina que atinge seu ápice na pregação. Era a clara demonstração do desejo de maior busca do espírito evangélico, maior sede de autenticidade cristã, exigência daquilo que Henry De Lubac chamará de “literalismo evangélico”<sup>662</sup>. Tomás de Celano conta que Francisco escreveu para si e para seus irmãos presentes e futuros, “de maneira simples e com poucas palavras, uma forma e regra de vida, utilizando principalmente palavras do santo Evangelho, a cuja perfeição unicamente aspirava”<sup>663</sup>. Celano ainda afirma considerar o bem-aventurado Francisco um *espelho* santíssimo da santidade do Senhor e *imagem* da perfeição dele (cf. Sb 7,26)<sup>664</sup>. Boaventura na sua biografia deixa claro que o homem de Deus Francisco começou, por inspiração divina, a tornar-se muito cedo imitador da perfeição evangélica e a convidar os outros à penitência.

É na direção desta radicalidade, fruto da renovada compreensão da mensagem bíblica, mormente do Evangelho, que Francisco, depois da conversão, deu início ao seu movimento. Nele, como veremos a mensagem

<sup>662</sup> O autor apresenta Francisco como aquele ‘imitador’ do seu Salvador *à la lettre*, literalmente. Ele é o seu ‘repetitor’, ele é “le miroir et l’image”, é o espelho e a imagem. Cf. DE LUBAC, H. *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de L’Écriture*. II parte, Paris: Aubier, 1964, p. 262-263. Cf. 1Cel 23-24;

<sup>663</sup> 1Cel 32. “A mais sublime vontade, o principal desejo e supremo propósito dele era observar em tudo e por tudo o santo Evangelho, seguir perfeitamente a doutrina e imitar e seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo” (1 Cel 84). Francisco disse ao primeiro companheiro Bernardo: “Se quiseres provar as palavras com fatos, entremos amanhã bem cedo na igreja e, tomando o códice do Evangelho, peçamos o conselho a Cristo” 2Cel 15. e acrescenta Boaventura: “Diz o santo homem: “Esta é a nossa vida e regra e de todos os que quiserem unir-se à nossa companhia. Portanto, se queres ser perfeito, vai (cf. Mt 19, 21) e realiza o que ouviste” LM 3,3.

<sup>664</sup> Cf. 2Cel 26.

evangélica se torna vida, testemunho e pregação popular<sup>665</sup>. Com o exemplo da sua mística a mensagem evangélica é levada às últimas consequências<sup>666</sup>.

Quando passamos a tratar da hermenêutica de Francisco, devemos perguntar-nos se ele conserva os critérios do seu tempo para descobrir os sentidos bíblicos e com qual atitude ele se aproxima da Sagrada Escritura<sup>667</sup>. Levamos em primeira consideração aquilo que escreveu o biógrafo Tomás de Celano: Francisco “não fora um ouvinte surdo ao Evangelho, mas, confiando o que ouvira à sua louvável memória, cuidava de cumprir tudo à letra diligentemente” (1Cel 22).

Francisco não apreende a técnica em uso nas escolas medievais para ler e interpretar a Sagrada Escritura<sup>668</sup>, sua breve estada como ‘cozinheiro auxiliar’ no mosteiro beneditino de São Verecundo em Gúbio<sup>669</sup> não lhe permite entrar em contato com a vida monástica e assimilar os métodos exegéticos praticados

<sup>665</sup> Cf. DRAGO, A., Palavra de Deus. In.: *DF*, p. 527; PAOLAZZI, C., Lettura degli ‘Scritti’ di Francesco d’Assisi. *Op. Cit.* p. 143-144.

<sup>666</sup> Cf. COMPARATO, F.K., Ética: direito, moral e religião no mundo moderno. *Op. cit.* p. 131.

<sup>667</sup> Quanto a utilização que Francisco faz da Sagrada Escritura nos seus Escritos: CONTI, M., Estudos e pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens. *Op. Cit.* p. 121-176; VIVIANI, W., L’ermeneutica di Franciscesco d’Assisi. Indagine allá luce di Gv 13-17 nei suoi Scritti. Roma: Antonianum, 1983, principalmente os quatro primeiros capítulos; CARDAROPOLI G; CONTI, M., (Org.), *Lettura biblico-teologica delle Fonti Francescane*. Roma: Antonianum, 1979; BETORI, G., et al., *Parola di Dio e Francesco d’Assisi*. Assis: Cittadella Editrice, 1982, principalmente o primeiro e o terceiro capítulos; STRABELI, M., *Subsídios para uma leitura franciscana da Bíblia*. Piracicaba: CFE, 1993; LOURENÇO, J. D., Francisco e a Palavra de Deus. Contributo franciscano para uma leitura actual da Escritura, p. 237-259, In.: FREITAS, C., et al. *Francisco de Assis nosso irmão*. Problemas de ontem e de hoje. Braga: Editorial Franciscana, 1995; DRAGO, A., Palavra de Deus. In. *DF*, p. 527-532; CARBALLO, J. R., A Palavra de Deus em Francisco e em nossa vida. In. *GS* 62 (2008), p. 541-547.

<sup>668</sup> O quadro histórico-hermenêutico do tempo de Francisco é assim expresso por um famoso dístico, citado por volta de 1330 por Nicolau de Lira: “Littera gesta docet, quid credas allegoria, Moralis quid agas, quo tendas anagogia” (“A letra ensina os fatos, a alegoria o que debes crer, a moral o que debes fazer, a anagogia para onde debes tender”). O dístico que bem resume o pensamento patrístico e dos autores medievais sobre os quatro sentidos bíblicos. Todo o estudo da Sagrada Escritura na Idade Média é centrado ou sobre o quádruplo sentido: o sentido literal ou histórico, o sentido alegórico, o sentido tropológico e o sentido anagógico. Este ensinamento dos autores medievais sobre o quádruplo sentido pode ser assim resumido: na raiz da história, a alegoria produz frutos espirituais, que são depositados no celeiro para a eternidade. Cf. DE LUBAC, H., Exégèse Médiévale. Les quatre sens de L’Écriture. *Op. Cit.* p. 267-276. Para uma síntese do quádruplo sentido bíblico medieval: CONTI, M., Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 124-127.

<sup>669</sup> Uma vez concluído o gesto profético do despojamento diante do Bispo de Assis, o jovem Francisco dirigiu-se ao norte de Assis, cheio de gozo pela liberdade interior que havia conquistado. Proclama-se com voz profética ‘arauto do Grande Rei’, diante dos ladrões que o agrediram. Chega depois a um mosteiro dos beneditinos, no qual é aceito como ajudante de cozinha para ganhar seu sustento. Cf. 1Cel 16; LM 2,5.6a.

pelos monges na leitura da palavra de Deus (*lectio divina*)<sup>670</sup>. Ele fala repetidamente de si mesmo como pessoa “simples e idiota”; como os Apóstolos diante do Sinédrio (At 4,13), também ele se declara “ignorante e iletrado”<sup>671</sup>.

Contemplando a iluminação de Francisco, a sabedoria intuitiva<sup>672</sup>, sua inteligência formada pela assídua adesão à Revelação; a respeito deste conhecimento bíblico do *poverello*, Celano confirma:

Embora este homem bem-aventurado não tivesse sido instruído em nenhum estudo da ciência, no entanto, aprendendo a sabedoria que do alto provém de Deus (cf. Cl 3,2; Tg 1,7) e iluminado pelos fulgores da luz eterna, tinha não pouca compreensão sobre as Sagradas Escrituras. Pois a inteligência purificada de toda a mancha penetrava nas realidades escondidas dos mistérios (cf. Cl 1,26), e, onde a ciência dos mestres está fora, entrava o afeto de quem ama (2Cel 102, 1-2).

Francisco possui um amplo conhecimento mnemônico da Sagrada Escritura. Os primeiros biógrafos afirmam sobre ele que tudo o que lê nos Livros Sagrados ele grava indelevelmente no coração, tanto que “para ele a memória ocupava o lugar dos livros” (2Cel 102, 3)<sup>673</sup>.

São Boaventura atribui a competência de Francisco nas Sagradas Escrituras não ao estudo ou à erudição humana, mas à dedicação incansável à oração, ao perfeito seguimento de Jesus e ao autor mesmo das Escrituras, isto é, ao Espírito Santo, de que ele estava repleto:

Em Sena, interrogado por um religioso, doutor na sagrada Teologia, a respeito da compreensão de algumas questões difíceis, revelou os arcanos da sabedoria divina com tanta clareza de doutrina que aquele homem perito ficou profundamente estupefato e relatou com admiração: “Realmente, a teologia deste santo pai, elevada ao céu pela pureza e pela contemplação como por asas,

<sup>670</sup> A *lectio divina* compreende dois exercícios separados: a leitura escolástica, em que se ensina aos jovens religiosos como proceder na leitura da Bíblia, e a leitura meditativa ou *collatio*, que os monges tinham em certas horas estabelecidas, especialmente após o jantar. Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 128.

<sup>671</sup> Escreveu o santo: “Pequei em muitas coisas, por grave culpa minha, especialmente não observei a Regra que prometi ao Senhor nem rezei o Ofício, como manda a Regra, seja por negligência, seja por motivo de minha enfermidade, seja ainda porque sou ignorante idiota”. Ord. 39; “E éramos iletrados e submissos a todos” Test 19. Confira ainda: 1Cel 27; 120,6; 2Cel 7; 103,6; 141,1; 145,5; 158,5;193,3; LTC 36,3; 64,2; CA 10,4; 36,4; 2EP 53;81,4.

<sup>672</sup> A passagem da dimensão conceitual para a intuitiva profunda é traduzida pela dissipação do pensamento e dilatação do silêncio interior, único capaz de abrir as portas para a percepção do divino. Cf. DE RISI, D. Canto. In: *DM*, p. 199.

<sup>673</sup> A frase citada por Tomás de Celano é tomada de Santo Atanásio (+373), Vita B. Antonii Abatis, cap. 3 (PL 73,128), Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 129. Sobre a compreensão que Francisco tinha da Escritura, cf. 2Cel 103-104.

é uma águia a voar; e a nossa ciência se arrasta com o ventre sobre a terra” (cf. Gn 1,20.22;3,14). – Embora fosse imperito na palavra (cf. 2Cor 11,6), no entanto, cheio de ciência, deslindava as coisas duvidosas das questões e trazia à luz as coisas ocultas (cf. Jó 28,11). E não é algo fora de propósito que o santo homem tenha recebido de Deus a compreensão das Escrituras, já que pela imitação perfeita de Cristo ele trazia nas obras a verdade delas descrita e, pela plena unção do Espírito Santo, ele tinha junto a si, no coração, o doutor delas (LM 11,2).

A atitude com a qual Francisco se aproxima da Sagrada Escritura é caracterizada pelo espírito de fé, de humildade e de amor. A fé permite-lhe descobrir nas palavras de Deus “o espírito e a vida” (Jo 6,63), isto é, o princípio vital na ordem sobrenatural: “E a todos os teólogos e aos que ministram as santíssimas palavras divinas devemos honrar e venerar como a quem nos ministra espírito e vida” (Test. 13; cf. 1Fi 2,21; 2Fi 3; 1Fr 25; RNB 22,39). A humildade, com a qual Francisco perscruta a Escritura, o faz chegar ao conhecimento de Deus (cf. Pr 2,5) mais facilmente do que a ciência humana e também o amor, mais do que a ciência dos mestres, abre a inteligência de Francisco à obscuridade dos mistérios (cf. 2Cel 102).

Para expressar sua fé Francisco, totalmente entregue à iniciativa do Espírito Santo, a Palavra de Deus não é qualquer coisa de estático, mas algo dinâmico. Ela é capaz de informar a sua vida e a de sua Ordem por todo o arco de sua existência. Nas CA se lê:

Quando o bem-aventurado Francisco estava com seus irmãos que tinha na época, ele era de tão grande pureza que, desde a hora em que o Senhor lhe revelou que devia viver – ele e seus irmãos – segundo a forma do santo Evangelho, quis e esforçou-se por observá-lo literalmente (*ad litteram*) por todo o tempo de sua vida (CA 52).

Isto comporta em Francisco o empenho de uma contínua atualização dos textos evangélicos escutados precedentemente e que determinaram a sua vocação-missão, sua via apostólica e a de seu grupo. Este método de atualizar a Palavra de Deus, conhecido na Sagrada Escritura, é chamado pelos biblistas de ‘releitura bíblica’ que tende normalmente a aprofundar os dados de um texto, levando em conta a sua potencialidade primitiva e permanecendo homogênea ao próprio tema. Neste sentido, pode-se falar de ‘releitura bíblica’ na experiência e nos Escritos de Francisco<sup>674</sup>.

<sup>674</sup> Os Escritos de Francisco de Assis são todos permeados de citações bíblicas, embora muitas delas sejam apenas referências bíblicas. Ele não era biblista, mesmo porque no seu tempo os

Francisco compreende que o método mais frutuoso de aprender e de ler a Escritura não é o de consultar muitos livros, mas o de meditar a Palavra de Deus com devoção e afeto. Era tão substancial o seu conhecimento da Palavra de Deus, que fazia pensar que tivesse sempre vivido no meio das Escrituras. Aqueles e aquelas que se dirigiam a ele para interrogá-lo não o faziam como a um ‘letrado’, mas como a um homem que tinha o Espírito de Deus (cf. 2Cel 102-103)<sup>675</sup>.

Deduzimos que, se no plano existencial Francisco estava preocupado em cumprir *ad litteram* o que tinha ouvido (cf. 1Cel 22), no plano metodológico a sua exegese não podia deixar de ressentir a sua atitude de fé.

Somos conduzidos a concluir que Francisco não domina conhecimento formal dos princípios hermenêuticos de seu tempo. Sua exegese é realista, concreta e sua fantasia se atém ao sentido literal da Sagrada Escritura. Embora muitos estudiosos tenham sustentado que Francisco tinha uma visão unilateral da Escritura – centralizando toda sua opção no seguimento do Cristo pobre – hoje se fala que seu ponto de partida para o novo modelo de vida religiosa foi de fato o discurso de Jesus sobre a missão dos Doze (associado a outras fontes bíblicas conhecidas por Francisco). Sua compreensão da Escritura, se não era ampla, num sentido absoluto, era sem dúvida integral, pelo menos com respeito ao Novo Testamento. Tanto ele como os seus frades vivem a Palavra de Deus como Jesus e os Apóstolos viveram: *ad litteram*, sem propriedade, sem estabilidade e pregando<sup>676</sup>.

A literalidade hermenêutica de Francisco na interpretação do Evangelho não mata, porém, o espírito (cf. 2Cor 3,6), pois a Escritura é para ele fonte e princípio de toda mística. Isso pode ser visto na Admoestação 7, que é um tratado de hermenêutica franciscana e evidencia a assimilação de Francisco da ótica joanina. Por isso, ele privilegia a expressão “espírito e vida” (Jo 6,64)<sup>677</sup>:

---

livros eram coisa rara, o que dificultava muito o acesso ao saber bíblico. Seu conhecimento das Escrituras se deve ao tipo de ensino de seu tempo, que era centrado em textos bíblicos, de modo especial nos Salmos, e que eram recitados de memória, principalmente os Salmos. Cf. STRABELI, M., A. Subsídios para uma leitura Franciscana da Bíblia (I). In.: *RF* 4 (2003) p. 28.

<sup>675</sup> Cf. CONTI, M., Estudos e Pesquisas sobre o franciscanismo das origens. *Op. Cit.* p. 129-130.

<sup>676</sup> Cf. ROTZETTER, A. Mística e seguimento *ad litteram* em São Francisco de Assis. In.: *Concilium* 169 (1981) 70-81;

<sup>677</sup> Cf. STRABELLI, M.A. Subsídios para uma leitura franciscana da Bíblia (I). *Op. Cit.* p. 34-35; DESBONNETS, T., A leitura franciscana da Escritura. In. *Concilium* 169 (1981) p. 49-60.

Diz o Apóstolo: A letra mata, o espírito, porém vivifica (2Cor 3,6). São mortos pela letra aqueles que somente desejam conhecer as palavras para serem considerados mais sábios entre os outros e poderem adquirir grandes riquezas... São também mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito da divina escritura, mas apenas desejam conhecer as palavras e interpreta-las aos outros. E são vivificados pelo espírito da divina escritura aqueles que não atribuem a seu eu toda letra que conheceram e desejam conhecer, mas, pela palavra e pelo exemplo, as retribuem ao Altíssimo Senhor Deus, de quem é todo o bem<sup>678</sup>.

Francisco compreende que a verdade da Escritura não está na forma da palavra escrita, mas vem expressa num contexto mais amplo, comunitário e pessoal (cosmovisão, personalidade e comunidade). A leitura da Sagrada Escritura para Francisco se situa num ambiente dialogal, pessoal e comunitário. Ele atribui a descoberta da vontade de Deus não à materialidade da palavra (forma escrita), mas ao próprio Altíssimo que é quem revela a forma do Santo Evangelho (cf. Test. 14). Essa postura de Francisco diante da Palavra de Deus constitui ainda hoje um grande desafio: evitar todo tipo de fundamentalismo. Os seguidores e seguidoras de Jesus Cristo precisariam empenhar-se um pouco mais para viverem de maneira pessoal, mais efetiva, sacramental a Palavra de Deus.

Mística para Francisco são as experiências pessoais ordinárias e extraordinárias de contato com Deus, o sentimento profundo, arraigado de devotamento e garra que se tem por uma ideia e por uma prática, da devoção à entrega absoluta à vontade do Senhor. A interpretação das Escrituras não é para ele uma proposta teórica ou mesmo uma prática apenas de alguns elementos evangélicos, mas é uma força interior que engloba toda uma prática, mobiliza-o, integra e proporciona sentido à sua vida. Por outras palavras: ele faz a Palavra de Deus ser viva e eficaz através de sua pessoa. Essa hermenêutica mística a compreendemos como o elemento característico de uma leitura franciscana da Sagrada Escritura<sup>679</sup>.

No Cântico Francisco faz uso de citações bíblicas explícitas, vindas da sua memória, tem forte cunho teológico-salvífico que supõe, como substrato, a

<sup>678</sup> Adm VII em FFC. Há uma clara oposição a qualquer tipo de fundamentalismo, este nasce da fé na inspiração verbal, eles creem que a própria forma e o conteúdo da palavra bíblica são de revelação divina; que a verdade divina se mostra na palavra e está sempre disponível para quaisquer necessidades ou situações. Cf. STRABELLI, M.A., Subsídios para uma leitura franciscana da Bíblia (I). *Op. Cit.* p. 36-37.

<sup>679</sup> Cf. *Ibid.*, p.40

meditação e a contemplação da Palavra de Deus. Numerosas são as ressonâncias bíblicas que cantam e exaltam a glória de Deus<sup>680</sup> e da criação, mas o uso do ‘vulgar’ lhe permitia, recordando-os e retomando-os, fundir aí a experiência direta da sua vida<sup>681</sup>.

O primeiro louvor da criação é pronunciado pelo próprio Deus. Pergunta-se então para quem ou por que as obras da criação são boas? Não certamente para Deus, pois ele não depende delas. Nem tampouco para o ser humano, já que ele mesmo é parte integrante da criação e objeto de louvor. As coisas criadas são boas porque, ocupando o lugar que Deus lhes fixou no âmbito da criação, são capazes de chegar à finalidade para a qual Deus as criou no Cântico cada elemento exerce um predicado natural, uma finalidade última. Ex.: O Irmão Sol é... A irmã lua e as estrelas são... e nisto também reproduz a harmonia da criação e sua missão de servir na gratuidade<sup>682</sup>.

Francisco ao compor o Cântico repleto do sentido bíblico inconsciente, sua memória projeta à inspiração do Cântico de agradecimento dos três jovens do livro de Daniel (3,51-90) e em vários Salmos, especificamente o Sl 148, o que se traduz bastante evidente na forma literária e no conteúdo, mas a semelhança é limitada, pois a inspiração de Francisco é singular, como veremos a seguir, quando passaremos a constatar melhor, apresentando esta relação com os dois textos bíblicos, e as outras citações, presentes como eco do seu pensamento, das expressões, da palavra mesmo de Francisco, com relação à Escritura ouvida na liturgia ou no cotidiano da sua vida de oração contínua, pessoal ou fraterna<sup>683</sup>.

<sup>680</sup> O ser humano, contemplando as coisas criadas, pode elevar-se ao conhecimento... não de Deus em si mesmo, mas sim da glória de Deus. A tradição apofática renuncia a toda definição formal de uma realidade que está muito além de toda palavra humana. O Cântico de Francisco nascido durante as trevas da sua noite escura, no Convento de São Damião, emerge das ‘trevas deslumbrantes’, uma maneira de expressar a proximidade do incompreensível, pois quanto mais presente está Deus, mais próximo está e mais escondido, é nossa ‘*docta ignorantia*’ de que fala São Gregório de Nissa. Cf. BÓRMIDA, J., Legado franciscano em América Latina. In: MOREIRA, A.S. (org). São Francisco e as Fontes Franciscanas. *Op. Cit.*, p. 140-141.

<sup>681</sup> Cf. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.*, 289.

<sup>682</sup> Cf. DRAGO, A., Palavra de Deus. In.: *DF*, p. 531.

<sup>683</sup> O louvor ao Criador pelas criaturas nasce de uma “experiência religiosa profunda, cujas raízes se entranham no mais íntimo da existência de Francisco. O solo primário em que medram é a vivência religiosa do cristianismo que desenvolvera práticas religiosas comuns e se expressava através de uma liturgia alimentada em fontes bíblicas, muito familiares ao santo e à comunidade cristã, que as traduzia em orações ou cânticos de louvores”. BERNARDI, O. O encanto da vida. *Op. Cit.* p. 17.

#### 4.4.1.

#### Daniel 3, 51-90: O Cântico dos três jovens na fornalha

O Autor do livro de Daniel é um ‘apóstolo místico’ do tempo dos Macabeus, que incita os seus patrícios a procurarem em Deus a força e a confiança, e não na revolta armada, para superarem a grave crise que atravessa o javismo. Escreve para os israelitas que vivem sob a opressão síria. Os oráculos reforçam os anúncios da vitória de Javé e do seu enviado (o filho do homem) sobre os atuais e futuros opositores da salvação. A pesquisa moderna fez o livro de Daniel passar da categoria dos livros proféticos para a dos escritos apocalípticos.

O Cântico dos três jovens (3, 24-90) faz parte da seção narrativa de Daniel (1,1-6,29). Esta narrativa tem por protagonista os três amigos de Daniel, levados a adorar a colossal estátua-obelisco do imperador. O contexto da narrativa e do episódio, no qual é apresentado o Cântico dos três jovens é o seguinte: todas as autoridades das províncias são convocadas para a inauguração do grandioso monumento; cada povo, nação e língua deve prostrar-se para adorar a estátua de ouro de Nabucodonosor (3,7). No meio de tão grande massa de pessoas e de dignitários a atenção vai convergir inexplicavelmente sobre os três jovens hebreus que não pretendem adora a imagem régia<sup>684</sup>.

A intervenção, primeiro persuasiva (3,14) e depois irada (3,19), do monarca em pessoa, introduz à segunda cena: a condenação à prova de fogo. A fornalha é acesa sete vezes mais do que pedia qualquer necessidade ou lei, a tal ponto de cremar os encarregados de conduzir e lançar nela os três hebreus. O contraste é acentuado pelo comportamento dos servos, que continuam a lançar dentro betume, piche, estopa e lenha miúda (3,46), e a segurança dos jovens, que passeiam no meio das chamas louvando e bendizendo o Senhor (3,24). O final é óbvio, mas o autor ultrapassa toda a expectativa, levando Nabucodonosor em pessoa a libertar os prisioneiros e a reconhecer a superioridade do seu Deus (3,96)<sup>685</sup>.

<sup>684</sup> Cf. BALLARINI, T. *Introdução à Bíblia*. Os Doze Profetas. Daniel. II/4. Petrópolis: Vozes, 1978, p. 227.

<sup>685</sup> Cf. *Ibid.*, p. 228-229.

O Cântico é reflexo de inspiração bíblica do hino de louvor de Ananias, Azarias e Misael que cantaram entre as chamas acesas em torno deles pelo tirano babilônico. É o místico encontro com sua alegria interior, que não se confunde com a alegria exterior das criaturas, mas com elas louva o Criador. Em todo o esquema do Cântico sentimos a ressonância do texto de Daniel, especialmente quando citado, modificando o texto original, há uma profunda semelhança entre os dois cânticos, o de Daniel e o de Francisco, quando este segundo utiliza a forma repetitiva do ‘refrão’: “*Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo*”... “*Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra*”... “*Louvai e bendizei ao meu Senhor*”. (Cnt 8.9.14). O Cântico dos três jovens em Daniel reproduz a alegria e o triunfo<sup>686</sup>.

Francisco à memória criativa recolhe forças para, vencendo a si mesmo, entoar com coragem como os três jovens hebreus na fornalha ardente haviam dirigido às criaturas um convite para louvar a Deus, citamos à íntegra o comovente cântico de Daniel:

Bendito sejas, Senhor, Deus de nossos pais, e louvado e sobreexaltado para sempre! E bendito seja o santo nome de tua glória; (Louvado e sobreexaltado para sempre!)<sup>687</sup> Bendito sejas tu no Templo de tua santa glória, e muito celebrado e glorificado para sempre!... Obras todas do Senhor, bendizei o Senhor; Celebrai-o e sobreexaltai-o para sempre! Céus, bendizei o Senhor; Anjos do Senhor, bendizei o Senhor! Todas as águas que estais acima do céu, bendizei o Senhor. Todos os exércitos do Senhor, bendizei o Senhor; Sol e lua, bendizei o Senhor; Estrelas do céu, bendizei o Senhor; Toda chuva e orvalho, bendizei o Senhor; Todos os ventos, bendizei o Senhor; Fogo e chama, bendizei o Senhor; Frio e calor, bendizei o Senhor; Orvalhos e aguaceiros, bendizei o Senhor; Noites e dias, bendizei o Senhor; Luz e trevas, bendizei o Senhor; Gelo e geada, bendizei o Senhor; Gelos e neves, bendizei o Senhor; Relâmpagos e nuvens, bendizei o Senhor; Que a terra bendiga o Senhor; Montanhas e colinas, bendizei o Senhor; Todas as plantas da terra, bendizei o Senhor; Mares e rios, bendizei o Senhor; Fontes, bendizei o Senhor; Grandes peixes e fauna aquática bendizei o Senhor; Todos os pássaros do céu, bendizei o Senhor; Animais selvagens e gados, bendizei o Senhor; Filhos dos homens, bendizei o Senhor; Israel, bendizei o Senhor; Sacerdotes, bendizei o Senhor; Servos do Senhor, bendizei o Senhor; Espíritos e almas dos justos, bendizei o Senhor; Santos e humildes de coração, bendizei o Senhor; Hananiá, Azaria e Mishael, bendizei o Senhor; Porque ele nos livrou do Hades e nos salvou da mão da morte; ele nos tirou do meio da fornalha de chama ardente e tirou do meio do fogo. Dai graças ao Senhor, porque ele é bom, porque eterna é a sua misericórdia<sup>688</sup>.

<sup>686</sup> CF. MARÍA, F. El cántico de las criaturas. *Op. Cit.* p. 11.

<sup>687</sup> Nesta citação omitiremos a repetição do refrão a cada invocação.

<sup>688</sup> O autor grego inseriu no seu livro este hino cósmico de louvor inspirado no salmo 136 pelo artifício de repetição, e no Sl 148 pelo convite universal. Provavelmente o cântico fez parte da liturgia na festa da libertação de Jerusalém e da consagração do Templo em 164 a.C. (cf. 1Mc 4,36-59; 2Mc 10,1-8). Aqui a voz humana dos jovens convoca o universo ao elogio uníssono de

Já não é uma confissão, mas uma bênção ou eulogia, dirigida diretamente ao Senhor (cf. 3,52-56), em união com todas as criaturas (cf. 3, 57-87), por parte de Ananias, Azarias e Misael (3,88ss). Seis bênçãos<sup>689</sup>, conforme inspiração judia. “A parte central, o cântico das criaturas, está inspirada no Gn 1 e nos Sl 136 e 148; a seguir todos os seres são convidados a repetir, à maneira de ladainha: Bendizei o Senhor! Glorificai-o e exaltai-o para sempre!”<sup>690</sup>. Eles sucedem-se segundo uma hierarquia que vai dos seres celeste às forças da natureza, aos animais e aos seres humanos.

Podemos ver aqui a ordem cósmica desejada pelo Criador. Cada ser em seu lugar, todos eles são convocados pela palavra humana para participar da sinfonia universal que proclama o Deus da Vida. É o ser humano que dá sentido de louvor a tudo, reconduzindo toda a realidade à sua fonte e fim: O Criador. Exalta-se dessa forma o Deus que está continuamente criando a vida, em contraste com as idolatrias, que sempre geram a morte<sup>691</sup>.

Nenhuma nota é esquecida nesta sinfonia da criação, onde todos, do querubim ao átomo, cantam concordes o cântico do louvor. Com certeza, de dia para dia, e de ano em ano, Francisco, ou sozinho ou em companhia dos seus frades, repetiu esta oração diária do ‘breviário’, este hino de todas as criaturas ao Criador. E, desde muito tempo, a poesia deste hino comovera-o profundamente; O franciscano Joergensen, no seu estudo sobre Francisco chega a afirmar:

Em 1213, tendo construído uma capelinha... mandou pintar, no frontispício do altar estas inscrições: ‘Todos os que temem o Senhor devem louvá-lo. Louvai o Senhor, céu e terra! Louvai-o todas, ó águas correntes! Criaturas todas, louvai o Senhor. Aves todas do céu, louvai o Senhor’<sup>692</sup>.

---

Deus, a oferta musical do louvor. Toda a criação se une ao coro de louvor, quando a palavra humana a convoca para que todos louvem o Deus da Vida. Cf. STORNILOLO, I. *Como ler o livro de Daniel*. São Paulo: Paulus, 1994, p.39-40.

<sup>689</sup> Depois de louvar ao Altíssimo, Onipotente e Bom Senhor, Francisco também por seis vezes convida às criaturas ao louvor e agradecimento ao Senhor, o Criador. Cf. MARÍA, F., *El cántico de las criaturas*. *Op. Cit.* p. 11

<sup>690</sup> BALLARINI, T., *Introdução à Bíblia*. Os doze Profetas. Daniel. *Op. Cit.*, p. 242.

<sup>691</sup> Cf. *Idem*, p. 41.

<sup>692</sup> No Eremitério de Cesi, Francisco fez construir algumas celas tecidas com ramos de árvores, e uma igreja dedicada (como a da Porciúncula) a Santa Maria dos Anjos, e mandou pintar no frontispício do altar várias criaturas, e ali escreveu alguns versos, convidando todas as criaturas a darem louvor ao Senhor (Wadding, ad. 1213, n. 17). Cf. JOERGENSEN, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 382; 408.

O Cântico renova aquele convite, do fundo de sua fornalha, onde o envolviam as escuras chamas da dor. Mas seu Cântico é mais jubiloso com as vozes das criaturas que ele já conhece e ama com fraterna ternura. O vínculo de amizade entre ele e as criaturas já perfaz o coro do louvor, a sinfonia da intimidade, se faz mais estreito e comovido<sup>693</sup>. Apesar duma inspiração comum, há uma diferença notável entre a obra de Francisco e o texto de Daniel, no cântico dos três jovens, os diversos elementos são apenas mencionados, enumerados, enquanto no Cântico de Francisco são, além disso, qualificados ricamente. Não somente é cada um deles galardoado com o nome de irmão e irmã, como veremos mais adiante, mas ainda é acompanhado duma sequência de qualificativos que lhe dão valor<sup>694</sup>.

O biógrafo Celano recorda a relação vivida por Francisco com as criaturas e este convite feito ao louvor, o uso do texto que estava na memória do santo faz eco na linguagem poética do seu hino construído para glorificar a Deus:

Como outrora os três jovens colocados na fornalha ardente convidavam todos os elementos a louvarem e glorificarem o Criador do universo, assim também este homem, repleto do espírito de Deus, não cessava de glorificar, louvar, bendizer em todos os elementos e criaturas o Criador e governador de todas as coisas (1Cel 80).

Francisco reconhece seu Cântico de louvor a Deus, não porque Deus tenha criado o sol, a luz, as estrelas, o vento, o fogo e a água, mas porque libertou o ser humano da cova dos leões e da fornalha da dor<sup>695</sup>. Assim é o Cântico a Deus, mais que pela criação, pela salvação; de reconhecimento, não pelos dons materiais, mas pela graça espiritual<sup>696</sup>. Retomara a estrutura do esquema do Cântico de Daniel, já utilizada nos Louvores a serem ditos a todas as horas canônicas (LH), composto por ele para ser rezado em todas as Horas Canônicas do dia e da noite e antes do Ofício da Bem-Aventurada Virgem

<sup>693</sup> Cf. BARGELLINI, P. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>694</sup> Cf. LECLERC, E. O Cântico das Criaturas. *Op. Cit.* p. 16-17.

<sup>695</sup> “O livro de Daniel mostra que do meio dos pobres e das massas anônimas e oprimidas alguns começam a levantar a cabeça: o próprio livro de Daniel é o sinal de que alguns entre os pequenos começam a fazer a história. O povo dos pobres é construtor da história. Debaxo da história feita pelos poderes deste mundo, outra história está nascendo, a história da ascensão do povo dos pobres. Nela se manifesta a história do Espírito de Deus no mundo”. COMBLIN, J. *Antropologia cristã. Série III: A libertação na história. Tomo I. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 202.*

<sup>696</sup> Cf. BARDELLINI, P. São Francisco de Assis. *Op. Cit.*, p. 138.

Maria, texto também dos últimos anos da sua vida, passaremos a citar para exemplificar a relação, proximidade e sutil diferenciação, entre os Louvores e o Cântico:

Santo, santo, santo é o Senhor Deus (Is 6,3; Ap 4,8) Todo-Poderoso, que é, que era e que virá (cf. Ap 4,8): E louvemo-lo e superexaltemo-lo pelos séculos (cf. Dn 3,57). Vós sois digno, Senhor nosso Deus, de receber o louvor, a glória, a honra (cf. Ap 4,11) e a bênção; ... Digno é o Cordeiro, que foi imolado, de receber a força e a divindade, a sabedoria e a fortaleza, a honra, a glória e a bênção (Ap 5,12)... Bendigamos ao Pai e ao Filho com o Santo Espírito...Obras todas do Senhor, bendizeis o Senhor (Dn 3,57).Louvai o nosso Deus, vós todos, os seus servos, e vós que temeis a Deus, pequenos e grandes (cf. Ap 19,5)... Louvem-no glorioso, céus e terra (cf. Sl 68,35)...E toda criatura que há no céu e sobre a terra, que há debaixo da terra e no mar e as que nele existem (cf. Ap 5,13) (LH 1-10).

Este texto, uma síntese do texto de Daniel e de vários outros textos bíblicos em louvor ao Deus Altíssimo, diferentemente do Cântico era para ser rezado pela fraternidade no seu cotidiano das orações comunitárias, bem ao esquema dos salmos, acompanhado do Pai Nosso e do Glória. Nestes Louvores Francisco convoca ao louvor e convoca a criação no seu conjunto ao louvor do Senhor. O Cântico romperá com este esquema, já não é a criação que louva e, sim o ser humano, pelas criaturas e com as criaturas. Como teremos oportunidade de aprofundar posteriormente (cf. FFC p. 139).

#### 4.4.2.

#### **O Salmo148: o louvor das criaturas ao Deus do universo**

Os Salmos formam a composição poética mais famosa das orações em forma de canções de Israel, é a obra culminante da piedade judaica, que os cristãos continuamos utilizando desde sempre em todas as nossas liturgias.

O título hebraico do livro dos Salmos é *Tehillim* ('hinos' ou 'loas'). Nossa palavra 'salmo' vem do grego *psalms*, que traduz o hebraico *mizmor* (canto). O livro com seus 150 salmos. A classificação dos salmos por seu gênero literário depende em grande parte da terminologia que se empregue e da extensão que se conceda a cada termo. José Luis Sicre oferece uma lista bem diversificada: hino, hino monoteísta, canto de Sião, canto de peregrinação, canto de confiança coletivo, canto de confiança individual, ação de graças coletiva, ação de graças individual, cantos reais, composição instrutiva e

sapiencial. Os três gêneros mais importantes, porém, são: os hinos, as lamentações e súplicas e ação de graças. Os hinos têm uma composição bastante uniforme. Todos começam com uma exortação ao louvor de Deus. Vêm depois os motivos do louvor, que são os prodígios realizados por Deus na natureza (sobretudo a criação)<sup>697</sup> e na história (especialmente a salvação do povo). A conclusão repete a fórmula introdutória ou exprime uma oração. As súplicas e lamentações não cantam a glória de Deus, mas se dirigem a ele. Muitas vezes concluem com a certeza de ser atendido e com uma ação de graças. A ação de graças não é um gênero muito abundante em comparação com os anteriores. A estrutura literária é semelhante à do hino.<sup>698</sup>

No grego Psalmós: ação de estender e largar, ação de fazer vibrar, donde ação de entesar as cordas de um arco, ação de fazer vibrar as cordas de um instrumento musical, ação de tocar um instrumento musical; o som da harpa ou da cítara, canto acompanhado da harpa ou da cítara. Os Salmos eram os cânticos sagrados dos hebreus, acompanhados por instrumentos de cordas ou de sopro. São orações em gênero poético. São poemas líricos do Livro dos Salmos no AT atribuídos, em sua maior parte, ao rei Davi (1015 a. C. -975 a.C.), e que foram musicados para uso religioso, cuja característica é o duplo ritmo, o das palavras e o das ideias, para ser acompanhada pelo saltério<sup>699</sup>.

Os Salmos na vida de Francisco são genuínas expressões da sua experiência humana voltada para Deus. Os salmos expressam sua vida conscientemente transformada e conduzida por Deus. Uma vida que ele recebe como dom, iniciativa do Senhor que se foi convertendo em orações, vivas e várias, por arte dos seus sentimentos autorais, seguidor atento e inspirado. Os Salmos são também orações privilegiadas de toda a vida fraterna franciscana<sup>700</sup>.

Francisco faz uma grande compilação de Salmos que deverão ser rezados nos vários momentos da vida litúrgica da vida conventual dos seus frades, bem expresso no seu Ofício da Paixão do Senhor (OP): devido ao uso do Saltério

<sup>697</sup> “A literatura espiritual dos salmos e a sapiencial batem fortemente na tecla da contemplação da maravilha da criação em sua relação direta com Deus” LIBÂNIO, J. B. Eu creio. Nós Cremos. *Op. Cit.* p. 130.

<sup>698</sup> Cf. SICRE, J.L. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1999, p.306.

<sup>699</sup> Cf. Verbete Salmo. In.: *DH*, p. 2501.

<sup>700</sup> Cf. SICRE, J. L., *Introdução ao Antigo Testamento*. *Op. Cit.* p. 307.

Romano e do Galicano, pode-se pensar que foram compilados no período entre a RNB (1221) e a RB (1223)<sup>701</sup>.

Os frades franciscanos Robert Melnick e Joseph Wood, destacam a vida de oração da fraternidade franciscana usando a metáfora da ‘nave’(navio, embarcação), indicando a tradição mística do uso do Salmo que remonta à pessoa de Francisco. Para estes autores franciscana oração dos Salmos constitui o coração do movimento franciscano, alma da fraternidade iniciada com Francisco<sup>702</sup>. Para descrever a vida mística e a vida religiosa cotidiana dos cristãos, se usa tradicionalmente a imagem de uma ‘nave’: a comunidade viaja para Deus como sobre uma grande embarcação; simbolicamente a ‘nave central de uma igreja recebe o nome do latim *navis*, nave. A bordo desta ‘nave’ Francisco indica aos seus frades e ao povo de Deus abrigo do tempestuoso mar dos falsos valores e das tentações. A recitação ou o canto dos salmos tem sido o método preferido com o qual a ‘nave’ franciscana navega para o porto seguro<sup>703</sup>.

Para Francisco o Salmo 148 conduz sua composição como que antes a conduzir sua vida à luz de Deus, em seu constante louvor: “Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas”<sup>704</sup>. Francisco tem consciência da bondade do Senhor que nos deu nas noites belas, a irmã lua e as estrelas, claras e preciosas e belas, a aproximação no verso 5.7 do Cântico, com o Salmo 148<sup>705</sup> é contundente no coração do Santo como um verdadeiro salmista rendendo graças ao Criador por suas obras, e convidando todas as criaturas a fazerem o mesmo<sup>706</sup>. Constatamos o quanto o louvor expresso através do

<sup>701</sup> Sobre o surgimento do Ofício da Paixão: ESSER, K., Gli Scritti. *Op. Cit.* p. 448; CROCOLI, A., “Dado e nascido por nós à beira do Caminho” (OfP 17,17). *Op. Cit.* p. 156-174.

<sup>702</sup> Para a história, evolução e mística da Ordem: MELNICK, R.; WOOD, J., *Francescani Conventuali I frati della Comunità*. Pádua: Messaggero, 1996. POMPEI, O. ODOARDI, J.; DI FONZO, L., Frades Menores Conventuais. *Op. Cit.* Toda a obra, especialmente: p.15-41.

<sup>703</sup> Cf. MELNICK, R.; WOOD, J. *Francescani Conventuali I frati della Comunità. Op. Cit.* p.51.

<sup>704</sup> “O Salmo 148 que agora elevamos a Deus constitui um verdadeiro “cântico das criaturas”, uma espécie de Te Deum do Antigo Testamento, um aleluia cósmico que envolve tudo e todos no louvor divino”. Papa João Paulo II. Locução. Disponível em: [http://www.vatican.va/holy\\_father/john\\_paul\\_ii/audiences/2002/documents/hf\\_jp-ii\\_au](http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/2002/documents/hf_jp-ii_au). Acesso em 17/07/2002.

<sup>705</sup> Cf. STANDELMANN, L. I. J., Os Salmos. Comentário e oração. *Op. Cit.* p. 710.

<sup>706</sup> A natureza, em sua condição de reflexo do Criador, tem sido o lugar do encontro com Deus. A fé num Deus Criador, que Israel elaborou de maneira clara no exílio da Babilônia, acompanha-nos até hoje como evidência para o fiel. Cf. LIBÂNIO, J. B. Eu creio nós cremos. *Op. Cit.*, p.130.

Cântico é inspirado no Salmo 148, reproduzimos aqui o louvor do salmista, que encantou Francisco por toda a vida, a suscitar também nele um cântico novo:

Dos céus, louvai o Senhor<sup>707</sup>: louvai-o nas alturas; louvai-o, vós, todos os seus anjos: louvai-o, vós, todo o seu exército; Louvai-o, sol e lua; Louvai-o, vós, todas as estrelas brilhantes; Louvai-o, vós os mais altos dos céus, e vós, as águas que estais sobre os céus.

Que eles louvem o nome do Senhor, pois ele mandou, e foram criados.

Ele os estabeleceu para todo o sempre; fixou leis que não passarão.

Da terra, louvai o Senhor: dragões e vós, todos os abismos, fogo e granizo, neve e neblina, vento de tempestade que executa sua palavra, montanhas e todas as colinas, árvores frutíferas e todos os cedros, animais selvagens e todo o gado, répteis e pássaros, reis da terra e todos os povos, príncipes e todos os chefes da terra, moços e vós também, moças, velhos e crianças! Que eles louvem o nome do Senhor, pois o seu nome é sublime, só ele, seu esplendor domina a terra e os céus. Ele reergueu a força do seu povo. Louvor para todos os seus fiéis, os filhos de Israel, o povo que lhe está próximo (Sl 148)<sup>708</sup>

Este hino de louvor se situa no contexto da restauração do culto divino no período pós-exílio<sup>709</sup>. O salmista escreve este hino convidando todas as criaturas a louvarem a Deus. Sete convites ao louvor se dirigem aos seres celestes. Razão desse louvor é a ação criadora de Deus, que sustenta o universo e lhe confere estabilidade (1-6). É a proposta convite para os seres da natureza entoarem o seu louvor (7-10). O convite se estende à humanidade inteira, sem distinção (11-12) e por fim apresenta o motivo do convite: é o nome de Deus libertador, que governa a terra e o céu, e apoia a resistência e a luta do seu povo (13), o final do v. 14 é uma espécie de assinatura-dedicatória. A principal tarefa do povo de Deus é o louvor, através do qual se proclama o mistério do Deus vivo<sup>710</sup>.

Francisco tem a memória à memória, como fonte o Salmo que o convida ao louvor, a compor a linguagem do agradecimento como louvor ao Senhor

<sup>707</sup> Transposição cristã: O nome ou título Senhor foi dado a Jesus Cristo morto e ressuscitado, como canta Fl 2,9-11, assim sendo, pode-se tomar o Salmo como canto de páscoa pela transfiguração da criação. Cf. Nota correspondente ao Salmo conforme a tradução da BdP, p.1408.

<sup>708</sup> Também o Sl 150 continua esta forma de louvor diante do Senhor Deus, e termina convocando toda a criação ao louvor: “Que tudo que respira louve o Senhor”! (Sl 150,6). O Salmista convida ao céu para louvar a Deus (1-6), convida à terra (7-13) e convida a Israel (14). Através da celebração litúrgica do louvor divino na comunidade dos fiéis, o povo de Deus, realiza-se o encontro com o seu Deus e Deus do universo, uma vez que este hino de louvor se situa no contexto da restauração do culto divino no período pós-exílio. Cf. STANDELMANN, L.I.J., Os Salmos. Comentário e oração. *Op. Cit.* p.708-709.

<sup>709</sup> Para compreender os Salmos de restauração: Cf. STANDELMANN, L. I. J., Os Salmos. Comentário e oração. *Op. Cit.* p. 710.

<sup>710</sup> Cf. Nota correspondente ao Salmo na tradução da Bíblia Pastoral (BP), p.831-832

Deus Criador. Como louvarão a Deus as criaturas sem vida ou sem inteligência? Questiona Luís Alonso Schökel, em nota correspondente ao texto da Bíblia do Peregrino:

Ele mesmo responde: Por meio do ser humano que as interpreta como criaturas de Deus e lhes dá linguagem. Uma linguagem que as nomeia, e assim toma posse delas. Uma linguagem que as ordena e organiza como assistentes de uma celebração litúrgica. Uma linguagem que interpela com seus imperativos e lhes dá presença mental. Uma linguagem pela qual o ser humano reconduz as criaturas ao Criador<sup>711</sup>.

É a oração de louvor para despertar nosso amor para com Deus, cuja presença divina se manifesta nos espaços celestes, no âmbito terrestre e na liturgia da comunidade dos fiéis do Povo de Deus.

#### 4.4.3.

#### Outros Salmos

O Salmo 78 (77),14. À lembrança da saída da terra do Egito, louva o salmista, pela providência divina e sua presença protetora: “Durante o dia, guiava-os pela nuvem, e a cada noite, pela luz de um fogo”. Esta é uma oração de adesão pessoal a Deus, que, apesar da infidelidade de muitos israelitas, mantém sua fidelidade à Aliança, realizando seus desígnios salvíficos na história. Este salmo histórico data do período pré-exílico<sup>712</sup>.

O Salmo 104 (103), 13-14. O Salmo 104 tem uma beleza única. Deus é bendito em sua majestade e esplendor, envolto em manto de luz, estendendo o céu como um toldo, construindo sua morada acima das águas. As nuvens são sua carruagem. Os ventos oferecem suas asas para ele andar, ou são eles os seus mensageiros. O fogo flamejante é seu criado. O salmo descreve de modo poético a criação. Deus assenta a terra sobre suas bases para que nunca vacile. Quando o oceano a cobria como um manto e as águas se mantinham sobre as montanhas, ordena-lhes que recuem para ocupar o lugar destinado e impõe-lhes limite para não voltarem a cobrir a terra. E assim o hino continua de modo extremamente poético a gesta criadora do Altíssimo Deus Criador<sup>713</sup>.

<sup>711</sup> SCHÖKEL, L. A., In.: *BdP*, nota correspondente ao SI 148.

<sup>712</sup> Cf. STADELMANN, L.I.J., Os Salmos. *Op. Cit.* p. 413.

<sup>713</sup> Cf. LIBÂNIO, J. B. Eu Creio. Nós cremos. *Op. Cit.* p. 130.

O Salmo 104(103) é canto de louvor ao criador que sustenta a alegria de todas as criaturas e dá segurança aos filhos e filhas: “Das suas moradas ele dá de beber às montanhas, a terra sacia-se do fruto do teu trabalho: fazes brotar a relva para o gado, as plantas que o homem cultivava, extraindo seu pão da terra”. O mundo é visto pelo salmista como um imenso parque à disposição das criaturas; vivendo em paz e harmonia, o Criador lhes dispensa seus dons em profusão. Este hino de louvor, uma versão poética do relato da criação data do período pós-exílico<sup>714</sup>.

Salta aos olhos a evocação do universo pelo salmista para louvar e agradecer ao Criador. Ele é, na verdade, a fonte da vida na terra e portanto deve ser louvado e engrandecido por todas as criaturas.

O Salmo 136 (135): Há uma ressonância também deste Salmo, denominado na tradição judaica o Grande Hallel (‘canto de louvor’), enquanto louvor cósmico que exalta o Criador do universo e seu amor pelo ser humano, posto no mundo, para que, e contemplador da natureza visível, se torne adorador da Natureza invisível, que tirou do nada todas as coisas por Onipotência. O Salmo conclui com uma aclamação exortatória, como ato explícito de louvor, que a comunidade dos fiéis na terra rende ao Deus Criador, em reconhecimento de suas obras realizadas no cosmos e na história, sua misericórdia. Este hino guarda um profundo agradecimento amoroso para com Deus criador e salvador que manifestou seu amor pelo povo eleito, como reconhecimento pelas obras de Deus<sup>715</sup>.

#### 4.4.4.

#### Citações ‘menores’

Além das citações claramente evidentes que formam o substrato do texto, apresentamos uma série de outras citações, não menos importantes à memória bíblica de Francisco, que compõe a ressonância bíblica do Cântico, seguindo a ordem das citações dentro do texto:

**Ap 4,9.11:** “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, teus são o louvor, a glória e a honra e toda bênção” (cf. Cnt 1). João recorda o louvor, a glória

<sup>714</sup> Cf. STADELMANN, L.I.J., Os Salmos. *Op. Cit.*, p. 520.

<sup>715</sup> Cf. *Ibid. Op. Cit.*, p. 662-663.

manifestada pelos que estão no trono central: “E cada vez que os animais davam glória, honra e ação de graças ao que está sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos” e “Tu és digno, Senhor nosso Deus de receber a glória, a honra e o poder, pois tu criaste todas as coisas; quiseste que elas existissem, e foram criadas”<sup>716</sup>. O Capítulo 4 descreve as ordens dos céus. São as seguintes: anjos, arcanjos, arcontes, autoridades, poderes e domínios. Quando descreve a sétima ordem, diz: tronos, serafins e querubins ficam diante da majestade glorificando-o a cada hora com seu ‘santo,santo,santo’. Os elementos estruturadores do texto são de ordem: geográfica (céu-terra, trono), antropomórfica (alguém sentado sobre o trono, anciãos), numérica, semântica (palavras usadas densamente: glória, honra, poder). O texto alterna aclamações e doxologias que concentram títulos honoríficos e ações e gestos de adoração. Poderíamos dizer que estamos no mundo mediterrâneo onde ‘honra’ é uma categoria fundante dos relacionamentos humanos. Deus tem que ser aclamado como digno em suas muitas variações. É a visão dos redimidos, os vencedores, os que deram testemunho de Jesus por causa da Palavra de Deus<sup>717</sup>.

O Livro de Tobias: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas” (cf. Cnt 3)> Quando Tobias começa a rezar, pedindo a Deus que os protegesse, com sua misericórdia e salvação, ele e Sara, rezaram assim: “Bendito sejas, Deus de nossos pais! Bendito seja o teu nome em todas as gerações vindouras! Bendigam-te os céus e toda a terra criação por todos os séculos”(Tb 8,5).

**Mt 6,12:** “Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam”(cf. Cnt 10). De dentro da oração que Jesus ensinou os discípulos a rezarem, nasce o perdão. Jesus une nossas obrigações para com Deus às obrigações para com nossos irmãos e irmãs. O perdão fraterno não compra o nosso perdão divino, nem o merece, mas atesta a sinceridade do nosso pedido: “Perdoa-nos as nossas faltas contra ti, como nós mesmos temos perdoado aos que tinham faltas contra nós”.

<sup>716</sup> Há o reconhecimento, diante do trono: todo o poder deriva de Deus. Enquanto os seres viventes, como representantes da criação, dão glória, honra e agradecimento, reservados à divindade, a criação e tudo que existe tem origem em Deus, depende da sua vontade. Cf. GIBLIN, C. H., *Apocalipse*. Bolonha: EDB, 1993, p.56-57.

<sup>717</sup> Cf. VASCONCELLOS, P. L., A Vitória da vida: Milênio e reinado em Apocalipse 20,1-10. In.: *RIBLA* 34 (1999), p. 86; NOGUERIA, P., Êxtase visionário e culto no Apocalipse de João. Uma análise de Ap. 4 e 5 em comparação com viagens celestiais da apocalíptica. In.: *RIBLA* 34 (1999), p. 56-50

**Ap 2,11; 20,6:** “Ai daqueles que morrem em pecado mortal: bem-aventurados os que ela encontrar na tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal” (cf. Cnt 13). À comunidade cristã de Esmirna é endereçada a mensagem de coragem e estímulo doados por graça do poder do Espírito ao vencedor por Cristo, participar da vida eterna, a promessa da ressurreição: O dragão amarrado e aprisionado, o paralelo reinado dos mártires e testemunhas e finalmente a derrota incondicional de Satanás formam um conjunto poderoso de imagens e sentidos a apontar para o escopo básico do texto, para o momento em que o visionário deixa por um momento de comunicar suas visões e se dirige ao leitor e leitora: “O que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas. O vencedor não sofrerá dano algum da segunda morte”<sup>718</sup> e “Felizes os santos os que têm parte na primeira ressurreição. Sobre estes a segunda morte não tem poder” (Ap. 2,11;20,6)<sup>719</sup>.

A memória do texto do apocalipse remete ao martírio nas tribulações, bem-aventurança aos cristãos da cidade de Esmirna, vínculo à vida eterna. Para estes mártires o curso da vida pautada sobre o bem, a vida ressuscitada continuará mais que mil anos, para abraçar o período de bem-aventurança prometida a todos os ressuscitados para a vida eterna. Francisco está consciente: quem participa desta primeira (ou precedente) ressurreição permanece imune à morte segunda (inferno eterno)<sup>720</sup>.

Assim como o mar é obrigado a devolver os que nele morreram a morte e a morado dos mortos também são obrigados a devolver os mortos. O poder da morte está esvaziado, ao existe mais (cf. 20,13). Esta eliminação da morte é chamada a ‘segunda morte’ (Ap 20,14). É a morte da morte. É a vitória radical e total sobre o mal. O autor conseguiu realizar o impossível. Criou um quadro em que todo o mal desapareceu. Dele nada sobrou. Nada mesmo. Chegou a hora da nova criação. Espera-se a qualquer momento o anúncio da

<sup>718</sup> O vencedor não vai ser lesado pela segunda morte. A primeira morte atinge a todos nós no fim da vida. Dela a comunidade não precisa ter medo, pois já é vencedora pela fé em Jesus que venceu a morte (cf Ap. 12,11). A segunda morte acontecerá quando Deus, com seu poder, mata para sempre a própria morte e os poderes da morte. A própria morte vai ser jogada no inferno, no lago de fogo. Naquele momento se dirá: “Esta é a segunda morte” (Ap 20,14). Será a morte da própria morte. Cf. MESTERS, C.-OROFINO, F., *Apocalipse de São João*. A teimosia da fé dos pequenos. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 132-133.

<sup>719</sup> Cf. VASCONCELLOS, P. L., A vitória da vida. *Op. Cit.* p. 81. Sobre a promessa garantida da vida eterna, o reino celeste aos vencedores, veja: GIBLIN, C., H., *Apocalipse*. *Op. Cit.* p. 43.

<sup>720</sup> Cf. *Ibid.* p. 136-137.

manifestação do “Novo Céu e Nova Terra” (Ap 21,1)<sup>721</sup>. Cessará a ameaça de morte que conduz ao medo, e haverá vida para sempre (cf. Ap 20,15). A promessa para a comunidade de Esmirna é de que “não serão lesados pela segunda morte”. Desde já eles têm a vida garantida para sempre. É a bem-aventurança prometida para aqueles que vivem sob a santíssima vontade do Senhor<sup>722</sup>.

No Cântico, visto à luz da teologia bíblica, Francisco se nos apresenta como um homem que, tendo reencontrado a inocência, soube contemplar a alegria e a glória futura da criação redimida. O Cântico nos parece não somente pneumático, como também profundamente profético e escatológico<sup>723</sup>. Para o santo de Assis a Escritura Sagrada se define como uma pedagogia divina. Nela e com ela Francisco cresceu até à maturidade da doação da própria no amor. Através da Sagrada Escritura Francisco atingiu a união com Deus e a contemplação mística, neste contexto escreveu são Boaventura:

Por isso a Escritura Sagrada, dada pelo Espírito Santo, assume o livro da criação e o refere ao dim, segundo o modo tríplice de entendê-lo, para que, pela tropologia tenhamos o conhecimento do que se há de fazer varonilmente; pela alegoria, do que se há de verazmente crer; e, pela anagogia, do que se há de desejar deleitavelmente, a fim de que, purificados pela operação virtuosa, iluminados pela fé radiante e perfeitos pela caridade ardentíssima, cheguemos enfim ao prêmio da eterna felicidade<sup>724</sup>.

Desta forma Francisco aproxima-se da Sagrada Escritura não com a mentalidade do estudioso, mas com a do crente que está em busca da vontade de Deus, para conformar-se em tudo e por tudo a ela. Não é esta a atitude de um momento, mas a atitude constante de toda uma vida, que muito bem recolhe o Cântico.

<sup>721</sup> Consideremos que no final do Apocalipse, e somos compelidos a crer que Francisco compreende o quanto o tema da ‘nova criação’ adquire matizes importantes. Quem pôde criar, sem esforço aparente, uma primeira terra onde o sentido se abre caminho em forma dolorosa, para se corromper depois, não oferece como compensação o prêmio de um ‘céu’, de um mundo diferente daquele em que se procurou afanosamente a significação e os valores do ser humano. O que o Criador prepara para o ser humano com a ‘nova criação’ é uma nova terra. Cf. SEGUNDO, J.L., *O homem de hoje diante de Jesus de Nazaré*. Cristologia. II/II. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 374-375.

<sup>722</sup> Cf. MESTERS, C.; OROFINO, F., Apocalipse de São João. *Op. Cit.* p. 330-331.

<sup>723</sup> “O ‘servo escatológico é denúncia viva de toda mentalidade de dominação” POMPEI, A., *Novíssimos*. In: *DF*, p. 482.

<sup>724</sup> BOAVENTURA, S., *Breviloquium*, prol. par. IV, 5. In.: *Escritos filosóficos –teológicos*. Trad. Luís Alberto de Boni-Jerônimo Jerkovic. *Op. Cit.*, p. 77.

Uma vez que o modelo de perfeição proposto ao ser humano é o Cristo pobre e crucificado no qual se manifesta o amor do Pai para conosco, todas as coisas criadas nas quais se revela e se manifesta a presença do “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor”, o próprio Deus são ocasião de retomada do caminho para Cristo, e por meio de Cristo, rumo ao Pai. A experiência dos valores criaturais continua, por isso, sendo uma experiência mística, porque as criaturas e mesmo todo o criado, no qual se desenrola a existência temporal do ser humano, nada mais são do que irradiação do Amor divino, semente e palavras de uma misteriosa presença. De múltiplas maneiras a mística de Francisco leva a descobrir nele a imagem divina e aí instaurar a misericórdia na fragilidade, a enfermidade e a dor.

#### 4.5.

#### **O Cântico do homem atribulado: a história externa do Cântico das Criaturas**

Os movimentos de reforma popular cristã tendem em certo senso a desencarnar a fé cristã, a refutar a realidade do mundo, qualificando-o de perverso para exaltar Deus como única realidade válida e sublime<sup>725</sup>. A novidade, com a poética do Cântico, a grandeza e originalidade de Francisco é naturalmente aquela de ter composto uma obra literária, em plena consciência, no contexto analisado no início do segundo capítulo.

Numa consonância perfeita entre a linguagem das palavras escritas e ação vivida, corresponde o Cântico. Digamos também que este se sobressai entre as obras de Francisco por uma série de características que não se pode deixar de colocar em evidência, como faremos ao descrever as circunstâncias que caracterizaram o seu nascimento.

Importante analisar o contexto da origem imediatamente, sua gênese na cidade de Assis, descreveremos as circunstâncias mais precisas da origem do Cântico em louvor às criaturas, o Cântico à vida. Passaremos a discorrer sobre

---

<sup>725</sup> “Para os cátaros (“os puros”: katharoi) existem desde sempre dois princípios, aquele do bem e aquele do mal. De Deus, princípio do bem, vem tudo o que é luz e espírito. O princípio do mal é um demônio ou o deus malvado do Antigo Testamento;. Ele criou tudo o que é matéria e trevas e reina sobre todo o mundo material”. Cf. HOURDIN, G., Francesco, Chiara e gli altri. *Op. Cit.* p. 101.

o *sitz im leben*<sup>726</sup>, a situação vital sua efervescência no inquietante espírito de Francisco e a influência do ambiente vital sobre o processo de criação do Cântico<sup>727</sup>.

O texto da CA guarda o testemunho dos primeiros frades: “Nós que vivemos com ele”, os irmãos conservaram a lembrança da alegria interior e exterior de Francisco: “o víamos alegrar-se sempre... em quase todas as criaturas, tocá-las e vê-las com tanto prezar que seu espírito parecia não estar na terra, mas no céu”. Neste mesmo parágrafo os irmãos narraram aos compiladores, o quanto Francisco permaneceu até o fim da sua vida dedicado a todas as criaturas sua vida como um canto de louvor ao Criador, que:

É manifesto e verdadeiro, porque, por causa das muitas consolações que teve e tinhas nas criaturas de Deus, pouco antes de sua morte, compôs e fez alguns Louvores de Deus pelas suas criaturas para incitar ao louvor de Deus os corações dos que os ouviam e para que o Senhor fosse louvado por todos nas suas criaturas (CA 88,9).

As circunstâncias do nascimento do Cântico são marcadas pela doença que exige a volta de Francisco para Assis. Sua aguda percepção da criação, seus sentimentos recolhidos na sua cidade, a certeza da eminente despedida de todos os irmãos e irmãs criaturas, suscita a síntese do pensamento que vinha guardando sob o olhar amoroso, mas fatigado e atribulado, a construção do último hino de louvor<sup>728</sup>:

Os últimos anos de vida de Francisco foram toldados pela doença, mas a eles pertencem muitas das histórias mais características de seu heroísmo e ensino, reunidas pelo irmão Leão e outros fiéis companheiros<sup>729</sup>.

O Cântico não é inspirado por um lugar geográfico tem sua origem a partir de dentro do íntimo homem espiritual, como uma nascente insipiente e pequena que se foi formando continuamente, na constância do seu preciso estado de ânimo e de alegria, constituindo parte da mística do louvor vivencial,

<sup>726</sup> A situação real em que surge o texto, em que se efetua a unidade da composição. A situação concreta e única de Francisco naqueles últimos momentos conflituos mas de aguda e profunda síntese espiritual, como quem recolhe da vida passada, usando a memória atualizada, para compor o seu último e mais transparente salmo de louvor ao Altíssimo e bondoso Criador. Cf. *Sitz im leben*. In.: *DET*, p. 431.

<sup>727</sup> Para compreensão apurada desta realidade, seu contexto, ver: BOMPIANI, A., Francesco e l'esperienza della sofferenza. In: VV. AA. *Le malattie di San Francesco d'Assisi*. Raccolta di Saggi. Lanciano: OG, 1984, p. 53-60.

<sup>728</sup> Cf. ENGLEBERT, O., Vida de São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 263-266

<sup>729</sup> Francisco de Assis. In: DIM. *Op. Cit.*, p. 158.

a ser característica da vida de Francisco: o cântico de louvor da maturidade, coroamento da sua opção por viver em profundo amor e fraternidade com todas as criaturas, como síntese da sua opção evangélica<sup>730</sup>. O Cântico é a síntese mais perfeita de sua personalidade<sup>731</sup> que, durante cerca de vinte anos, havia empregado todas as suas energias em fazer respeitar os direitos de Deus, dos seres humanos e de toda a criação<sup>732</sup>.

O período entre a estigmatização<sup>733</sup>, voltaremos ao tema, e a morte de Francisco caracteriza-se por progressivo agravamento dos diversos males, acrescido de rápido declínio de suas forças físicas. Frei Leão e frei Rufino e alguns outros frades temeram que a morte de Francisco estivesse próxima. “Ele é só pele e ossos”, disseram a um antigo cronista, e quando um deles observou que seria mais fácil sofrer um martírio rápido, Francisco teve de concordar. “Sofrer essa doença, mesmo por três dias, é mais duro para mim do que qualquer martírio”<sup>734</sup>.

Francisco está debilitado pelos sofrimentos causados pelas doenças, é admirável que ainda tivesse forças suficientes para aceitá-las, compreendendo-as como irmãs. Falava ao irmão corpo com a alegria do seu coração, com a sabedoria de um novo Jó<sup>735</sup>, como quem recebe acrescentado à sua pobreza as enfermidades: “Alegra-te, irmão corpo, e perdoa-me (cf. Jó 7,16), porque eis que agora faço de boa vontade teus desejos e apresso-me em socorrer as tuas lastimosas vontades”, diante desta ‘ironia’ santa, o biógrafo conclui: “O que poderia deleitar aquele pequeno corpo já extinto? O que poderia sustentá-lo, já

<sup>730</sup> Como a inspiração fundamental de Francisco é a partir do Evangelho, este amor e fraternidade aparecem com diversas características, entre as quais sobressaem a gratuidade, a persistência, a amplidão, a capacidade de sacrifício. São textos fundamentais: Jo 15, 9-17; 1Jo 4,7-21; 1Cor 13. Mas também Francisco tem presente que Jesus nos ama e se entrega por nós (2Cor 5,14-15; Rm 5,6-11) e que o amor fraterno é o preceito novo e supremo, e a síntese da Lei (Mt 12,31 par.; Jo 15). Cf. RNB 11,5.6.; 22,4; 2Fi 26; PN 5. 8.

<sup>731</sup> Para compreender a maturidade psíquica da personalidade de Francisco e o significado das suas enfermidades, Cf. ZAVALLONI, R., A personalidade de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 11-30; 86-88.

<sup>732</sup> Cf. MARCOANTONIO, A., El Cántico de las criaturas. In.: *CF* 121 (1998), p. 7.

<sup>733</sup> A experiência da estigmatização foi o ponto culminante da vida de Francisco. Pelas marcas dos estigmas, tornou-se um alter Christus, um segundo Cristo. Sua vida de seguimento de Cristo estava agora selada definitivamente. Transferiu-se para Deus por um êxtase de contemplação, e ficou como exemplo da perfeita contemplação. Por seu meio, e mais pelo exemplo que pela palavra, Deus convida todos os homens verdadeiramente espirituais a esse transcurso e êxtase da mente”. Itinerário da Mente para Deus. *Op. Cit.* VII, 4, p. 189.

<sup>734</sup> DONALD, S. Francisco de Assis. O santo relutante. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003, p. 291.

<sup>735</sup> O tema da gratuidade do amor de Deus constitui o eixo sobre o qual gira o significado último do acento colocado na prática evangélica de Francisco. Cf. GUTIÉRREZ, G. *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 43-45.

arruinado por todo lado? Francisco já havia morrido para o mundo, mas Cristo vivia (cf. Gl 2,19-20) nele” (2Cel 211, 13-16)<sup>736</sup>.

O biógrafo Celano descreve, no contexto da narrativa das enfermidades de Francisco, na antevéspera da composição do Cântico, - como quem gesta um acontecimento vital ou obra definitiva – como o santo conservou com alegria no seu íntimo o que fora confiado e prometido pelo Senhor por suas enfermidades. E o homem de Assis compreende que as enfermidades são para ele motivo de perfeita purificação para sua travessia, seu trânsito para a Vida Nova no Senhor, o céu, como retribuição dada pelo Altíssimo:

Estando ele assim desgastado por sofrimentos de todos os lados, é admirável que ainda pudesse ter forças suficientes para suportá-los. Chamava, no entanto, suas angústias não com o nome de penas, mas de irmãs. Não resta dúvida que elas provinham de muitas causas. De fato, para que ele se tornasse mais claro nos triunfos, o Altíssimo não só confiou coisas difíceis ao cavaleiro em seu tirocínio, mas também era dada ocasião de triunfar ao homem já experimentado na cavalaria. (2Cel 212)<sup>737</sup>.

Celano captou em Francisco o espírito do homem atribulado que a partir do sofrimento, descobre uma linguagem apropriada sobre Deus. De outro modo poderia cair na resignação impotente, na religião interessada e calculista, na atitude cínica e que esquece com facilidade a dor do próximo, a dor do mundo. Manteve-se íntegro, disposto a encontrar um caminho para ‘falar’ de Deus. Com alta qualidade humana e religiosa leva muito a sério a presença do sofrimento bem como a dificuldade para entendê-lo, na aceitação das enfermidades nomeando-as num exercício interno de fraternidade íntima de irmãos e irmãs. Sua decisão de busca – que já é um dom do Senhor – o leva a atravessar um campo de batalha pessoal<sup>738</sup>.

O empenho pessoal e a confiança de Francisco em Deus o impelem a amanhecer e caminhar por rotas que desafiam a teologia de seu tempo. As pessoas contemporâneas a Francisco, os filhos e filhas da Idade Média não amam a natureza nem nutrem por ela sentimento idílico e compreende-se muito

<sup>736</sup> Cf. SCHMUCKI, O. Le malattie di Francesco durante gli ultimi anni della sua vita. In: *Francesco d’Assisi e Francescanesimo dal 1216 al 1226*. Atti del IV Convegno Internazionale. Assis, 15-17 outubro. Assis: SISF, 1977, p. 317-362.

<sup>737</sup> 2Cel 212.

<sup>738</sup> Francisco proclama a beleza de Deus. Procura palavras para expressar seu encantamento. Ao escolher palavras com que narrar em Louvores, no seu íntimo de sofrimento, sua angústia se dissipa e já respira melhor. Cf. LONGPRÈ, E., *Francesco d’Assisi e la sua esperienza spirituale*. *Op. Cit.*, p. 224-5; PRADO A. *Oráculos de Maio*. *Op. Cit.* p. 83.

bem por quê: o ser humano medieval vive quotidianamente a sua luta contra uma natureza exuberante, forte, áspera, que é preciso controlar e submeter, compreendido como atos heróicos<sup>739</sup>. Mas, o poeta do Cântico descobre da mão de Deus Criador as vias para discorrer sobre Ele o “Altíssimo, Onipotente, bom Senhor (Cnt 1)”<sup>740</sup>.

Portanto, quando atormentado mais terrivelmente, mais que de costume por causa dos graves e diversos sofrimentos de suas enfermidades, Francisco começa a compadecer-se de si mesmo no íntimo do coração, uma alegria tomou conta da sua razão<sup>741</sup>. Reconstrói seu pensamento e a memória faz síntese da pregação vivida. Assim se prepara para criar a composição mais radical, por força da simplicidade do seu ser absorto, agradecido ao Altíssimo.

Sobre as enfermidades que Francisco teve que suportar, por ele chamadas de “irmãs”, escreve o estudioso Leonhard Lehmann:

Sofria desde a juventude de uma malária crônica que lhe provocava tremores de frio, náusea e dor de cabeça. Contraiu no Oriente uma doença dos olhos. Sofreu de anemia, de úlcera no estômago e do intestino. A essas dificuldades de saúde juntou-se, no outono de 1224, a impressão dos estigmas, que o impediam de andar; e a tudo isso somavam-se as fortes tensões dentro da Ordem, onde começava a se manifestar uma rejeição cada vez mais forte ao estilo de vida proposto por Francisco. É claro que esses problemas repercutiam negativamente na sua fibra já fraca, levando-o a um estado de profunda prostração e cansaço físico e moral<sup>742</sup>.

Assistimos o retorno de Francisco a Assis. Por dois anos retornou às lembranças mais belas do seu passado. É reconhecido por todos neste momento como um santo vivente, verdadeiramente. As doenças se agravavam. A oftalmia – inflamação dos olhos - de Francisco aumenta<sup>743</sup>. Ele se sente

<sup>739</sup> Para compreender a experiência ‘diferente’ de Francisco, seu contexto histórico, o seu rompimento espontâneo, mas definitivo dentro da mentalidade usual, Cf. CARDINI, F., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 184.

<sup>740</sup> Cf. ESSER, K., *Gli Scritti di S. Francesco d’Assisi*. *Op. Cit.* p. 155; FUMAGALLI, E., *San Francesco il Cantico, el Pater noster*. *Op. Cit.* p. 35-50; MERLO, G.G., *Tra eremo e città*. Studi su Francesco d’Assisi e sul francescanesimo medievale. Assis: Porziuncola, 1991, p. 58-68;

<sup>741</sup> Citaremos um exemplo surpreendente: Teresa de Lisieux fala da noite profunda, “a noite do nada” pela qual passou, e escreve pouco antes de morrer: “A imagem que eu quis dar às trevas que obscurecem minha alma é tão imperfeita como um esboço comparado a um modelo. Não obstante, não quero continuar escrevendo. Temeria blasfemar... Tenho, inclusive, medo de ter dito mais que devia...” *Manuscrits autobiographiques*, Carmel de Lisieux, 1957, p. 252-253. *Apud.* por GUTIÉRREZ, G., *Falar de Deus a partir do sofrimento do inocente*. *Op. Cit.* p. 99.

<sup>742</sup> LEHMANN, L., *Francisco mestre de oração*. *Op. Cit.*, p. 215.

<sup>743</sup> “Francisco então foi acometido de agravamento do tracoma que tinha contraído no Oriente Médio”. SCHMUCKI, O., *Gli ultimi due anni di san Francesco d’Assisi e il rinnovamento della nostra vita*. In: *Laurentianum*, 17(1976), p. 209.

desfalecer. Percebe que a morte aproxima-se<sup>744</sup>, se sente consolado por Deus Altíssimo com os retornos paradisíacos da vida eterna, da qual lhe foi dada certeza, revendo na nascente poesia italiana os elementos fraternos da criação, vendo a bem-aventurança da tribulação suportada em paz, e para as irmãs pobres, “fatigadas” pela enfermidade, a bem-aventurança da vida vivida em verdade, prelúdio da morte em obediência<sup>745</sup>.

Francisco não é um escritor no sentido profissional. Falta-lhe uma cultura sistemática, seja sacra, seja profana, tanto que ele mesmo se compreende pessoalmente como um “idiota”<sup>746</sup>. Nele, porém transbordava uma sabedoria não adquirida, que lhe permitia de penetrar “o significado mais agudo recôndito dos mistérios” e de alcançar com o seu “intelecto de amante” aquilo que permanecia inacessível à ciência dos mestres<sup>747</sup>.

O santo de Assis jamais perde a alegria, é extremamente alegre como desde sua conversão, confirmam os biógrafos, malgrado os seus tormentos (cf. 2Cel 211, 13; 213,5). E como acontecia sempre que o seu coração era dilatado pela ideia da felicidade celeste, Francisco cantou. Depois de uma noite de sofrimentos e de dúvidas Francisco vai compor o seu cântico mais jubiloso: o Cântico. Nesse momento, uma incontida alegria irrompeu de Francisco. Fez-se dia em sua noite escura, como percebe Juan Martín Veslasco: “das profundezas do manancial que alimenta a alegria franciscana é indício claro o fato de ela

<sup>744</sup> “A razão pela qual Deus, o Criador, não é obrigado a conceder a seus santos uma vida confortável nem uma tranquila comodidade, é simplesmente porque, na perspectiva do desígnio criador, o término da criação não está neste minúsculo planeta, que não é mais que um laboratório, porém muito mais adiante. O Reino que Deus, o Criador preparou para quantos o amam”. TRESMONTANT, C., *La mística cristiana y el porvenir del hombre*. Barcelona: Editorial Herder, 1980, p. 90.

<sup>745</sup> Cf. BATTAGLIOLI, V., Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 445

<sup>746</sup> Test. 19: “idiotae”, “simples, iletrados, pessoas que não possuem cultura”. *Fonti Francescane*. Nota 4 (p. 132). Francisco fala de si mesmo como de homem ‘simples e iletrado’ (VPA1), ‘simples e enfermo’ (Test. 29), ‘ignorante e iletrado’ (CtOr 39), ‘iletrado e submisso a todos’ (Test. 19). Levando-se em conta a sua matriz bíblica, os apelativos ‘simples e iletrado’ evidenciam um aspecto particular da fisionomia espiritual de Francisco evangelizador. Ele não se cansa de reconhecer-se no número daqueles ‘que não sabem letras’ (RB 10,7), isto é, daqueles que não são peritos na arte da eloquência. De fato, há nele uma certa semelhança com Cristo, do qual os judeus se maravilhavam que conhecesse as Escrituras sem tê-las estudado (cf. Jo 7,15), e com os Apóstolos que os chefes do povo reconhecem como pessoas ‘sem instrução’ (sine litteris) e homens do povo (idiotae) (At 4,13). Cf. CONTI, M., *Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das Origens*. *Op. Cit.*, p.66.

<sup>747</sup> Cf. 2Cel. 102: “Frequentemente resolvia por palavras as dúvidas das questões e, embora imperito nas palavras, exprimia com clareza a compreensão e a força delas”. Sobre este tema, Francisco escritor e seus Escritos, remetemos à introdução de BLASUCCI, A.; CALATI, B.; GRÉGOIRE, R., *La spiritualità del medioevo*. *Op. Cit.*, p. 266-267.

resistir a formas muito agudas de sofrimentos físicos e resistir inclusive à noite escura”<sup>748</sup>.

O Cântico místico é o símbolo da total reconciliação, da superação de todas as contradições e a máxima realização do ser humano com o cosmos e com Deus Altíssimo. É o Cântico de luz que surge de uma noite escura do corpo e da alma. Emerge das profundezas de uma existência que foi se erguendo, sofrida e atribulada, como um botão que busca, insaciável, no meio da mata escura, a luz do sol. É expressão de um universo reconciliado que se configura dentro do coração do poeta místico<sup>749</sup>.

O canto libertava-o, abria seu espírito ao maravilhoso, restituía-lhe a juventude e a alegria do coração. Entregue ao amor de Deus, Francisco vislumbrava a bondade de Deus não só na sua alma, mas também em qualquer criatura. É sabido que Francisco gostava de comparar-se à cotovia dos campos:

Dedicava especial e entranhado amor às criaturas, sobretudo àquelas nas quais via algo referente a Deus ou à religião. Daí que, entre todas as aves, amava especialmente uma avezinha chamada cotovia, vulgarmente chamada de cotovia de capuz. Dela dizia: A irmã cotovia tem um capuz como os religiosos e é uma ave humilde, porque de bom grado anda pelo caminho à procura de algum grão e, mesmo que o encontre no esterco, o retira e o come. Voando, louva o Senhor muito suavemente, como os bons religiosos que desprezam as coisas terrenas, cuja morada está sempre nos céus e a intenção é sempre o louvor de Deus (EP 113).

O Cântico chama atenção por sua profunda inspiração e exemplar originalidade. Composto no momento do mais agudo sofrimento causado pelas enfermidades e pela meditação da morte que se aproxima, exprime uma radical e incontestável profunda e entusiasmada adesão ao mundo criado, e à própria matéria; é um sim ao esplendor do universo, transparente afirmação do valor dos seres e das coisas, que todos recebemos no universo e que nos vieram das mãos do Criador<sup>750</sup>.

Desta vez compôs ele mesmo as palavras de um hino de agradecimento que lhe saía naturalmente, espontaneamente, com uma grande força de contemplação da vida, do seu coração aos lábios: o Cântico com e por todas as criaturas feito a grande ação de graças, como um grito de louvor diante de

<sup>748</sup> VELASCO, J.M. Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração. *Op. Cit.* p. 68.

<sup>749</sup> Cf. BOFF, L. Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 57-58.

<sup>750</sup> Cf. LECLERC, É., Canto. In.: *DF*, p. 74.

Deus pelo seu esplendor inesgotável do universo saído do seu Ser. E assim como Francisco era pleno de poesia bíblica, este Cântico recorda alguns Salmos. O Cântico reabilita, com sua inflexão extraordinária de encarnação a realidade cotidiana, - o olhar para fora que tudo penetra e tudo contempla como bom e alegre servir ao criador -, a religião da Idade Média, estupenda certo, mas também desfigurada por um terrorismo de culpabilidade extrema. Francisco continua ainda a viver e na sua cabana, onde faz pregações no pequeno claustro do Convento de São Damião onde havia começado a sua vida de conversão. Ali cantará com seus frades, com Clara e suas irmãs o hino da criação. Síntese amorosa e agradecida ao Criador<sup>751</sup>.

Caminha quase cego em direção ao fim daquela extraordinária aventura que tinha sido a sua vida. É neste momento que decide ficar em São Damião. Ali, no pequeno convento está Clara e suas irmãs<sup>752</sup>, vendo mentalmente o ícone do Crucificado<sup>753</sup> em Francisco, emulando com ele na penitência alegre e contemplativa. Francisco sentiu que era propriamente em São Damião, próximo à Clara, aquela mulher forte, companheira fiel, confidente, contemplando o espelho que ela lhe havia oferecido como perfeita vivência da radicalidade do carisma iniciado por ele, ali na companhia de Clara, ele haveria de encontrar a força necessária para bem aceitar os últimos meses da sua vida terrena<sup>754</sup>.

Sem dúvida há unidade literária, uma composição unitária, que nasce do espírito de Francisco, não da coerência interna que preside ao Cântico. As hipóteses existentes quanto às etapas da composição são verificadas em três circunstâncias, com versos distintos quanto ao conteúdo temático tratado, em partes que se unem sob o desenho de uma única linguagem literária, o que,

<sup>751</sup> Cf. HOURDIN, G., Francesco, Chiara e gli Altri. *Op. Cit.* p. 200-201; JOERGENSEN, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 380-381, ao comentar o Cântico descreve as circunstâncias do nascimento da ‘obra-prima’ de Francisco, em síntese: “Contudo foi ali, sobre aquele mísero estrado, entre as trevas da cegueira e entre os mais aborrecidos tormentos a ele causados pelos ratos, que Francisco compôs a sua esplêndida obra-prima, “O hino do irmão Sol”.

<sup>752</sup> Santa Clara, já quase no céu pelas penitências, está enferma desde o tempo dos estigmas de Francisco e a sua pobreza é a sua verdade de amor. Sobre o estado de enfermidade e suas forças espirituais: ZAVALLONI, R., A personalidade de Santa Clara de Assis. *Op. Cit.* p.187-190.

<sup>753</sup> “Agora já não podia ver o crucifixo cujo olhar sereno o emocionara tanto, nem os contornos da pequena igreja que com tanto amor renovara”. DONALD, S., Francisco de Assis. O santo relutante. *Op. Cit.* p. 291.

<sup>754</sup> Cf. HOURDIN, G., Francesco, Chiara e gli Altri. *Op. Cit.* p. 198.

portanto, não contradiz a sua unidade estética, porque esta se recupera na tensão poética de Francisco.

O Cântico é uma obra concebida orgânica e coerentemente concebida do princípio ao fim. A exaltação do Criador por causa das suas criaturas tem uma sua conclusão lógica e precisa, não são dialética e liricamente necessárias nem a passagem à paz e àqueles que perdoam por amor de Des nem a passagem da paz à morte. Há, sem dúvida, unidade, mas esta nasce do espírito místico de Francisco, não da coerência que preside ao nosso hino em estudo, mesmo esta sendo real e comprovada<sup>755</sup>.

Francisco deixa cantar no seu mais íntimo a beleza do que não possui, pois é o pobre mais pobre. Deixa, aquilo que não pode mais ver, contemplar seu coração:

Na sua própria dor o homem se sente curado porque é acolhido no universo dos humanos. Quem fez a totalidade desta experiência de transcendência e transcendência como Francisco pode, no fundo do coração, cantar o hino a todas as criaturas, porque se debruçou sobre todas, como sobre uma fonte, e as ouviu cantar<sup>756</sup>.

E é precisamente quando mais padecia com os sofrimentos físicos e com a prova moral de ver seu ideal adquirir uma evolução, orquestrada por seus irmãos, jamais sonhada no seu coração de ‘irmão menor’, que compôs o Cântico, seu poema mais expressivo. Cego, não pode mais ver a luz do dia, mas entoava a grande ação de graças pelo sol, o símbolo da glória do Altíssimo, junto com todas as criaturas.

#### 4.5.1.

#### **Francisco de Assis estigmatizado sob o impacto místico da paixão do Senhor**

Ter atraído Francisco para algumas quaresmas<sup>757</sup> no Monte Alverne<sup>758</sup> serve ao Senhor para familiarizar o místico de Assis com aquele lugar, como

<sup>755</sup> Cf. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 290.

<sup>756</sup> BOFF, L., São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. *Op. Cit.*, p.39.

<sup>757</sup> Especificamente duas quaresmas interligadas, a de Santa Maria e a de São Miguel. Cf. 1Cel 91,b.

<sup>758</sup> O Santuário do Monte Alverne é um promontório isolado que faz parte de uma das seqüências montanhosas dos Apeninos, a 1283 metros de altitude e a meia distância entre

lhe tinha acontecido por mais tempo na capela de São Damião. A identificação do lugar coincide com a preparação de si que Francisco efetua incansavelmente, mortificando-se no corpo, tratando-o sempre como irmão burro, e libertando-se no espírito, sempre ecoando mais o cântico das palavras de Deus e cada vez mais atento ao mover-se da brisa do Espírito.

Francisco percebe que está para receber um dom supremo, que o assemelharia à glorificação do Crucificado<sup>759</sup>. E na festa da Exaltação da Santa Cruz, Francisco, perdido no amor, “voltado o rosto para o oriente, ora” e se encontra com o Serafim resplandecente, que voa até ele e lhe sorri. Sente a alegria daquela beleza e daquele sorriso e, ao mesmo tempo, a dor de vê-lo na cruz. Sente que o ícone que desde São Damião traz na alma se tornou vivo, tornando solar aquela noite<sup>760</sup>.

Ele está todo em Cristo e todo acima de si mesmo. A noite ofuscante o envolve<sup>761</sup>. Nessa noite feita de luz solar, Francisco ouve Cristo dizer-lhe muitas coisas secretas, ente as quais a de fazê-lo participante de sua qualidade redentora. Quando a visão desaparece, sente no corpo os sinais maravilhosos da paixão de Cristo: sente e ainda vê os sinais dos cravos, do mesmo modo que ele tinha visto no corpo de Jesus Cristo crucificado.

Na manhã de 14 de setembro de 1224 os céus se abrem e Cristo crucificado desce ao Monte Alverne na forma de um serafim, todo o Monte parecia arder em chamas esplendíssima, a qual resplendia a iluminava todos os montes e vales, como se fosse o sol sobre a terra. “Sabes tu, disse Cristo, o que fiz? Dei-te os estigmas que são o sinal de minha paixão, a fim de que sejas meu gonfaloneiro” (CSE 3)<sup>762</sup>.

---

Assis e Florença. A essa grandiosa solidão quaresmal se acolheu repetidamente Francisco, para aí se entregar à penitência e contemplação de Deus. O Monte Alverne ficou sendo um dos ‘lugares santos’ do franciscanismo. Para aprofundar a sua história ver: URIBE, F., *Pelos caminhos de Francisco de Assis*. Op. Cit. p. 235-252.

<sup>759</sup> Cf. Fior: “Dos sacrossantos estigmas de São Francisco e de suas considerações”. (FF. p. 1585-1615).

<sup>760</sup> Em São Damião, quase cego e consumido pelas enfermidades do corpo, saboreia a verdadeira alegria.

<sup>761</sup> Foi a noite do primeiro estigmatizado da história. Cf. BATTAGLIOLI, V., *Francisco de Assis*. Op. Cit. 444.

<sup>762</sup> Para um aprofundamento sobre os estigmas de Francisco: BARFUCCI, M.B., *Estigmas*. In.: *DF*, p. 216-223.

Francisco, de corpo ensanguentado e atormentado pelos cravos e pelas enfermidades, que, depois da estigmatização<sup>763</sup>, arrasta infatigável seus dias para a glória, nos dois anos seguintes de sua vida<sup>764</sup>. Nestes dois últimos anos unifica todas aquelas expressões vitais que até então lhe tinham sido dadas: vê, ouve, pratica, escreve, sofre, se alegra, canta, sempre amando a maravilha de ser crucificado com Cristo, de conhecer verdadeiramente Cristo pobre e crucificado. Dois anos de vida para levar seu amor ao mundo através da dor e do amor, uma só realidade expressa no seu Cântico<sup>765</sup>.

Os traços da vida de seguimento se convertem em Francisco em traços peculiares e em sinais de identidade e autenticidade da experiência franciscana de Deus. Jesus é posto ao centro não somente da vida sobrenatural, mas de toda a vida de toda atividade que pulsa e opera no universo. A característica essencial da vida cristã, assim como viveu Francisco e como a compreendeu a Escola Franciscana<sup>766</sup>, é aquela de ser, mais que um esforço, um abrir-se absoluto para o seguimento de Jesus: A mística franciscana se compendia em um extremo, total e absoluto seguimento de Cristo<sup>767</sup>, sobre este seguimento de Francisco passaremos a analisar a seguir, compreendendo esta adesão radical nos eixos da pobreza evangélica sob uma obediência radical à iniciativa e mandato do Senhor. Como também outras expressões axiais da mística de

<sup>763</sup> Sobre a data que Francisco recebe os estigmas (chagas), a Cronologia das Fontes Franciscanas descreve: “Entre 15 de agosto e 29 de setembro de 1224, Francisco dirige-se ao Monte Alverne com Frei Leão e Frei Rufino a fim de fazer uma quaresma de oração e jejum em honra de São Miguel. Na proximidade de 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, Francisco tem a visão do Serafim alado e crucificado e recebe os estigmas”. Fontes Franciscanas e Clarianas. *Op. Cit.* p. 87.

<sup>764</sup> Na oração de Francisco procura e ama de preferência a humanidade crucifixa de Jesus Cristo. Depois de dezoito anos de seguimento do Senhor, ele deseja uma ‘imitação’ que não poderia conseguir com a sua própria vontade: a crucifixão. E houve os estigmas. Com este selo impresso nos membros de seu corpo, a piedade franciscana entrava sempre mais profundamente na concepção paulina: Cristo, cabeça da Igreja, cada membro do seu corpo místico, destinado a completar em si a sua paixão. Francisco realizou sensivelmente, por dois anos plenamente, esta participação à redenção, à qual todos os seres humanos são chamados, e com o exemplo admoestou os fiéis volver todo o desejo a um centro único: Cristo e o Cristo crucificado. Cf. GEMELLI, A., *Il francescanesimo*. Milão: edizioni O.R., 1979, p. 444-445.

<sup>765</sup> Os lugares de Francisco se refletem uns nos outros: São Damião, onde Cristo crava em si os inferos e os redime com seu sangue; o Monte Alverne, onde ele reaparece, ainda crucificado, mas luminoso como o sol que ilumina montes e vales. Cf. BATTAGLIOLI, V., *Francisco de Assis*. *Op. Cit.* 445.

<sup>766</sup> Inúmeras são as obras sobre a Escola Franciscana, citamos dois manuais, recentemente publicados em tradução brasileira com vasta bibliografia: MERINO, J.A., FRESNEDA, F. M., (org.). Manual de teologia franciscana. *Op. Cit.*; 2005; Id., *Manual de Filosofia Franciscana*. Petrópolis: Vozes-FFB, 2006.

<sup>767</sup> Cf. ZAVALLONI, R., *Giovanni Duns Scoto*. Maestro di vita e pensiero. S. Maria Degli Angeli: Porziuncola, 1993, p.108.

Francisco, estas expressões são causais e fundantes da fraternidade mística do santo de Assis.

A fim de coligir os aspectos essenciais e o dinamismo próprio dos termos e a riqueza que encerram para compreender a mística de Francisco, é indispensável recordar brevemente sua história, que suscita evocações bem precisas. É, o Cântico, um hino composto, parte por parte, num itinerário de conquista e de vitórias sobre si mesmo e os últimos acontecimentos. Os tribulações da vida, do ambiente, da experiência religiosa transformam-se louvor na experiência mística de Francisco<sup>768</sup>. Passaremos a verificar melhor esses interligados e profundos momentos da composição do Cântico.

#### 4.5.2.

#### O Cântico das Criaturas no Convento de São Damião 1-9

O contexto vital em que Francisco compôs o Cântico é de um sofrimento inaudito naqueles dois últimos anos da sua vida em Assis, como já acentuado e voltaremos a acentuar. Sua amiga, discípula e companheira Clara de Assis construiu, com suas irmãs, para ele uma choupana junto ao Convento de São Damião para melhor cuidar de Francisco, que já estava quase cego e muito doente. Considerando o bem-aventurado Francisco que tinha tantas tribulações, moveu-se de piedade para consigo mesmo a rezar: “Senhor, vinde em meu auxílio” (cf. Sl 70,12) em suas enfermidades, para que pudesse tolecar com paciência aquele momento, ainda rezando é confortado em espírito pelo Senhor: “Portanto, irmão, alegra-te e rejubila-te bastante em tuas enfermidades e tribulações, porque doravante deves considerar-te tão seguro como se estivesses em meu reino” (CA 83,18)<sup>769</sup>.

A data mais provável de composição desta primeira estrofe, a mais longa do Cântico das Criaturas seria entre o inverno e o verão<sup>770</sup>. Também Kajetan Esser, na sua obra crítica sobre os Escritos de Francisco confirma esta data<sup>771</sup>. O estudioso do franciscanismo Ezio Franceschini confirma: “No verão de 1224

<sup>768</sup> Cf. MAZZUCO, V., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 110.

<sup>769</sup> Cf. BERTELLI, G. A., *O cuidado responsável pela criação na figura de São Francisco de Assis*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 2001, p. 49-50.

<sup>770</sup> Cf. Fontes Franciscanas e Clarianas. p. 18. O historiador franciscano BARGELLINI, P., também confirma que seja esta mesma data da origem do Cântico. *Op. Cit.* p.137.

<sup>771</sup> Cf. ESSER, K., *Gli Scritti di S. Francesco d'Assisi*. *Op. Cit.* p. 160.

Francisco sob ao Monte Alverne onde recebe os estigmas<sup>772</sup>. Retorna a Assis, estigmatizado<sup>773</sup>, onde compõe o Cântico das Criaturas<sup>774</sup>.

Portanto, a primeira parte do Cântico é composta no Convento de São Damião<sup>775</sup>. Clara fez construir no jardim do mosteiro de São Damião uma cabana de palha e barro, semelhante aquela onde ele havia sempre continuado a morar depois da conversão. Francisco permaneceu com Clara e suas irmãs por mais de 50 dias<sup>776</sup>. Ele sofria muito. Os seus olhos não podiam suportar nem a doce lua do dia, nem a luz do fogo. Cego e sem forças, Francisco ditara o Cântico<sup>777</sup>. Dorme agora menos porque uma quantidade incrível de ratos havia invadido o jardim de São Damião onde se encontrava a sua pobre habitação. A invasão de São Damião por parte dos ratos é compreendida pelos frades como uma tentação diabólica. Mesmo Francisco se deixa convencer no seu espírito debilitado que isto era um sinal da condenação dos seus pecados, que poderiam não ser perdoados<sup>778</sup>. Torna-se feliz quando um sonho lhe assegura mais uma

<sup>772</sup> “Devemos perguntar, questiona com propriedade o estudioso da teologia mística, Josef Sudbrack, especialmente, sobre os ‘fenômenos extraordinários’ significativos da mística, até que ponto eles refletem situações naturais, de um mundo interior, apesar de frequentemente nós os chamarmos de ‘sobrenaturais’. Os estigmatizados, portadores das feridas de Jesus, surgiram primeiro como fenômenos ‘místicos’, com Francisco de Assis, e refletem fisicamente o amor deles por Jesus. Eles têm relação com a intimidade que se torna concreta, e que é a mentalidade da Idade Média”. SUDBRACK, J., *Mística. A busca do sentido e a experiência do absoluto. Op. Cit.*, p. 115.

<sup>773</sup> “E os estigmas refulgiam exteriormente na sua carne, porque a raiz tinha crescido profundamente no seu espírito” 2Cel 211,18. “Nas seis asas do Serafim, que apareceu a São Francisco, vê simbolizados os degraus da ascensão até Deus – o Itinerário da mente para Deus – e propõe a todos a subi-los, de modo a chegarem também, como São Francisco, ao próprio êxtase mental e místico”. PINHEIRO, A. S., Introdução. In: Boaventura, São. *Itinerário da mente para Deus. Op. Cit.* p.32-33.

<sup>774</sup> FRANCESCHINI, E., *Nel Segno di Francesco*. Assis: Porziuncola, 1988, p. 52; No estudo introdutório às Fontes Franciscanas italianas, Stanislao da CAMPAGNOLA, afirma: “entre fins de 1224 e o início de 1225”, basicamente mantendo a mesma data do início da composição, de acordo com outros estudiosos. *Op. Cit.* p. 85.

<sup>775</sup> O Manuscrito 338 de Assis começa assim: “Incipiuntur Laudes creaturarum quas fecit beatus Franciscus ad laudem et honorem Dei, cum esset infirmus apud sanctum Damianum”. Claramente de acordo com as *Legendas biográficas CA 83 e EP 100*.

<sup>776</sup> “Ao permanecer aí acamado por cinquenta dias ou mais, o bem-aventurado Francisco não podia ver a luz do sol de dia nem ver a luz do fogo de noite, mas ficava sempre em casa e naquela pequena cela no escuro” CA 83, 8

<sup>777</sup> Cf. SILVEIRA, I., *São Francisco de Assis e “Nossa Irmã a Mãe Terra”*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 41

<sup>778</sup> No início do século XIII a obsessão pela salvação, a fé na realidade de um outro mundo, uma vez superada a porta misteriosa e a realidade da morte, eram assim totalmente forte, penetrava e assombrava toda a vida cotidiana. Num poema anônimo do século XIII que convida o ser humano a manter-se vigilante e preparado, a vida é comparada a uma teia de aranha que se estende ou se rasga. Fugaz e frágil, ela não pode se pôr em segurança. Logo após essa comparação, o autor – sem dúvida um monge – afirma: “Todo homem nasce neste mundo na aflição; e a vida humana é levada no sofrimento; no fim ela termina na dor da morte”. DELUMEAU, J. *O pecado e o medo. A culpabilização no Ocidente (séculos 13-18)*. Bauru:

vez que os seus pecados são absolvidos e que ele pode gozar dos tesouros da vida eterna, aos quais nenhuma riqueza da terra pode ser comparados.<sup>779</sup>

Depois da volta do Monte Alverne para Assis, Francisco é acometido de sério agravamento da doença dos olhos, o que o obrigou a ceder às insistências de Frei Elias e do Cardeal Hugolino para que aceitasse tratamento médico( cf. 1Cel 98; CA 82). Ao fim da sua estada em São Damião, quando acreditou oportuno despedir-se das Pobres Damas de São Damião, antes de ir para o vale de Rieti, a fim de submeter-se ao tratamento médico, é acometido de um ataque tão forte de oftalmia, que ali precisa permanecer, nestas circunstâncias ao imprevisto da debilidade física<sup>780</sup>.

Ele vive um momento de extrema angústia e doença. Sente ter chegado ao fim da vida. É então que ele tem a sua experiência máxima de Deus com uma visão deslumbrante do futuro, no qual acredita. Deus deu uma resposta, mostra-lhe que não iria para o inferno e que a humanidade e a história têm sentido. O santo de Assis tem uma experiência mística e holística que muda sua compreensão da realidade. Tal visão onicompreensiva do mundo é típica de toda visão mística. Sente-se libertar da angústia e salvo pela graça de Deus, encantado e deslumbrado pela beleza e pelo vigor das criaturas. A profunda alegria interior o fez prorromper no Cântico de louvor ao Altíssimo<sup>781</sup>.

Consideramos o acento feito na nota à introdução ao Cântico, das Fontes Franciscanas:

Quase moribundo, compôs São Francisco o Cântico das Criaturas. Até ao fim da vida queria ver o mundo inteiro num estado de exaltação e louvor a Deus. No outono de 1225, enfraquecido pelos estigmas e enfermidades, ele se retirou para São Damião. Quase cego, sozinho numa cabana de palha, em estado febril e atormentado pelos ratos, deixou para a humanidade este canto de amor ao Pai de toda a criação<sup>782</sup>.

O estudioso franciscano Del Zotto afirma, sem fazer alusão às fases, e sem entrar em detalhes quanto às enfermidades de Francisco, mas constitui um eloqüente, afetuoso e digno de mérito o seu testemunho:

---

EDUSC. 2003, p. 28. Para compreender todo o macabro e pessimismo da compreensão do mundo e do homem, o desvio que se produziu do temor de Deus (SI 128) ao medo de Deus. Especificamente o primeiro capítulo sobre o desprezo do mundo e do homem, p. 19-68.

<sup>779</sup> Cf. HOURDIN, G., Francesco, Chiara e gli Altri. *Op. Cit.* p. 199

<sup>780</sup> Cf. SCHMUCKI, O., Enfermidade. In.: DF, p. 184.

<sup>781</sup> Cf. JUNGES, J.R., *Ecologia e criação*. Resposta cristã à crise ambiental. São Paulo: Loyola, 2001, p. 60.

<sup>782</sup> EeB, nota 10, p 70.

São Francisco o compõe um ano antes de sua morte, em São Damião, num momento de intenso sofrimento físico e interior, depois de ter certeza de ser “cidadão do céu”. Ele pode ser visto como o canto dos eleitos, que é ao mesmo tempo palavra de Deus e voz humana, elaborada nas íntimas fibras do ser, para elevar-se exultante e puro até o céu da ressurreição e fundir-se com o “canto novo” dos “remidos da terra” (Ap 14,3) <sup>783</sup>.

O amor de Francisco pelas criaturas está impregnado de um desejo que faz com que ele sobrepuje a própria criatura: ama a luz, mas como reflexo da Luz eterna; ama a vida, mas como imagem da Vida divina; ama o belo, mas como sombra da Beleza sem mácula que é o próprio Deus, Francisco “exalta o Artífice e atribui ao Criador tudo o que descobre nas coisas criadas” (2Cel 165) <sup>784</sup>.

São Damião, naquela primavera de 1225, foi uma espécie de oásis de serenidade e de consolo. Não admira que Francisco evitasse excessivos contatos com Clara e com as ‘pobres damas’. Aquele lugar, aquela paz, aquele repouso proporcionaram um alívio e mesmo um prazer físico, tanto quanto o seu pobre corpo estigmatizado podia sentir, que ele, evidentemente, não experimenta há anos. Um alívio e um prazer tão puros e legítimos que comporta, todavia, sensações e recordações, que se fazem síntese em poema e canto, a mística do encantamento, o fim de um dilaceramento, sob a presença do Altíssimo, às criaturas todas do cosmos, o olhar e os cuidados da irmã Clara <sup>785</sup>.

Francisco é interprete que compreende a comunicação interna das criaturas, identifica sua linguagem e sua imagem de glória do Filho de Deus. Na verdade do corpo humano do Filho de Deus, Jesus, toda a criação tende a harmonizar-se com a beleza eterna da Arte eterna que é Jesus Cristo, portanto, todas as criaturas são seu coroamento e dele são grandiosa revelação e sinal digno de nota e cantam a sua glória no coração do enamorado Francisco e a terra se revela como mãe fecunda. Todos os elementos exprimem com vigor

<sup>783</sup> DEL ZOTTO, C.B., Criado. In.: *DF*, p. 125.

<sup>784</sup> Como um tempo novo, ao amanhecer de um dia atormentado, como numa revelação, mas assimilado todo sofrimento por amor ao Cristo Senhor, Francisco estava em condições de compreender este mundo, a partir de onde havia experimentado tão direta e concretamente a dor e a fragilidade do ser humano, como símbolo da luz de Deus, o santo pode louvar o Criador por todas as suas boas obras (cf. 2Cel 213). Cf. GERKEN, A. La intuición teológica de San Francisco de Asís. In: *SF* 68 (1994), p. 172.

<sup>785</sup> Cf. CARDINI, F., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 180-181.

sua última e profunda vitalidade. Todo o Cântico expressa um canto de louvor à vida, mas especialmente esta primeira parte.

### 4.5.3.

#### O Cântico das Criaturas no Palácio do Bispo de Assis 10-11

Esta segunda parte é composta no Palácio Episcopal de Assis<sup>786</sup>. Quando uma disputa violenta explodiu entre o bispo Guido, e o *podestà*<sup>787</sup> – o prefeito/governador da cidade - de Assis, Opórtulo Bernardi, ameaçando de degenerar gravemente<sup>788</sup>. A biografia Compilação de Assis narra que o bispo de Assis excomungara o *podestà*. Em revanche, o *podestà* mandou anunciar pelas ruas da cidade, ao som da trombeta, que ninguém podia mais comerciar com o bispo ou fazer com ele qualquer contrato legal. Preocupando-se, então, com o risco de um conflito entre autoridade religiosa e civil, Francisco conhece bem as duas supremas autoridades de sua cidade. Condoia-se porque ninguém procurava restabelecer a paz, a concórdia e o perdão entre eles<sup>789</sup>. Veio-lhe então a inspiração de acrescentar uma nova estrofe ao Cântico sobre o perdão e a conservação da paz nos sofrimentos<sup>790</sup>.

Francisco compôs a segunda estrofe, aquela da paz, e a fez cantar, por dois dos frades que testemunham, tanto para o bispo quanto para o *podestà*, que se reconciliaram, comovidos pela intervenção de um personagem que ambos amavam. O relato conforme o biógrafo, com detalhes, nos faz saber deste

<sup>786</sup> “Vai e dize de minha parte ao *podestà* que ele, com os grandes da cidade e outros que pode levar consigo, - *veniat ad episcopatum* - venha ao bispado” (CA 84,8). É o que sugere a crítica interna da Compilação de Assis, logo após ter composto a estrofe do perdão.

<sup>787</sup> “Fazei imediatamente muitos exemplares da outra carta que vos envio para que a entregueis aos *podestàs*, aos *cônsules* e aos dirigentes e na qual estão contidos os louvores de Deus a serem publicados entre o povo e nas praças”. Escreve Francisco, na Carta aos Custódios (2Ct 6). O *podestà* na Idade Média italiana era o governador ou administrador da vida pública da comuna cidade estado, é quem assegura a justiça, o bem estar da população, protege as fronteiras, a política interna e externa e guia o exército nas guerras. Cf. *Podestà*. In.: *VLI*, p. 1421.

<sup>788</sup> Cf. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 290; 324.

<sup>789</sup> No comentário – Paráfrase - à Oração ao Pai-Nosso, Francisco admoesta: “Assim como nós perdoamos aos nossos devedores (Mt 6,12): e o que não perdoamos plenamente, Senhor, fazei-nos perdoar plenamente, para que, por amor a vós, amemos verdadeiramente os inimigos e intercedamos devotamente por eles junto a vós, a ninguém retribuindo mal com mal (cf 1Es 5,15), e que nos esforcemos para, em vós, sermos úteis em tudo” PN 8.

<sup>790</sup> Cf. SILVEIRA, I. São Francisco de Assis e “Nossa Irmã a Mãe Terra”. *Op. Cit.* 41-42

momento de alegria vivido por Francisco, quando realiza a missão de paz com o seu Cântico, alcançando a graça do perdão entre eles (cf. CA 84)<sup>791</sup>.

Este fato causa muita admiração nos irmãos, consideraram mais ainda a santidade do bem-aventurado Francisco, pois se cumpriu como ele desejou sobre a paz entre o bispo e o podestà. Todos os presentes consideram este fato como um milagre da ação de Deus na pessoa de Francisco. Estes poucos versos bastaram para impedir uma guerra civil<sup>792</sup>.

Quando os frades tornam a entrar na sede do bispado e relatam tudo que tinha acontecido a Francisco a preciosa vitória que ele alcançara, com o seu Cântico, sobre o fim da maldade causada pelos ‘espíritos malignos da discórdia’, a alegria tomou conta do coração de Francisco, pois testemunha mais uma vez a misericórdia do Senhor em favor dos seus filhos. E esta cena teve lugar entre maio e setembro de 1226<sup>793</sup>.

A mística de Francisco guarda, com motivação evangélica, pois “felizes são os que agem em prol da paz, eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9), na leitura, estudo e meditação, deste acontecimento e de muitos outros<sup>794</sup>, a tônica da paz e da reconciliação entre os irmãos e irmãs, não sem razão escreve o sétimo sucessor e biógrafo de Francisco, São Boaventura:

Iminente já a hora de seu trânsito, mandou que fossem chamados a si todos os irmãos que estavam no lugar e, confortando-os com palavras de consolação por

<sup>791</sup> E como ele fazia, queria que os seus frades também o fizessem: “E temos a discórdia entre o Prefeito de Assis e o Bispo Guido. O santo acrescentou mais uma estrofe ao Cântico das Criaturas e mandou frades para que, reunidos o Prefeito e o Bispo, o cantassem. Resultado: Prefeito e Bispo de reconciliaram”. LORSCHIEDER, Dom Aloísio. O franciscano e o engajamento político. In: *CF* 10 (1996), p. 18.

<sup>792</sup> Com aguda propriedade discorre sobre a guerra, o teólogo José Comblin: “Na Idade Média européia como em Roma, como em Esparta, como no império dos mongóis, ou dos turcos, a guerra era a razão de ser da classe dirigente, e a sua única atividade. A guerra é ambígua: ela é generosidade, mas também homicídio. Ela esconde a sua realidade: apresenta-se como heroísmo, mas na realidade ela é expressão suprema de orgulho... a guerra é endêmica. As suas raízes são profundas demais no ser humano. Contudo a voz da razão confirma a mensagem cristã: a guerra há de ser substituída por outros meios: pela palavra. A política não se reduz à guerra e não tem na guerra a sua expressão consumada. A política, arte de resolver os problemas das relações humanas, constrói-se mediante o exercício da palavra”. COMBLIN, J. Antropologia cristã. *Op. Cit.*, p. 205-208. Francisco faz uso desta palavra, cantada por seus frades, faz uso da arte da política, pela palavra restauradora da concórdia.

<sup>793</sup> Cf. JOERGENSEN, J. São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 392.

<sup>794</sup> Um acontecimento muito conhecido por todos os que relembram a presença de Francisco na cidade de Gúbio está relacionado com o lobo amansado e a conquista da convivência pacífica se constituindo em verdadeira fraternidade de irmãos e irmãs. A fonte que no-lo relata é muita tardia (Fior. 21), porém, a tradição é muito forte. O acontecimento costuma ser localizado por volta do ano 1220. O episódio da pacificação do lobo de Gúbio convida-nos a questionar-nos sobre nossos compromissos como seguidores e seguidoras de Jesus Cristo na disposição para a construção da paz. Cf. URIBE, F., Pelos caminhos de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 176-177.

sua morte, com paternal afeto os exortou ao amor de Deus. Deixando-lhes e legando-lhes também em sucessão hereditária a posse da pobreza e da paz (Lm 6,4).

Francisco está, naquela ocasião, hospedado no palácio do bispo de Assis, roga aos irmãos que o transportem apressadamente ao eremitério de Santa Maria da Porciúncula. “Pois queria entregar a alma a Deus lá onde, como foi dito, no início conheceu com perfeição o caminho da verdade (cf. Sl 118,30)” (1Cel 108,12. cf. LM 14,2). Escreve Raoul Manselli:

Francisco, ao passar do Palácio do Bispo à Porciúncula, não tinha podido ver Clara, mas, entre tantos que acompanhavam o pobre doente, a despedida definitiva – isto já era sem possibilidade de dúvida – foi silenciosa. Ao longo da estrada, outro ato de amor: abençoou a sua Assis<sup>795</sup>.

O ser humano Francisco se encontra em sua condição privilegiada de criatura de amor que inaugura o canto novo da misericórdia e do perdão. Um novo senso de hospitalidade cortês e digna foi inaugurado, bem como de exuberante alegria fraterna com toda a criação<sup>796</sup>.

#### 4.5.4.

#### O Cântico das Criaturas no Convento da Porciúncula 12-14

Francisco teria acrescentado a terceira estrofe na iminência do fim, coerentemente com aquele seguimento radical ao Altíssimo Senhor Jesus Cristo que se fez nosso irmão, sobre o qual mais vezes tinha retornado com o exemplo da vida e dos escritos.

Se historicamente pode ser observado estes três momentos, a este dado de fato, seja-nos permitido acrescentar que esse não contradiz a unidade estética do Cântico, porque esta se recupera na tensão poética e lírica constante de Francisco que, ampliando a primeira redação, desenvolveu-lhe e completou-lhe a inspiração orgânica e íntima com atitude atenta de pastor e guia<sup>797</sup>.

Esta última estrofe do Cântico foi composta no início de outubro de 1226, quando Francisco estava quase agonizante. Quando o médico que o

<sup>795</sup> MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p. 325.

<sup>796</sup> Cf. DEL ZOTTO, C.B., Criado. In.: *DF*, p. 125.

<sup>797</sup> Cf. MANSELLI, R., São Francisco. *Op. Cit.* p.280-290.

tratava, um aretino chamado Bongiovanni, viu que Francisco queria saber dele a verdade sobre seu estado de saúde, respondeu abertamente: “eu creio que ainda poderás viver até o fim de setembro ou os primeiros dias de outubro”. Os biógrafos narram que o santo ficou um momento silencioso, depois estendeu as mãos ao céu, e “com grande alegria de mente e de corpo disse, acolhendo a morte: “Bem-vinda seja minha irmã morte!”. E, como se estas palavras houvessem aberto a fonte poética no seu coração, ele acrescentou ao seu Cântico a última estrofe<sup>798</sup>.

O santo ainda que estivesse mais prostrado pelas doenças do que habitualmente, Francisco parece ser penetrado de uma nova alegria da mente, sabendo que a irmã morte se aproximava dele, e com grande fervor de espírito louvou o Senhor. Sabendo que era iminente a hora (cf. Hb 9,9) da sua morte, Francisco chama junto a si dois irmãos e filhos seus prediletos, ordenando-lhes que cantassem em alta voz e na exultação (cf. Sl 106,22) do espírito os Louvores ao Senhor<sup>799</sup> pela morte próxima, ou antes, pela vida tão próxima (cf. 1Cel 109,5-6)<sup>800</sup>.

O bem-aventurado Francisco, embora estivesse muito atormentado pelas enfermidades, louvou o Senhor com grande fervor de espírito e com grande alegria de alma e de corpo e disse-lhe: “Portanto, se devo morrer em breve, chamai-me frei Ângelo e frei Leão para que cantem para mim algo da irmã morte”. Estes irmãos foram à presença dele e, com muitas lágrimas, cantaram o Cântico do Irmão Sol e das outras criaturas do Senhor, o qual o próprio santo compôs em sua enfermidade para o louvor do Senhor e para consolação de sua alma e dos outros; neste canto, antes do último verso, colocou um verso sobre a irmã morte (CA 7)<sup>801</sup>.

Esta estrofe, portanto, é uma saudação de boas-vindas que Francisco dirige à sua própria morte. Não se trata aqui de uma elevação espiritual ou de uma exortação sobre o tema da tanatologia<sup>802</sup> em geral. Esta estrofe exprime um encontro existencial do santo poeta com sua própria morte, um encontro

<sup>798</sup> Conforme *EeB* nota 10, p. 70.

<sup>799</sup> Conforme nota 145 das FF, “Laudes Domino” correspondem aqui ao “Cantico delle Creature”.

<sup>800</sup> Cf. JOERGENSEN, J., São Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 392-393.

<sup>801</sup> O mesmo texto se encontra na narrativa do 2 EP (M) 123.

<sup>802</sup> Do grego: Tana(t) + logia = thanatologia. Teoria ou estudo sobre a morte, suas causas e fenômenos a ela relacionados. Estudo dos mecanismos psicológicos usados para superar os efeitos da morte na mente humana. Cf. *DH*, p. 2666.

com o ‘fato da morte’<sup>803</sup>. Ela é a celebração desse memorável e definitivo encontro, onde o Altíssimo diz a última palavra.

A estrofe dedicada à irmã morte acrescentada por Francisco no contexto imediato à sua partida, quando tinha quase chegado a um sofrimento sem limites, à sensação de estar profundamente só e a um vazio inimaginável, discorre Celano na sua segunda biografia, “as irmãs angústias”, “os irmãos tormentos” de Francisco: “Penso que a principal razão de seus sofrimentos foi que, como ele mesmo afirmava com relação a outros, há grande retribuição por suportá-los (cf. Sl 18,12)” (2Cel 212)<sup>804</sup>.

O Cântico à vida convoca à superação de todos os limites e todas as barreiras, incluindo a própria morte corporal, para ingressar numa criação redimida e reconciliada, que conhece a bem-aventurança do ser de Deus. Há um novo ardor que Francisco mostrava como que o último lampejo de uma luz que está para se extinguir. O Cântico floresceu muito antes no coração de Francisco e somente depois nos seus lábios. Muito antes, no início da sua conversão o Cântico inicia sua trajetória na vida de Francisco que se iniciava em São Damião, onde em 1206 “a imagem do Cristo crucificado, movendo os lábios da pintura, fala-lhe, enquanto ele estava assim comovido. Chamando-o, pois, pelo nome” (2 Cel 10)<sup>805</sup>.

O importante, para o conteúdo e o significado do Cântico, é que ele não foi escrito em um momento de alta excitação sentimental, como por exemplo em uma bela manhã de primavera (como se poderia facilmente imaginar), mas, como testemunham unanimemente as Fontes, brotou da doença e da tribulação, nas etapas finais da sua vida. Como a inaugurar uma saudação final, um discurso derradeiro em forma de testamento afetivo<sup>806</sup>, ao seu melhor estilo místico: a louvação<sup>807</sup>.

<sup>803</sup> Cf. LECLERC, E., O cântico das Criaturas ou os símbolos da união. *Op. Cit.* p. 139.

<sup>804</sup> Francisco, “enquanto rezava, assim posto na luta obteve finalmente do Senhor a promessa da vida eterna... e disse-lhe o Senhor: “Então exulta, porque tua enfermidade é a garantia de meu Reino” 2 Cel 213.

<sup>805</sup> Cf. SOLSONA, J., Presentación del “Cántico del Hermano Sol”. *Op. Cit.* p. 18-19.

<sup>806</sup> “O Cântico das Criaturas, escreveu o P. Estevão Ignudi OFM Conv., é o testamento do Santo; é louvor à vida na soleira da morte; o abraço aos homens e mulheres na hora da separação; é a melodia na amargura do sofrimento; é o amor que supera a dor; é o princípio da nossa arte; é o segredo de nosso caráter de cristãos completos; é o segredo da nossa imortalidade”. Apud. TURETTA, V., *São Francisco de Assis*. Assis: Porziuncola, 1977, p. 59.

<sup>807</sup> Cf. LEHMANN, L., Francisco mestre de oração. *Op. Cit.*, p. 217.

O Altíssimo concede uma visão na qual a luz de Deus e a alegria da salvação resplandecem precisamente como num abismo. A base desta realidade, as três etapas aqui apresentadas, não pode radicar de nenhum modo em uma ingênua mística da natureza, nem numa mera embriaguez poética. O fundamento não pode ser senão a certeza da fé do santo, em virtude da qual lhe fora dado experimentar: a mão do Criador está diretamente unida à sua obra e nunca a abandona. O amor fecundo de Deus experimentado em Cristo, um amor que faz de nossa fragilidade e obscuridade sua própria casa, Francisco recebe a força para descobrir nas extremas enfermidades e precariedades da sua existência humana uma luz que brota da fonte original. E como a partir dessas etapas o amor de Deus não reside somente nas alturas, pois na encarnação vem ao encontro da nossa pequenez, se abre num abraço e transforma com sua misericórdia todo o âmbito de nossa vida, a alegria e o sofrimento, a vida e a morte<sup>808</sup>.

Em síntese: a perspectiva da doença como instrumento místico de salvação bem pode ser percebida nas circunstâncias que envolvem a realização do Cântico, que, além de uma oração escrita corajosamente em língua úmbra, italiano antigo, torna-se uma referência para a compreensão da mística de Francisco atribulado pelas enfermidades, compreensão sinopse da sua experiência mística da fraternidade universal, um importante documento, gestado em toda a sua vida e nascido nas três etapas sucessivas aqui apresentadas, um importante registro documental místico para a história literária italiana<sup>809</sup>.

O Cântico, ditado num momento de grande debilidade física de Francisco: passado mais de cinquenta dias recluso numa cela, permanecendo na penumbra em virtude da fotofobia que lhe causava o problema das vistas e sentido fortes dores que o impediam de dormir, Primeira parte, no Convento de São Damião, aos cuidados de Clara de Assis e suas irmãs. O homem de Assis ora pedindo auxílio para suportar com paciência suas tribulações, quando recebe como resposta a certeza da gratificação (cf. LP 43). Calmo, não exige tratamento especial, agradece o sofrimento, pois que este seria garantia da participação no Reino dos Céus, males e dores como instrumentos de salvação.

<sup>808</sup> Cf. GERKEN, A., La intuición teológica de san Francisco de Asís. *Op. Cit.* p. 173.

<sup>809</sup> Cf. VISALLI, A.M. O Corpo no pensamento de Francisco de Assis. *Op. cit.* p. 131-136.

Todo sofrimento é, para Francisco, associado ao próprio sofrimento de Cristo e, por outro lado, recebe uma aura de positividade por ser considerado instrumento de salvação.

### Conclusão parcial

O objetivo deste capítulo é promover uma introdução orquestrada pela realidade literária que a pesquisa motivou, possibilitou-nos a partir das muitas referências em que se encontra o estado da pesquisa do Cântico.

Somos impelidos a entender melhor o que o nosso autor Francisco quer dizer com sua vida itinerante, no limite da saúde, no limite da realidade, com sua vitalidade última, ao compor sua obra literária mais lírica e emblemática, pujante e penetrante à raiz da condição humana, do louvor ao perdão. A reconciliação necessária à bem-aventurança destinada aos felizes. Obra definitiva e resultado da sua noite escura, vida em morte, contemplativa e salvadora, no sentido terapêutico, como ensina Adélia Prado, no poema ‘ex-voto’: “Ao escolher palavras com que narrar minha angústia, eu já respiro melhor. A uns Deus os quer doentes, a outros quer escrevendo”<sup>810</sup>.

Não há dúvida de seu caráter poético místico, não há paradoxos, mas condução ao louvor com todas as forças harmoniosas do cosmos.

Naquele momento histórico da vida do Santo, sob as novas orientações da civilização europeia nos inícios da Idade Moderna, sob o alvorecer de novas ideias, o Cântico se apresenta como um sinal emblemático. Oferece o sentido daquilo que está surgindo e se afirma na expressão religiosa individual contra o universalismo latino da velha mentalidade cristã, como mais viva e mais fiel representação da realidade. Representa aquilo que existe de fresca eficácia e o fascínio que devolve o ser humano à sua terra natal para afirmar, de maneira renovada e renovadora, uma continuidade de revelação entre cristianismo e sociedade.

Os últimos anos da vida de Francisco (1220-1226), o santo assiste com sacrifício físico, debilitado, com seu doloroso distanciamento da organização religiosa que havia terminado de iniciar (fundar), mas não como um ‘vencedor’. O Cântico irrompe, naquele momento da sua vida, naqueles

<sup>810</sup> PRADO, Adélia. *Oráculos de maio*. São Paulo: Siciliano, 1999, p. 83.

últimos anos, dos dias e noites de agitação interior, de sofrimentos físicos, mas, junto com o seu Testamento, é o documento mais individual que ele tenha deixado da sua peculiar concepção religiosa, a expressão mais completa e lírica, a síntese em chave cósmica, uma fotografia exemplar e única, paradigmática da sua alma amorosamente dedicada ao Altíssimo e à sua santa vontade.

O motivo dominante do Cântico é o louvor ao Criador para agradecer-lhe por suas criaturas. Ele não é escrito em um momento de alta excitação sentimental ou inspiração sublime em estado de êxtase mística, ou numa bela manhã de primavera, mas, como testemunham todas as fontes, sua origem está inserida no momento da doença e da tribulação. O Cântico é um hino dirigido a Deus, cuja beleza se reflete na criação e cuja misericórdia pelo mundo manifestou-se na redenção realizada por Cristo. É o salmo franciscano, poesia do abraço cósmico que Francisco dá ao mundo, expressando em nome de toda criatura a sua participação fraterna na harmonia universal. Motivado por esta atitude, Francisco demonstra a sua relação amorosa à criação, que é obra das mãos de Deus.

As condições do tempo em parte explicam o ideal de Francisco e a possibilidade de sua realização. Do comerciante Francisco tinha conservado o espírito prático e a previsão. É um poeta, um entusiasta, um idealista; mas, se com a cabeça toca o próprio céu, sempre permanecerá com os pés em terra. Celeste e telúrico: “A harmonia terrestre corresponde a ordem celeste e assim vigora uma harmonia cósmica”<sup>811</sup>. E esta é verdadeiramente sua originalidade. Como antes da conversão, assim também depois dela, nele não existem idéias abstratas. “Francisco não discorre, não discute por meio de raciocínios, mas por imagens, parábolas, cantos, fatos. “Representar para comover; comover para convencer”<sup>812</sup>.

Veremos nos dois próximos capítulos, centro da contribuição da nossa pesquisa, do nosso desdobrar em compreender a mística de Francisco sob a lógica do Cântico, verificaremos a partir da estrutura do Cântico, o corpo do Cântico, a motivação da bênção: louvar a Deus pelas criaturas e juntamente com elas. Trata-se que Francisco quer fazer chegar até Deus um canto de

<sup>811</sup> BOFF, L., Ternura e Vigor. *Op. Cit.* p. 111.

<sup>812</sup> ZAVALLONI, R., A personalidade de Francisco de Assis. *Op. Cit.* p. 17.

exultação pelas obras da criação. O louvor está precisamente na harmonia das coisas criadas. Exatamente neste ponto é que o pensamento e o coração de Francisco se confundem com o pensamento e o coração da Palavra de Deus<sup>813</sup>.

Resta-nos introduzir ao âmago do texto, vislumbrar, no próximo capítulo os primeiros elementos do louvor. Em análise interna, como este é constituído de uma estrofe inicial de louvor e uma final de carácter doxológico. É do que nos ocuparemos a seguir.

---

<sup>813</sup> “É por excelência a exaltação do coração de Francisco, íntimo com o coração de Deus Criador, a composição poética em versos assonantes e, portanto de profunda entonação bíblica”. CASELLA, Mario. Canticos delle Creature. In.: *DBO*, p. 1152.